

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Escola Superior de Educação Física**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação Física**



Dissertação de Mestrado

**COMO NOS TORNAMOS TREINADORES(AS)? ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS  
DE TREINADORES(AS) DE GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO**

**Valéria Fim**

Pelotas, 2024

**Valéria Fim**

**COMO NOS TORNAMOS TREINADORES(AS)? ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS  
DE TREINADORES(AS) DE GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para à obtenção de título de mestre em Educação Física.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andrize Ramires Costa

Coorientador: Prof. Dr. Vinicius Zeilmann Brasil

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

F439c Fim, Valéria

Como nos tornamos treinadores(as)? Análise das trajetórias de treinadores de ginásticas de competição. [recurso eletrônico] / Valéria Fim; Andrize Ramires Costa, orientadora; Vinicius Zeilmann Brasil, coorientador. — Pelotas, 2024.

114 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Educação Física e Treinamento. 2. Formação Profissional. 3. Ginástica. I. Costa, Andrize Ramires, orient. II. Brasil, Vinicius Zeilmann, coorient. III. Título.

CDD 796

Valéria Fim

COMO NOS TORNAMOS TREINADORES(AS)? ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE  
TREINADORES(AS) DE GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 15 de janeiro de 2024.

Banca examinadora:

Profª Drª Andrize Ramires Costa (orientadora)

Doutora Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eliana de Toledo Ishibashi

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profª Drª Paula Cristina da Costa Silva

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Profª Drª Franciele Roos da Silva Ilha (Suplente)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

**Dedico este trabalho ao meu filho, esposo, aos meus pais, avós, irmãs, professores e amigos.**

## **Agradecimentos**

Que alegria em poder chegar até aqui, de ter tido tempo para recalcular a rota, refletir e agora poder vibrar essa sensação de vitória. Foram dias difíceis, noites em claro e hoje reconhecendo minhas limitações e anseios, me sinto honrada por ter tido a oportunidade de encerrar mais um ciclo importante de constante aprendizado. Diante a conclusão desta etapa, quero registrar aqui meus sinceros agradecimentos a pessoas que se fizeram muito presentes durante este período de intensas emoções.

Ao meu filho Antônio, grande incentivador para que eu não desistisse dos meus sonhos e por ter me proporcionado chegar à minha melhor versão.

Ao meu esposo Bruno, pela parceria, carinho e incentivo que me fazem continuar sempre.

Aos meus pais, pela existência, apoio e educação. Em especial minha mãe, por estar sempre ao meu lado, me orientando nas dificuldades da vida e principalmente nesta nova fase da maternidade, sem medir esforços para me ajudar.

As minhas irmãs, nas quais sempre foram meus pilares.

Aos meus avós, por todo afeto (em especial ao meu querido avô Leopoldo que partiu durante esta etapa, mas sei que você segue sempre vibrando por mim).

À minha orientadora Andrize, por toda ajuda, compreensão e me mostrar o quanto sou capaz.

À Universidade Federal de Pelotas e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade de ensino oferecido.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa, por terem dividido tantos momentos de alegria e de aprendizado.

À minha banca avaliadora, pela disponibilidade para contribuir neste estudo.

Aos treinadores de ginástica de nosso Estado, que prontamente aceitaram o convite para participarem deste estudo.

À Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul, pela disposição em atender quaisquer informações que me fossem necessárias, em especial, minha querida amiga e secretária da federação Mari Leite que prontamente me colocou em contato com todos os treinadores.

Ao João Carlos Oliva, que além de transmitir ensinamentos em sala de aula, confiou no meu potencial e meu deu a primeira oportunidade de trabalhar na área da

ginástica. Durante o percurso sempre estive presente e foi responsável por me apresentar ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas. À Deus e meus mentores espirituais por terem me concedido o privilégio de construir uma família maravilhosa e também me orientarem a realizar este grande desafio. Por fim, a todos aqueles que torceram e contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho.

*“Nossa maior fraqueza está em desistir. O caminho mais certo de vencer é tentar mais uma vez.” (Thomas Edison).*

## RESUMO

FIM, Valéria. **Como nos tornamos treinadores(as)? Análise das trajetórias de treinadores(as) de ginásticas de competição.** Orientadora: Andrize Ramires Costa. Coorientador: Vinicius Zeilmann Brasil. 2024. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Esta investigação insere-se no contexto da formação profissional para a intervenção no esporte, com o foco na trajetória profissional de treinadores e treinadoras, sendo estes reconhecidos como protagonistas na oferta da experiência esportiva sistematizada. O principal objetivo desta pesquisa foi analisar a trajetória de treinadores(as) de ginásticas de competição do Estado do Rio Grande do Sul. Já os objetivos específicos foram: (1) descrever os eventos marcantes da trajetória de vida pessoal e profissional dos treinadores e treinadoras; (2) analisar as experiências pré e pós-formação profissional; (3) verificar as fontes de conhecimentos necessários ao ensino das ginásticas de competição. Adotou-se por seguir o método descritivo, de corte transversal, com uma abordagem qualitativa, a partir da técnica de estudos de casos múltiplos, envolvendo quatro treinadores(as) de ginásticas de competição com no mínimo quatro anos de experiência profissional e que fazem parte do comitê técnico da Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi realizada a partir de encontros virtuais, via plataforma *Skype* com gravação de áudio e vídeo, onde no primeiro encontro foi realizado o preenchimento da linha do tempo (*Rappaport Time Line*) e no segundo encontro foi aplicado um roteiro de entrevista composto de duas partes (estruturada e semiestruturada). As informações coletadas foram categorizadas e analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo. A credibilidade das descrições e interpretações do pesquisador foi obtida por meio da confirmação dos treinadores após analisarem as transcrições das entrevistas. Verificou-se que a trajetória profissional destes treinadores iniciou com forte influência da família para inserção na prática esportiva. Já a relação com seus treinadores foi apontada por todos os sujeitos como motivo de permanência no esporte. Os resultados que eles vêm obtendo por meio das suas atuações é o combustível que os faz permanecerem como treinadores. Pode-se perceber também que a vivência na prática esportiva teve papel fundamental na escolha profissional, assim como, na permanência da mesma. As experiências profissionais ocorreram para a grande maioria ainda no período pré-formação por convite de seus próprios treinadores, assumindo os papéis de auxiliar técnico, monitor ou instrutor da modalidade. Em relação às fontes de conhecimento os treinadores indicaram uma variedade de situações de aprendizagem, sendo as principais do contexto informal as experiências de prática esportiva, compartilhamento de informações e intercâmbio de treinamento, já no contexto não formal todos foram unânimes em mencionar os cursos específicos da modalidade. O caminho para se tornar um treinador é a partir da construção e reconstrução pessoal de suas vivências, crenças e valores ao longo da sua vida. Esperamos que estes resultados possam contribuir na qualificação e formação inicial de futuros treinadores.

Palavras-chave: Educação Física e Treinamento. Formação Profissional. Ginástica.

## ABSTRACT

FIM, Valéria. **How do we become coaches? Analysis of the trajectories of competitive gymnastics coaches.** Advisor: Andrize Ramires Costa. Co-advisor: Vinicius Zeilmann Brasil. 2024. 114f. Dissertation (Master degree in Physical Education) - Postgraduate Program in Physical Education, Higher School of Physical Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

This investigation is part of the context of professional training for intervention in sport, with a focus on the professional trajectory of coaches, who are recognized as protagonists in offering a systematized sporting experience. The main objective of this research was to analyze the trajectory of competitive gymnastics coaches in the State of Rio Grande do Sul. The specific objectives were: (1) to describe the significant events in the personal and professional life trajectory of the coaches ; (2) analyze pre- and post-professional training experiences; (3) verify the sources of knowledge necessary for teaching competitive gymnastics. It was adopted by following the descriptive, cross-sectional method, with a qualitative approach, based on the technique of multiple case studies, involving four competitive gymnastics coaches with at least four years of professional experience and who are part of the technical committee of the Gymnastics Federation of Rio Grande do Sul. Data collection was carried out through virtual meetings, via the Skype platform with audio and video recording, where in the first meeting was completed by completing the timeline (Rappaport Time Line) and in the second meeting an interview guide composed of two parts (structured and semi-structured) was applied. The information collected was categorized and analyzed using the content analysis technique. The credibility of the researcher's descriptions and interpretations was obtained through confirmation by the coaches after analyzing the interview transcripts. It was found that the professional trajectory of these coaches began with a strong influence from the family to enter sports practice. The relationship with their coaches was cited by all subjects as a reason for staying in the sport. The results they have been obtaining through their performances are the fuel that makes them remain as coaches. It can also be seen that experience in sports played a fundamental role in professional choice, as well as in remaining there. Professional experiences occurred for the vast majority during the pre-training period at the invitation of their own coaches, assuming the roles of technical assistant, monitor or instructor of the sport. Regarding the sources of knowledge, the coaches indicated a variety of learning situations, the main ones in the informal context being sports practice experiences, information sharing and training exchange, while in the non-formal context everyone was unanimous in mentioning the specific courses of the modality. The path to becoming a coach is through the personal construction and reconstruction of your experiences, beliefs and values throughout your life. We hope that these results can contribute to the qualification and initial training of future coaches.

Keywords: Physical Education and Training. Professional Training. Gymnastics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Organograma da organização da ginástica internacionalmente.....	25
Figura 2	Ginástica de competição – Principais eventos e primeira aparição.....	27
Figura 3	Estrutura de certificação e habilitação para treinador esportivo no Brasil.....	35
Figura 4	Atuação profissional como treinador de ginástica no Brasil.....	36
Figura 5	Informações biográficas dos treinadores participantes.....	46
Figura 6	Experiências e significados de prática pessoal e profissional marcantes em cada fase das trajetórias dos treinadores.....	61
Figura 7	Contextos e situações de aprendizagem profissional dos treinadores.....	67

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Contextos e situações de aprendizagem dos treinadores	68
----------	---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
GA	Ginástica artística
GACRO	Ginástica acrobática
GAE	Ginástica aeróbica
GAF	Ginástica artística feminina
GAM	Ginástica artística masculina
GC	Ginásticas de competição
GNU	Grêmio Náutico União
GR	Ginástica rítmica
GT	Ginástica de trampolim
EF	Educação Física
ESEFID	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
FE	Federações estaduais
FGRS	Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul
FIG	Federação Internacional de Ginástica
RTL	Rappaport Time Line
SOGIPA	Sociedade de Ginástica de Porto A
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UPAG	União Pan-Americana de Ginástica

## SUMÁRIO

<b>PONTO DE PARTIDA</b> .....	15
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>1 O PROBLEMA E A SUA RELEVÂNCIA</b> .....	18
1.1 Objetivo geral e específicos.....	21
1.1.1 Objetivo geral.....	21
1.1.2 Objetivos específicos.....	21
1.2 Justificativa.....	21
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	24
2.1 Ginástica: aspectos históricos, campos de atuação e sistema de organização.....	24
2.2 Ginásticas de competição.....	27
2.2.1 Ginástica artística.....	27
2.2.2 Ginástica rítmica.....	28
2.2.3 Ginástica de trampolim.....	29
2.2.4 Ginástica aeróbica.....	30
2.2.5 Ginástica acrobática.....	31
2.2.6 <i>Parkour</i> .....	32
2.3 Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos.....	34
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	40
3.1 Delineamento da pesquisa.....	40
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	40
3.3 Instrumentos para a coleta de dados.....	41
3.4 Procedimentos para a coleta de dados.....	43
3.5 Tratamento de dados.....	44
3.6 Limitações do estudo.....	45
3.7 Procedimentos éticos.....	45
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	46
4.1 A trajetória de vida dos treinadores.....	46
4.1.1 Quem é T1?.....	47
4.1.1.1 As experiências de prática esportiva.....	48
4.1.1.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação).....	49
4.1.1.3 Como se tornou treinador (pós-formação).....	49

4.1.2 Quem é T2?.....	51
4.1.2.1 As experiências de prática esportiva.....	52
4.1.2.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação).....	53
4.1.2.3 Como se tornou treinador (pós-formação).....	53
4.1.3 Quem é T3?.....	54
4.1.3.1 As experiências de prática esportiva.....	55
4.1.3.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação).....	55
4.1.3.3 Como se tornou treinador (pós-formação).....	56
4.1.4 Quem é T4?.....	56
4.1.4.1 As experiências de prática esportiva.....	57
4.1.4.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação).....	58
4.1.4.3 Como se tornou treinador (pós-formação).....	58
4.2 Análise das trajetórias dos treinadores.....	60
4.2.1 Ingresso e permanência na prática esportiva.....	61
4.2.2 Ingresso e permanência dos treinadores na carreira profissional.....	64
4.2.3 As fontes de conhecimento dos treinadores de ginástica de competição..	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>105</b>

## PONTO DE PARTIDA

Quando criança sempre gostei muito de praticar atividade física, brincar de pega-pega, esconde-esconde, cabra-cega, nilcon e até mesmo basquete com os vizinhos, quicando a bola no paralelepípedo e usando as lixeiras da rua como cestas, mas minha brincadeira favorita era fazer acrobacias com a minha irmã caçula e o local escolhido era a cama dos meus pais. Recordo-me também, de auxiliar minha irmã a fazer parada de cabeça na frente da porta do roupeiro, fazer pirâmides com as bonecas e bichos de pelúcia, passávamos horas brincando desta forma. No turno da manhã ia para a escola, e de lá tenho lembranças de uma sala uma sala bem grande com colchões, corda para escalar, piscina de bolinhas, banco sueco e um trampolim, onde me recordo de tentar fazer alguns movimentos gímnicos, mas sem saber que aquilo era ginástica. Na época eu os chamava de cambalhota, bananeira, estrelinha e ponte. Na adolescência pratiquei handebol, onde competia pela escola e até mesmo tenho recordações das viagens com o time. A figura do meu professor de educação física (José Branco Felippsen) foi sempre muito importante, pois ele me acompanhou desde o ensino fundamental até a formatura do ensino médio, tornando-se uma grande referência na minha formação pessoal e profissional. No último ano escolar, já sabia da minha decisão, estava convicta que iria prestar vestibular para Educação Física. Atribuo essa escolha da carreira profissional tanto pelo gosto de praticar esporte quanto a influência do meu professor José. Admirava muito a sua postura e didática. Minha trajetória acadêmica iniciou no ano de 2009 quando ingressei no curso de Educação Física – licenciatura – na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na época meu interesse era em trabalhar com a modalidade handebol, já que eu havia sido atleta durante meu período escolar. No terceiro semestre da graduação conheci o Projeto de Vivências na Ginástica Artística coordenado pelo professor João Carlos Oliva, responsável pelas disciplinas de ginástica na graduação. Neste instante surgiu o interesse por esta modalidade, onde iniciei como voluntária do projeto e poucos dias depois me tornei bolsista de extensão. Para aprimorar meus conhecimentos na área da ginástica, participei de forma voluntária no projeto de ginástica artística de alto-rendimento, que também acontecia no ginásio da universidade, no horário posterior ao meu turno de trabalho. Meu papel era auxiliar as atletas com a supervisão da treinadora principal e dessa maneira pude ampliar meus conhecimentos. Durante

três anos trabalhei com crianças e adolescentes neste projeto de extensão, onde tive a oportunidade de participar de eventos da federação de ginástica do Rio Grande do Sul, como copas escolares e festivais. Além do projeto, tive a oportunidade de trabalhar no contexto escolar no setor extraclasse como monitora de ginástica infantil em duas empresas terceirizadas chamada *Gymnastic Stars* e *Gym Kids*. Durante a graduação me matriculei em todas as disciplinas relacionadas ao campo da ginástica (artística, rítmica e trampolim), pois nesta fase já estava decidida a trabalhar com este esporte. Após obter meu título de graduação no final de 2012, iniciei o ano de 2013 como técnica desportiva de ginástica artística e rítmica em dois colégios particulares de Porto Alegre. Para dar continuidade aos meus estudos, me inscrevi em uma pós-graduação na Universidade Estácio de Sá. Foram dois anos de especialização em Educação Física Escolar. Ao conquistar o título de pós-graduada em 2016, neste mesmo ano ingressei no curso de bacharel em Educação Física na UFRGS. Foram mais dois anos de graduação e então no segundo semestre de 2016 obtive meu título de bacharelado. Em março de 2018, iniciei em mais um colégio particular como técnica desportiva de ginástica rítmica. Neste mesmo ano, iniciei o curso de especialização em Técnico Desportivo na UFRGS. Ao finalizar o curso em agosto de 2020, pensei em dar seguimento na vida acadêmica e participei do processo seletivo para mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. Após minha aprovação em setembro do mesmo ano, iniciei meu curso sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra Andrize Ramires Costa na linha de pesquisa: formação profissional e prática pedagógica. No grupo de pesquisa da minha orientadora, participei de muitos eventos relacionados à ginástica, como congressos, festivais, fóruns e muito mais. Sou grata por toda experiência que tive no decorrer da minha trajetória de vida, principalmente durante meu período acadêmico, pois não vim do meio da ginástica e hoje são mais de 10 anos trabalhando na área com a minha escola Ginastas em Ação dentro de colégios particulares, oportunizando crianças e adolescentes a se aprofundarem nas modalidades de ginástica artística e rítmica, movimentando o corpo e descobrindo o quanto são capazes de estarem enfrentando novos desafios. A partir da minha trajetória, onde minha principal fonte de conhecimento na área da ginástica surgiu dentro da universidade, tanto nas escolhas das disciplinas ofertadas pelo curso de educação física, como na minha experiência dentro de um projeto de extensão universitária, surge essa pesquisa, com o intuito de analisar como outros

profissionais se tornaram treinadores de ginástica, se tiveram uma bagagem como atleta/vivência como praticante, se foi a partir do ingresso no mundo acadêmico, assim como eu, ou se foi uma opção após a formação profissional. Neste momento me percebo realizada tanto na vida pessoal quanto profissional. Ainda tenho muitos caminhos a percorrer e espero manter-me focada, encorajada e feliz pelas próximas etapas que virão. O exercício de recordar a minha trajetória me fez perceber que tenho muitas memórias fantásticas e o quanto é bom olhar para trás e ter a sensação de ter feito boas escolhas. Espero deixar a minha marca como profissional mostrando os bons valores e princípios que me norteiam.

## INTRODUÇÃO

### 1 O PROBLEMA E SUA RELEVÂNCIA

A carência por uma intervenção de qualidade no esporte tem impulsionado a realização de estudos com o objetivo de identificar as características da trajetória e do processo de aprendizagem de treinadores que operam no esporte com reconhecida competência profissional (CUSHION; NELSON, 2013; BRASIL *et al.*, 2015; SAMPAIO, 2017; FAVARI *et al.*, 2021). Em geral, as investigações a respeito desta temática têm sido realizadas por meio da combinação de métodos qualitativos, para analisar a trajetória de profissionais e de como eles construíram estes conhecimentos para intervir no esporte. Estes estudos têm sido executados em diferentes modalidades como: hóquei no gelo (WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007), basquetebol (RAMOS *et al.*, 2011), surfe (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012), futebol (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013), e handebol (CUNHA; ESTRIGA; BATISTA, 2014). O foco tem sido investigar a experiência e a trajetória profissional de treinadores, descrevendo as crenças construídas ao longo da vida (JARVIS, 2006; NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Pesquisas nesta área também têm sido desenvolvidas nas modalidades das ginásticas de competição, tanto no âmbito nacional (BARROS, 2016; SAMPAIO, 2017) quanto internacional (IRWIN; HANTON; KERWIN, 2004). Para Rinaldi (2005), as ginásticas de competição são as que envolvem eventos competitivos e, para tanto, possuem regras previamente definidas que as regulamentam internacionalmente a partir de um comitê técnico<sup>1</sup>, sendo elas: ginástica artística feminina, ginástica artística masculina, ginástica rítmica, ginástica acrobática, ginástica aeróbica e ginástica de trampolim. A partir de 2017, houve a inserção do *Parkour* no leque das modalidades competitivas da Federação Internacional de Ginástica (PEREIRA; HONORATO; AURICCHIO, 2020).

Um dos responsáveis pela evolução do esporte é o treinador esportivo, sendo sua função altamente complexa, atrelada a relações de poder, em que sua *performance* está amplamente influenciada pelo contexto em que está envolvido (POTRAC, JONES, & ARMOUR, 2002; TOSIN; GALATTI; MONTAGNER, 2021). Segundo Galatti e colaboradores (2016), pesquisas relacionadas ao treinador esportivo no âmbito nacional, ficaram mais visíveis a partir de 2009. Entretanto, no

---

<sup>1</sup> Comitê técnico: cada modalidade gímnica possui seu próprio comitê técnico, que tem como função gerenciar a modalidade (FIG, 2021a), formado em sua maioria por árbitros(as) e treinadores(as) (MOLINARI, 2018).

cenário internacional, países como Canadá, Austrália, Reino Unido e Estados Unidos exibem números significativos relacionados à produção científica atrelada ao treinador esportivo (TRUDEL, GILBERT, & WERTHNER, 2010).

Treinadores e treinadoras são os agentes principais na oferta da experiência esportiva sistematizada, cumprindo o seu papel a procura de determinado objetivo dos seus alunos/atletas em diversos contextos, seja no esporte de alto rendimento ou de participação, sendo oportunizado para crianças, jovens, adultos e idosos (FAVARI *et al.*, 2021; CARDOSO *et al.*, 2023). Para cada contexto e suas particularidades, um leque de conhecimentos e competências são fundamentais, fazendo com que as pesquisas desenvolvidas sobre treinadores e treinadoras sejam um importante alicerce para o progresso da experiência esportiva (TOSIM; GALATTI; MONTAGNER, 2021; NORTH *et al.*, 2021).

Segundo Santos e Mesquita (2010), o trabalho do treinador esportivo é relevante no processo de valorização do esporte, em função de ações multifacetadas que ele exerce, assim como nas relações capazes de amparar a sua interação e o seu relacionamento com todos os intervenientes do esporte. A complexa atividade do treinador esportivo diante da atribuição de outros papéis, além do treino técnico propriamente dito, quais sejam: captar e gerenciar os recursos, liderar a equipe no treino e na competição, gerir pessoas (atletas, comissão técnica e equipe multidisciplinar), ser educador e etc. (JONES, 2006; CÔTÉ; GILBERT, 2009; MILISTETD *et al.*, 2014), faz com que o olhar e o entendimento sobre o processo do conhecimento profissional e sua formação devam ser estudados e entendidos holisticamente, uma vez que as atividades desenvolvidas por esses profissionais lhes conferem responsabilidades extras para as quais precisa estar preparado (CALLARY, 2012).

A capacidade desse profissional de adquirir e ampliar conhecimentos está atrelada a um conjunto de inteligências determinantes no seu processo de formação e educação. Em uma análise mais aprofundada, o conhecimento do treinador se inscreve sob três domínios: o conhecimento profissional, que está relacionado especificamente com a atividade, isto é, com a formação curricular e com o conhecimento pedagógico; o conhecimento interpessoal, composto pela capacidade comunicativa que estabelece com aqueles com os quais se relaciona; e por fim, o conhecimento intrapessoal assentado na esfera pessoal do treinador e que subsidia a sua capacidade de autorreflexão (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Neste sentido, a aquisição de conhecimentos está intimamente ligada aos domínios da sua prática, ou seja, às situações reais de aprendizagem, as quais direcionam os conhecimentos do treinador esportivo orientados à sua intervenção, que devem ser diferenciados e adequados às necessidades de cada modalidade esportiva (MACIEL; MORAES, 2008). Para Nelson, Cushion e Potrac (2006) a aprendizagem pode ocorrer em diversas situações e em contextos distintos, classificadas em: contexto formal, não formal e informal. O contexto formal de aprendizagem é caracterizado por sistema de certificação reconhecida, de médio a longo prazo, oferecido por entidades governamentais, federações esportivas, entre outras. Já o tipo de aprendizagem no contexto não formal, refere-se a um conhecimento organizado e transmitido fora da estrutura do sistema formal, caracterizado por fornecer tipos de aprendizagens a grupos específicos, em curtos períodos de tempos, como exemplo os cursos, conferências, seminários, *workshops* e clínicas. Por outro lado, o tipo de aprendizagem informal é identificado como um processo individual de construção do conhecimento, caracterizado pelo engajamento e interesse pessoal do indivíduo na busca e obtenção dos conhecimentos.

Esta ligação entre prática e aquisição de conhecimentos, por meio da formação informal e não formal, pode ser considerada a principal via de aprendizagem dos treinadores esportivos, pois ocorre ao longo da vida em diferentes situações e contextos. A formação formal é, no entanto, fundamental, já que condiciona a troca de informações especializadas, além de certificar esses profissionais como treinadores, fornecendo o arcabouço teórico para o desenvolvimento da competência profissional (MESQUITA, 2014).

Em suma, esta investigação insere-se no contexto da formação profissional para a intervenção no esporte, com o foco nas trajetórias profissionais de treinadores(as) especificamente no ensino das ginásticas de competição. Emerge então a seguinte questão norteadora da pesquisa: como nos tornamos treinadores(as) de ginásticas de competição? A perspectiva adotada para este estudo é de que o/a treinador/treinadora se torna um profissional a partir de um processo de reflexão de sua prática pessoal e também por um processo particular de observação que realiza ao longo de sua trajetória de vida. Possui como principal característica, o engajamento espontâneo do/da treinador/treinadora para interagir em um contexto específico de prática esportiva, configurando-se, portanto, em um

processo contínuo de socialização profissional (TRUDEL; GILBERT, 2006; BRASIL *et al.*, 2015).

## 1.1 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar a trajetória de treinadores de ginásticas de competição do Estado do Rio Grande do Sul.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever os eventos marcantes da trajetória de vida pessoal e profissional dos treinadores e treinadoras;
- Analisar as experiências pré e pós-formação profissional;
- Verificar as fontes de conhecimentos necessários ao ensino das ginásticas de competição.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Assim como em outros esportes, os ginastas dependem de forma pronunciada dos treinadores que, por intermédio de sua experiência, conhecimentos e dedicação exercem um papel determinante na sua formação (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014). Neste sentido, o processo de formação profissional esportiva tem sido fonte de discussões, na medida em que a atividade de ensino destes profissionais implica em consequências importantes para o desenvolvimento integral dos jovens, bem como, a criação de hábitos permanentes de prática esportiva (BRASIL, 2015).

Segundo Cushion e colaboradores (2006), as buscas pela formação e qualificação profissional destes indivíduos têm acontecido por meio de instituições de ensino, cursos, federações, e outros ambientes correspondentes aos contextos formal, não formal e informal, pelos quais os treinadores aprendem. Além do curso de licenciatura para quem vai atuar como professor em escola constata-se a existência do curso de bacharel em Educação Física, e também, de cursos específicos para a formação de treinadores esportivos, contudo, esta formação parece não oferecer subsídios necessários para a intervenção prática de qualidade

destes profissionais (NUNOMURA, 2001; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003; SCHIAVON *et al.*, 2014).

No cenário internacional existem programas específicos para a formação dos profissionais que desejam atuar na ginástica e que são desenvolvidos de forma integrada entre associações e federações. Entretanto no Brasil, a situação é distinta, pois não há um sistema de formação dos profissionais que almejam seguir na carreira de treinador. A formação de associações ainda não faz parte da nossa cultura e as federações estaduais e a confederação nacional também não criaram um sistema de formação dos profissionais de ginástica, ficando assim esta responsabilidade a cargo das universidades (NUNOMURA, 2004).

Acredita-se que o desenvolvimento profissional do(a) treinador(a) está vinculado diretamente a sua trajetória de vida pessoal e profissional, de modo que a reconstrução e a descrição deste percurso pelo próprio treinador podem revelar episódios, decisões e opções circunstanciais, dotadas de significados e informações úteis para se estabelecer direcionamentos e ações para o desenvolvimento profissional desta figura. (JONES *et al.*, 2004). Assim, a literatura recente sugere que se examine cuidadosamente a participação da história de vida e as experiências individuais no processo de aprender a ser treinador(a) (TRUDEL; GILBERT, 2006; RAMOS *et al.*, 2011; BRASIL *et al.*, 2015).

De fato, o envolvimento da autora desta pesquisa como professora de ginástica artística e rítmica há mais de uma década, gerou não só a criação de conhecimentos específicos de intervenção, mas também interesse para identificar de que forma outros profissionais experientes e de reconhecido sucesso trilham seus caminhos para se tornarem treinadores. A escolha pela ginástica tem intensa relação com a história do esporte no Rio Grande do Sul, uma vez que essa prática corporal se estruturou no final do século XIX, tornando-se pioneira em relação a outros esportes no cenário regional e a outras manifestações ginásticas no contexto nacional (BENDER; GOELLNER, 2019).

O programa de pós-graduação foi escolhido como o caminho para obter respostas aos questionamentos pessoais e contribuir na lacuna de estudos a respeito da trajetória profissional de treinadores nas modalidades das ginásticas de competição. Deste modo, julga-se oportuno a realização de um estudo com o propósito de investigar as situações mais significativas da trajetória de vida e profissional de treinadores de ginásticas de competição, acrescentando elementos

que possam fornecer indicadores relevantes para se discutir e operacionalizar a formação de treinadores nos âmbitos dos cursos federativos e da formação inicial em Educação Física.

Nesta pesquisa forneceremos apenas dados dos treinadores que atuam no comitê técnico da federação de ginástica que estão em funcionamento no Estado do Rio Grande do Sul, sendo elas: ginástica artística feminina, ginástica artística masculina, ginástica rítmica e ginástica de trampolim. Infelizmente as modalidades de ginástica aeróbica e acrobática não possuem representantes (treinadores e atletas/praticantes) no Estado atualmente. Para Canan e Calegari (2006) havendo uma oferta e fatores de incentivo, existirá também uma demanda, onde o grande segredo da continuidade efetiva e democrática da oferta de práticas esportivas seja em qual contexto esportivo for (educação, participação e rendimento) está na análise da demanda, considerando-se todas as suas características e seus capitais. Se estes não atenderem às aspirações da oferta, torna-se obrigação desta, como instituição social e/ou negócio, criar formas de manipulação para que a demanda seja (re)formada e socialmente (re)constituída. Neste sentido as expectativas de ambos os lados (oferta e demanda) precisam ser levadas em consideração dentro do cenário esportivo. Para que se chegue a um equilíbrio, um deve adequar-se ao outro na medida do possível.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico serão apresentados os referenciais que fundamentam esta pesquisa, partindo de uma perspectiva mais ampla sobre a ginástica, sendo a primeira parte voltada aos aspectos históricos, campos de atuação e sistema de organização, após abordaremos especificamente as modalidades das ginásticas de competição, por conseguinte o desenvolvimento profissional de treinadores esportivos.

### 2.1 Ginástica: aspectos históricos, campos de atuação e sistema de organização

Ao longo da história, a ginástica tem sido direcionada para alcançar diversos objetivos expandindo as possibilidades de sua utilização (SOUZA, 1997). A fim de facilitar o entendimento desta modalidade Souza (1997), organizou em cinco grandes grupos, os principais campos de atuação da ginástica. Tais campos são:

1. **Ginásticas de Condicionamento Físico:** englobam todas as modalidades que tem por objetivo a aquisição ou a manutenção da condição física do indivíduo normal e/ou do atleta.
2. **Ginásticas de Competição:** reúnem todas as modalidades competitivas.
3. **Ginásticas Fisioterápicas:** responsáveis pela utilização do exercício físico na prevenção ou tratamento de doenças.
4. **Ginásticas de Conscientização Corporal:** reúnem as novas propostas de abordagem do corpo, também conhecidas por Técnicas alternativas ou Ginásticas Suaves (Souza, 1992), e que foram introduzidas no Brasil a partir da década de 70, tendo como pioneira a Anti-Ginástica. A grande maioria destes trabalhos tiveram origem na busca da solução de problemas físicos e posturais.
5. **Ginásticas de Demonstração:** é representante deste grupo a Ginástica Geral<sup>2</sup>, cuja principal característica é a não-competitividade, tendo como função principal a interação social, isto é, a formação integral do indivíduo nos seus aspectos: motor, cognitivo, afetivo e social.

Como foco de estudo deste trabalho, abordaremos apenas o campo das ginásticas de competição (GC). Como a própria nomenclatura sugere, as GC são aquelas que abrangem eventos competitivos e que seguem regras preestabelecidas internacionalmente. Rinaldi (2005), afirma que as modalidades existentes na atualidade não tiveram seus processos de sistematização de modo linear. Cada modalidade percorreu seu caminho de forma diferenciada, além de ter sofrido forte influência das Escolas de Ginásticas que surgiram no continente europeu a partir do século XVIII.

---

<sup>2</sup> A Ginástica Geral possui uma nova nomenclatura - Ginástica para Todos - que vem sendo utilizada pela FIG desde janeiro de 2007 (DE OLIVEIRA, 2009).

Como em outros esportes a ginástica possui um sistema federativo internacional. Dessa forma, temos um órgão de referência mundial – Federação Internacional de Ginástica (FIG) - Uniões Continentais (Europa, Ásia, África, Américas e Oceania), Organizações Nacionais (Confederações; Federações, e/ou Organizações Esportivas Nacionais) e no caso do Brasil, temos ainda organizações de cada Estado brasileiro (Federações Esportivas Estaduais) (LIMA, 2020). Abaixo um organograma do sistema de organização da ginástica (Figura 1).

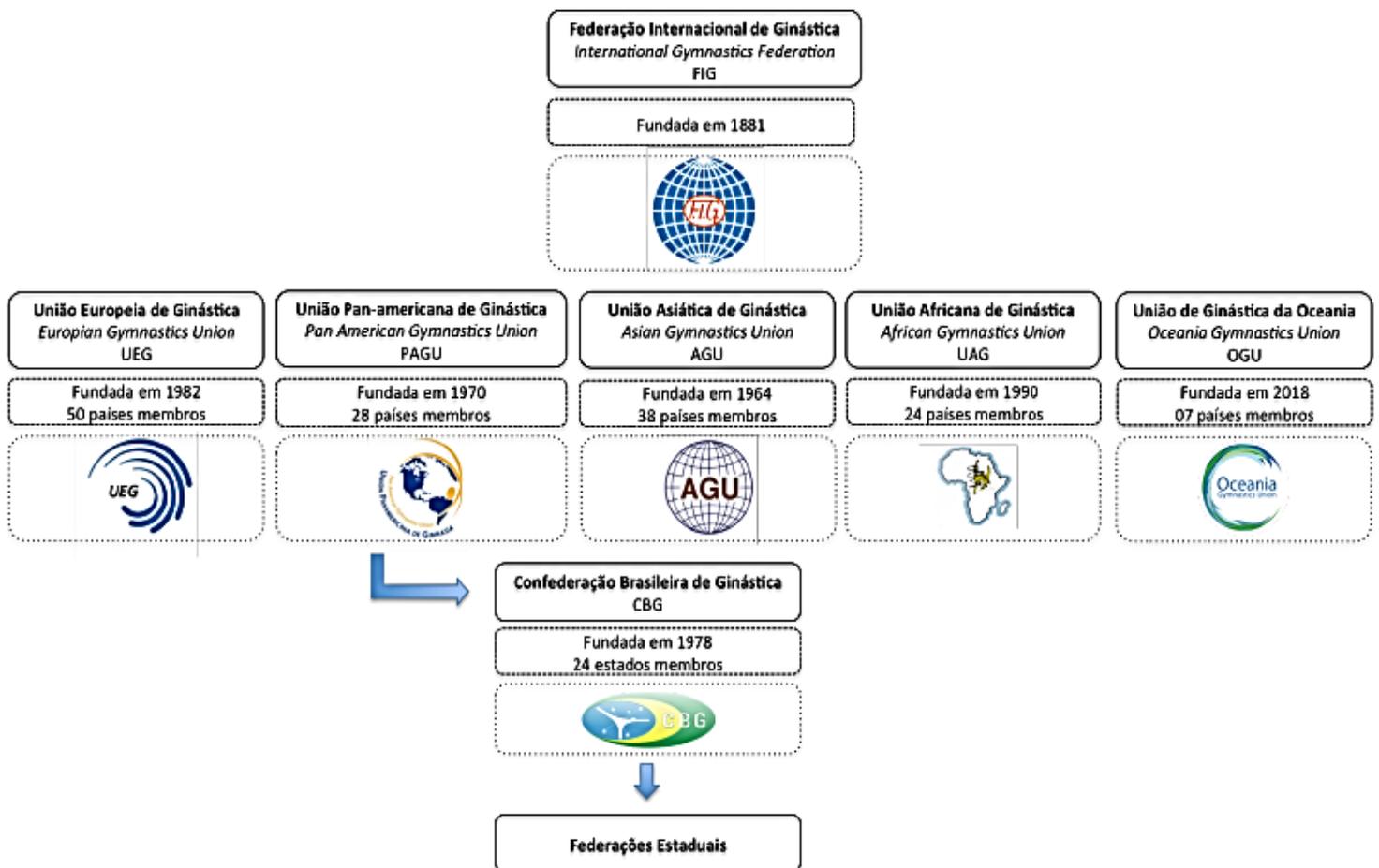


Figura 1: Organograma da organização da ginástica internacionalmente.

Fonte: LIMA, 2020, p. 50.

A FIG é o órgão regulador da ginástica no mundo. É a mais antiga federação internacional de um esporte olímpico e participa dos Jogos Olímpicos desde seu renascimento em 1896. Ela rege oito modalidades, sendo elas: Ginástica Artística Feminina (GAF), Ginástica Artística Masculina (GAM), Ginástica Rítmica (GR), Ginástica de Trampolim (GT), Ginástica Aeróbica (GAE), Ginástica Acrobática (GACRO), Ginástica para Todos (GPT) e mais recentemente, no ano de 2017, o

*Parkour*. Conta com mais de 150 federações nacionais e tem sua sede na Capital Olímpica de Lausanne – Suíça (FIG, 2021b). Dentro das modalidades gímnicas a GPT, se difere das demais, pois, não possui código de pontuação, sendo essencialmente, não competitiva (SANTOS *et al.*, 2018). Segundo Ávila-Carvalho e colaboradores (2014), o código de pontuação é o documento orientador que rege a forma como os exercícios são concebidos, executados e, a forma como deverão ser interpretados.

A União Pan-Americana de Ginástica (UPAG/PAGU) é a União Continental que o Brasil está filiado, e responsável pelo desenvolvimento, fortalecimento e promoção das modalidades gímnicas na zona Pan-Americana e por manter comunicação com a FIG e seus associados (LIMA, 2020).

A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), federação nacional de ginástica no Brasil, como as demais instituições supracitadas, é uma instituição desportiva sem fins lucrativos, tendo sua sede atualmente na cidade de Aracaju no Estado de Sergipe (LIMA, 2020).

Dentre as Federações Estaduais vinculadas à CBG, o Rio Grande do Sul foi o primeiro Estado a ter a ginástica institucionalizada no país em 1942, por todo seu histórico com a imigração alemã e seus traços trazidos e mantidos no país (PUBLIO, 2002). A fundação da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (Sogipa), em 1867, a criação da Liga de Ginástica do Rio Grande do Sul, em 1895, e a realização da primeira competição de GA do Brasil, na cidade de Hamburgo Velho, em 1996, são alguns dos apontadores do caráter pioneiro do esporte, cuja disseminação é atribuída à imigração alemã (PUBLIO, 2005; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2008 SCHIAVON *et al.*, 2013).

De todas as modalidades reconhecidas pela FIG, apenas a GA, a GR e a GT compõem o programa olímpico, e destas, somente a última não contou com a presença de atletas do Rio Grande do Sul ao longo de todas as edições dos Jogos Olímpicos (BENDER; GOELLNER, 2019). Compete a Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul (FGRS), denominação atualizada em 2013, dirigir, difundir e incentivar a prática das atividades gímnicas (FGRS, 2021).

## 2.2 Ginásticas de competição

Abaixo uma figura para ilustrar os principais eventos, assim como as primeiras aparições de cada modalidade competitiva segundo a FIG (Figura 2).

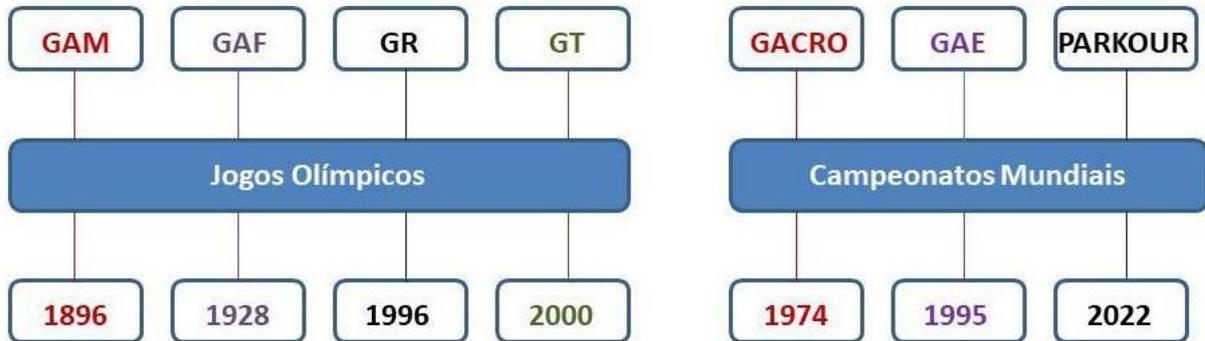


Figura 2: Ginástica de competição – Principais eventos e primeira aparição

Fonte: Autoria própria, 2023, com informações da FIG, 2021c; 2021d; 2021e; 2021f; 2021g; 2021h; 2023a.

Como apresentado na figura acima, apenas três modalidades gímnicas não são olímpicas a GAE, a GACRO e o *Parkour*. Isso se deve ao fato de que é necessário que o esporte seja popular, pois, segundo a Carta Olímpica do Comitê Olímpico Internacional, para uma modalidade entrar no programa deve ser amplamente praticada por homens em pelo menos 75 países e em quatro continentes e por mulheres em nada menos que 40 países e em três continentes (COI, 2020). Por esta mesma razão a GR conta apenas com a participação do sexo feminino nos jogos olímpicos.

Vejamos a partir de agora, a origem e as características específicas de cada uma das modalidades competitivas.

### 2.2.1 Ginástica artística

A origem da GA deriva da escola Alemã quando Friedrich Ludwig Christoph Jahn, para dificultar seus exercícios, confeccionou aparelhos específicos que posteriormente dariam origem aos aparelhos modernos de competição nesta modalidade (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011; OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012). Segundo Públio (2005), a origem da GA no Brasil pode ser dividida em três momentos distintos:

O primeiro, de 1824 a 1950, foi o 'período heróico', tendo se iniciado com a chegada dos imigrantes alemães ao RS e finalizado com a concretização de uma proposta de crescimento da ginástica. O segundo período, de 1951 a 1978, foi o 'período da estruturação', sendo caracterizado pela oficialização da Ginástica no país e filiação à FIG, sendo coroado com a fundação da

Confederação Brasileira de Ginástica-CBG. O terceiro pode ser definido como o 'período da afirmação', de 1979 até hoje, caracterizado pelo reconhecimento internacional, com a participação regular nos principais eventos mundiais, com resultados expressivos nos principais campeonatos da FIG no final dos anos 1990 e início dos anos 2000.

Tais fatos sugerem o pioneirismo da ginástica no Rio Grande do Sul, sendo a cidade de Porto Alegre tida como o berço da modalidade, visto que a Liga da Ginástica foi a primeira entidade desportiva com âmbito estadual criada no país, servindo de inspiração para a constituição de outras instituições (PÚBLIO, 2005).

Na GA a execução dos elementos corporais ocorre sobre grandes aparelhos com dimensões específicas. A GAF é praticada em quatro aparelhos: mesa de salto, paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo (com acompanhamento musical). Já a GAM é executada em seis aparelhos: solo (sem acompanhamento musical), cavalo com alças, argolas, mesa de salto, paralelas simétricas e barra fixa. Os campeonatos de GA incluem competições por equipes, individuais gerais e individuais em cada aparelho (NUNOMURA *et al*, 2009). Como dito anteriormente, esta modalidade esportiva é dividida em dois comitês pela FIG.

### 2.2.2 Ginástica rítmica

A GR sofreu forte influência da escola sueca e no decorrer da sua consolidação, ela foi difundida por vários autores, dentre eles: Jean-Georges Noverre (movimentos naturais – a arte de expressar-se), François Delsarte (movimento expressivo), Rudolf Laban, Isadora Duncan e Elizabeth Duncan (expressividade e composição coreográfica), Émile Jaques Dalcroze (características musicais e rítmicas), Rudolf Bode (ginástica expressiva e moderna – elementos da dança, teatro, música e o uso dos aparelhos bastões, bolas e tambores), Heinrich Medau (uso dos aparelhos corda e arco) (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012).

No Rio Grande do Sul, a GR foi introduzida em 1972, pela bailarina e professora da Escola de Educação Física do Instituto Porto Alegre - ESEF-IPA, Vera Lucia Zamberlan Angheben. Neste mesmo ano, em Santos - SP, Angheben participou do curso de Ginástica Feminina Moderna, ministrado pela professora húngara Ilona Peuker, radicada no Rio de Janeiro, e principal responsável pela divulgação da GR no Brasil. Neste curso também estavam presentes Zelira Eichemberg, professora de Educação física do Colégio Anchieta, Porto Alegre – RS, e Rita Pozzobon Xisto, professora das escolas de Santa Maria - RS. Em agosto de 1972, na comemoração do primeiro aniversário da ESEF-IPA, as alunas da faculdade, dirigidas por Vera Angheben, realizaram a primeira apresentação de Ginástica Feminina Moderna do Estado do Rio Grande do Sul, a mãos livres e com o aparelho bola. Angheben, com o propósito de popularizar o esporte, bem como de levar ao RS a proposta da GR não só como modalidade esportiva, mas

também como ferramenta para ser utilizada dentro das escolas, fundou o Grupo de Ginástica da ESEFIPA - GRUGIPA. Apresentavam-se por várias cidades do RS, Santa Catarina e do país vizinho Uruguai, durante quatro anos. A Ginástica passou a se difundir e outros segmentos começaram a surgir. No colégio Americano de Porto Alegre, pelas professoras Vera Angheben e Suzana Gutierrez; no colégio Anchieta da mesma cidade, pela professora Zelira Eichemberg e, em Santa Maria - RS, pela professora Rita Pozzobon Xisto (SANTOS; NAGAMINE; BERNARDI, 2005).

É uma modalidade na qual a arte e a técnica se misturam, e o resultado esportivo das ginastas depende do desenvolvimento destes dois elementos, manifestados na composição e execução dos exercícios competitivos (AVILÉS; DÍAZ; BORRÁS, 2014). Combina de maneira harmoniosa os elementos corporais (ginásticos e alguns acrobáticos) ao manejo dos aparelhos oficiais como arco, bola, corda, fita e maçãs, contextualizados e executados num ritmo musical num espaço oficial de 13m x 13m (TOLEDO, 2009). É um desporto olímpico com possibilidades de competições individuais e de conjunto (cinco ginastas), que tem no Brasil um expressivo número de praticantes (LOURENÇO; RINALDI, 2014).

### 2.2.3 Ginástica de trampolim

A GT teve a sua origem no circo. Desde a Idade Média saltimbancos realizavam saltos acrobáticos sobre uma superfície elástica. Somente na década de 30, do século XX, foi inventado por George Nissen o aparelho que é conhecido atualmente. A partir de 1936, foi transformada em esporte de competição nos Estados Unidos. As demais modalidades que compõem a Ginástica de Trampolim (duplo minitrampolim e tumbling) foram introduzidas na década de 70 do século passado (BROCHADO; BROCHADO, 2009; BORTOLETO, 2010). Segundo Bastos (2005), esta modalidade, teve seu início no Brasil através das atividades de circo. Na década de 1950-1960 a prática do trampolim (nome antigo da modalidade), foi desenvolvida como atividade de treinamento militar pela Brigada de Pára-quedistas do Exército e pela Escola de Cadetes da Aeronáutica, ambas localizadas no Rio de Janeiro. A origem da GT como modalidade esportiva no Brasil teve a participação significativa do professor Dr. Hartmut Riehle, alemão que em 1974 chegou ao Brasil para ministrar cursos de GA nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. A sua experiência na GT, como campeão mundial em 1967, causou uma grande motivação pela modalidade, levando José Martins Oliveira Filho, professor de Educação Física de São Paulo, a se inscrever no curso de especialização da Universidade de Colônia - Alemanha. José Martins ministrou aulas de GT na Escola de Educação Física da

Universidade de São Paulo-USP. Nesta época a GT, esteve agregada à Federação Paulista de Ginástica, não sendo desenvolvida em outra local do país. A partir de 1976 os clubes brasileiros de GA passaram a utilizar o aparelho de trampolim na preparação acrobática de seus ginastas. Não se encontrou dados referentes à chegada desta modalidade no RS, contudo, atualmente tem praticantes/atletas e treinadores ativos no Estado, conforme consta nos registros da FGRS (FGRS, 2023).

A GT é a mais jovem de todas as modalidades gímnicas e já tem *status* olímpico. A relativa simplicidade (um aparelho) do esporte de trampolim, quando comparada aos demais esportes ginásticos, contribui claramente para atrair expectadores (RUSSEL, 2014). O trampolim acrobático também conhecido como cama-elástica, além de fazer parte de uma modalidade esportiva de competição, denominada ginástica de trampolim, é muito utilizado como aparelho auxiliar na aprendizagem de exercícios aéreos e complexos, não somente na GA, mas também em esportes acrobáticos. Como esporte de competição, a GT é disputada tanto por homens quanto por mulheres e inclui as seguintes provas: trampolim individual; trampolim sincronizado; *tumbling*; e minitrampolim, realizadas nos aparelhos: *tumbling*; duplo minitrampolim; e trampolim (BROCHADO; BROCHADO, 2009).

#### 2.2.4 Ginástica aeróbica

A GAE passou a ser considerada modalidade competitiva devido a grande disseminação de sua prática, especialmente, dentro das academias de ginástica no final dos anos 80 e início dos anos 90 do século passado. Prestes e Assumpção (2010) citam que na década de 70 foi estabelecido um movimento com base nos resultados dos estudos realizados por Cooper que mencionavam que a prática de exercícios aeróbicos era uma ferramenta imprescindível para a melhora da aptidão cardiorrespiratória e redução de gordura corporal, diminuindo o risco de doenças cardiovasculares, sedentarismo, osteoporose, obesidade, diabetes, entre outros. Ainda de acordo com esses autores, na década de 70 surgiu uma modalidade chamada *Aerobic Dance*, idealizada por Sorensen, cuja prática utilizava a música de forma mais dinâmica e combinava passos de dança com exercícios calistênicos, com o objetivo de melhorar a resistência cardiovascular. A partir deste movimento nascia então a GAE. Um grupo de pessoas, a partir do seu trabalho divulgou a prática da GAE no mundo todo, sendo elas: Jane Fonda, no final dos anos 70, com

os seus programas de *Workout* (trabalho físico); Richard Simon e Victoria Principal, no início da década de 80, com os Programas Aeróbicos; e Marine Jahan com o *Freedance*.

A GAE iniciou no Rio Grande do Sul como prática de exercícios físicos para a sociedade em geral, no final da década de 1980, mas logo transformou-se em um esporte competitivo de alto nível, surgindo nas academias de ginástica com a denominação Aeróbica Competitiva (SANTOS; FRANZEN, 2005). Ainda segundo os autores, até o ano de 2005, havia a participação de atletas gaúchos de ponta nas competições nacionais e internacionais. Atualmente não existem representantes (treinadores e atletas) registrados na FGRS.

Na GAE, os atletas apresentam uma rotina coreográfica realizando uma sequência de movimentos e exercícios em um determinado espaço de tempo. As rotinas são compostas por combinações complexas e de alta intensidade de passos básicos, oriundos da tradicional dança aeróbica e elementos específicos de dificuldade da modalidade, que cumprem as famílias obrigatórias de movimentos. É necessário combinar os sete passos básicos da dança aeróbica (marcha, corrida, elevação de joelho, chute alto, polichinelo, afundo e chutinho) com padrões de movimento de braços, executados de acordo com a música, a fim de elaborar sequências rítmicas, dinâmicas e contínuas de movimentos de alto e baixo impacto. A apresentação é executada em um palco delimitado com fitas demarcatórias, em uma área de 7m<sup>2</sup> (MATTOS, 2009). Os(as) ginastas podem competir individualmente ou em duplas mistas, trios, grupos de cinco ou até equipes de oito nas provas de *aerodance* e *aerostep* (FIG, 2021h).

#### 2.2.5 Ginástica acrobática

A GACRO teve suas origens na China e na Grécia e foi incorporada nas apresentações circenses no decorrer do tempo. No período medieval é possível encontrar traços dessa modalidade gímnica nas apresentações artísticas nos palácios e feudos (GALLARDO; AZEVEDO, 2007). Para Bortoleto (2010) a GACRO atual é a versão moderna das acrobacias coletivas e pirâmides humanas que eram realizadas há séculos por artistas circenses. Segundo Ambrósio (2005), a origem desta modalidade no Brasil ocorreu através dos acrobatas circenses, acontecendo a sua divulgação com fins pedagógicos no início da década de 1940/1950, por meio do Departamento de Educação Física da Escola de Aeronáutica (RJ), com a

denominação Força Combinada ou Ginástica Acrobática. A modalidade estava inserida no conteúdo programático da disciplina de GA. O responsável pela GACRO era o escritor, acrobata, pára-quedista e professor Achile Garcia Charles Astor, que promoveu a divulgação da modalidade nas Escolas de Aeronáutica (RJ), Escola de Educação Física do Exército (RJ) e também ministrou cursos sobre acrobacias, nas principais cidades brasileiras. Em relação à origem desta modalidade no RS, foi possível encontrar por meio da pesquisa de Souza (2021), registros da prática de figuras acrobáticas durante a década de 1920, junto ao Rio dos Sinos na cidade de São Leopoldo - Rio Grande do Sul, mas não se sabe com exatidão se estas informações datam a origem da modalidade no Estado.

Nesta modalidade, existem cinco provas oficiais: pares femininos; pares masculinos; pares mistos; trios (somente ginastas do sexo feminino); e quartetos (somente ginastas do sexo masculino). Os ginastas desempenham funções específicas durante sua série, de acordo com a sua estrutura e capacidades físicas, sendo elas: base(s) – ginasta(s) que suporta(m) e projeta(m); intermediário(s) – ginasta(s) que ajuda(m) a suportar e projetar ou executa(m) posições intermediárias; e volante – ginasta que é suportado e projetado pelos demais, e frequentemente, está no topo das pirâmides. Os competidores devem realizar três tipos de exercícios: equilíbrio, dinâmico e combinado (MERIDA, 2009).

Apesar de ser muito praticada em outros países como - Alemanha, Rússia, China, EUA, Portugal e Inglaterra - e da utilização de seus exercícios em espetáculos artísticos pelo mundo todo como no *Cirque du Soleil* e no Circo Nacional da China, a GACRO ainda é pouco desenvolvida no Brasil, dependente de iniciativas individuais, que apesar de bem intencionadas, tem gerado pequena variação do número de praticantes e no público atingido (GALLARDO; AZEVEDO, 2007).

#### 2.2.6 *Parkour*

Segundo as informações da FIG (2023b), a aventura do Parkour iniciou na década de 1990, na França, nas cidades de Lisses e Evry. David Belle criou originalmente o conceito *Parkour*, conforme os princípios sobre a arte do movimento definidos por seu pai, que era bombeiro parisiense. Na adolescência, Belle e seus amigos do grupo *Yamakasi* pulavam e escalavam escadas, barreiras, muros e outros objetos em sua cidade. Para esse propósito, criaram o que chamavam de arte

de se movimentar, utilizando todas as construções e obstáculos que originalmente não foram criados para essa finalidade. Para eles, o *Parkour* era somente um tipo de método de treinamento para superar todas as formas de obstáculos em ambientes tanto urbanos, quanto naturais, como as florestas. Desde a década de 90, essa maneira de se movimentar se popularizou pela sua introdução na indústria cinematográfica, como o filme *Yamakasi*, co-escrito por Charles Perrière, um dos criadores da modalidade e o filme *B13* com David Belle. Estes filmes motivaram diversos eventos esportivos em muitos países e originaram uma nova geração de *Tracers*, praticantes de *Parkour* em todo o mundo. Apesar dos fundadores da modalidade não apreciarem a competição, esta veio com o intuito de promover os eventos esportivos como uma boa vitrine para elevar o entendimento sobre a modalidade em todo o mundo. Após oficinas de iniciação nos Jogos Olímpicos da Juventude de Lillehammer 2016, dirigidas por Charles Perrière, induziram um maior interesse pela modalidade. David Belle e seu amigo Charles Perrière procuraram conseguir o reconhecimento formal do *Parkour* para proporcionar o seu desenvolvimento. Foi realizada uma associação com a FIG, federação radicada dentro do movimento olímpico, cujo presidente, Morinari Watanabe, é um grande admirador da modalidade. A cooperação é natural, uma vez que várias federações nacionais de Ginástica filiadas à FIG já proporcionam atividades de *Parkour*. Depois que o Comitê Executivo da FIG concordou, em fevereiro de 2017, apoiar o desenvolvimento do novo esporte, a modalidade cresceu de maneira exponencial. O desenvolvimento do *Parkour* possibilitou o lançamento de uma primeira série de Copa do Mundo no âmbito do FISE (*World Action Sports Festival*), em 2018.

De acordo com a FIG (2023a) o *Parkour* pode ser resumido como a arte de ir de um ponto a outro respeitando um princípio fundamental: eficiência e fluidez. Nos eventos FIG, a área de *Parkour* possui diversos blocos, paredes e barras projetadas para espelhar os diferentes obstáculos encontrados nas áreas urbanas. Para superá-los, os atletas devem utilizar técnicas variadas como: salto do gato, salto de braço, *drop jump* e corrida na parede. Existem duas categorias: velocidade e estilo livre, sendo que na prova de velocidade, os atletas devem superar os obstáculos o mais rápido possível para chegar à linha de chegada no menor tempo possível e já na prova de estilo livre, os atletas aproveitam os obstáculos para mostrar seu estilo e criatividade enquanto seu desempenho técnico é julgado.

O *parkour* é uma prática recente na sociedade e ainda está em processo de formação, contudo como não se organiza como a maioria das práticas esportivas, ele necessita construir suas bases de desenvolvimento de formas diversas do esporte tradicional, visto que, não se pratica *parkour* em clubes, academias ou ginásios tradicionais, e seus métodos também fogem dos objetivos dessas atividades e da forma como são ensinadas, o que não significa, que não deva existir uma preocupação com o modo como é transmitido, afinal os modos de fazer são parte integrante da cultura que se cria, se conserva ou se transforma (PEREIRA; HONORATO; AURICCHIO, 2020). Avista-se que em breve essa modalidade chegará a ser disputada em uma Olimpíada, afinal a FIG já realizou o primeiro Campeonato Mundial em outubro de 2022 em Tóquio, onde mais de 40 nações participaram (FIG, 2022).

Sobre a origem desta modalidade no Brasil, Serikawa (2006), afirma que o Parkour chegou ao país pela internet, e muitas pessoas começaram a praticar ao mesmo tempo, não existindo, assim, um embaixador do Parkour no Brasil. Popularmente, a história do Parkour no país tem seu início no começo de 2004, quando jovens de São Paulo e Brasília começaram a se aventurar nessa prática de origem francesa, e a estudar sua filosofia (STRAMANDINOLI; REMONTE; MARCHETTI, 2012). No Rio Grande do Sul, assim como em outros Estados esta modalidade ainda não possui registros de praticantes federados cadastrados e nem a divulgação de eventos esportivos, apesar de já possuir alguns locais como academias, oferecendo a prática da modalidade.

### 2.3 Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos

O(a) treinador(a) tem papel reconhecido como essencial para o acesso a uma prática esportiva de qualidade e desenvolvimento dos jovens (SANTOS, 2016; REVERDITO *et al.*, 2020), encorajando a participação, ensinando valores e estimulando o trabalho em grupo, tornando consciente a percepção sobre a realidade social e oportunizando aprendizado em contextos de treino e competição (BETTEGA *et al.*, 2021), sendo assim, é de extrema relevância se atentar a formação deste profissional.

Atualmente para poder atuar como treinador(a) no Brasil, tanto no esporte de participação, quanto no alto rendimento, o(a) profissional necessita realizar o curso de Bacharelado em Educação Física. Entretanto para se chegar nesse cenário atual,

houve uma diretiva que definiu a separação no currículo entre licenciatura e bacharelado, por meio das resoluções do Conselho Nacional de Educação nº 01/2002 e nº 07/2004 (BRASIL, 2002; 2004), respectivamente, antes desse período a formação era denominada plena, uma vez que os profissionais concluíam a graduação com as duas habilitações. A figura 3 apresenta a estrutura conceitual da organização da formação de treinadores no Brasil, que certifica e habilita o profissional para a atuação como treinador esportivo.

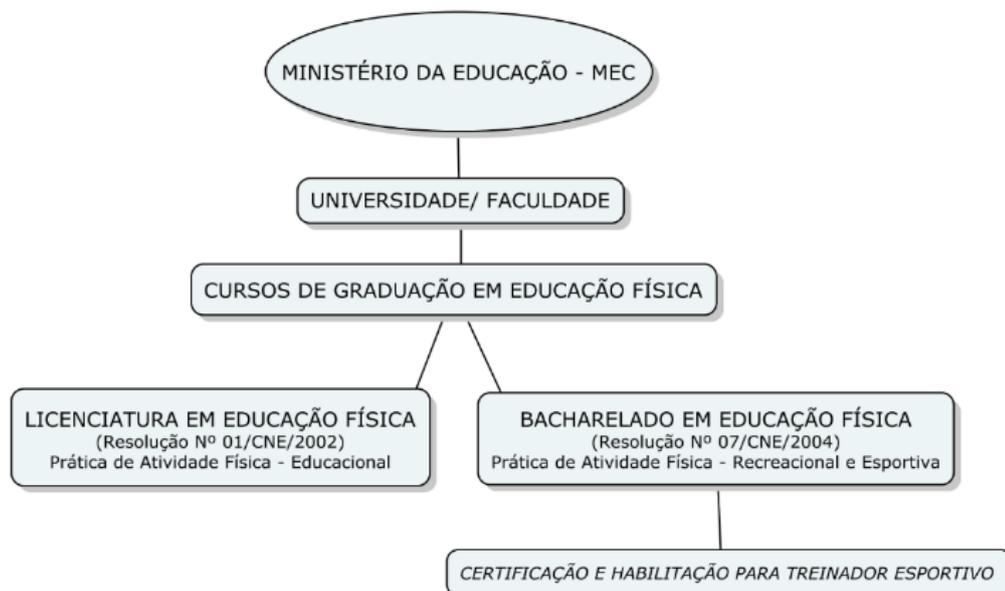


Figura 3 – Estrutura de certificação e habilitação para treinador esportivo no Brasil  
Fonte: SAMPAIO, 2017, p. 93.

Para atuar como treinador(a) em competições oficiais independente do nível e modalidade esportiva no Brasil, além da diplomação em Bacharelado em Educação Física, é obrigatório estar registrado no Conselho Profissional (órgão regulador da profissão), bem como a filiação nas devidas Federações e Confederações correspondentes à modalidade esportiva de atuação. Já o Comitê Olímpico do Brasil e o Comitê Paralímpico Brasileiro, operam no desenvolvimento dos esportes olímpicos e paraolímpicos no Brasil, e atuam de forma específica na gestão técnica e administrativa para elevação dos esportes de alto rendimento, sendo estes considerados os órgãos máximos esportivos dentro do país. Na figura 4, uma representação de como estrutura-se a atuação profissional de treinadores de ginástica no Brasil.



Figura 4 – Atuação profissional como treinador de ginástica no Brasil.  
Fonte: SAMPAIO, 2017, p. 94.

A formação de treinadores têm sido foco de debate no cenário da pedagogia do esporte nacional, especialmente na última década (GALATTI *et al.*, 2016; MILISTETD *et al.*, 2014, 2018a; SANTOS *et al.*, 2023). No Brasil, diferentes resoluções nos últimos trinta anos instauraram especificações acerca da formação deste(a) profissional (SANTOS *et al.*, 2023). Atualmente e diferente de muitos países, a legalidade sobre a formação inicial de treinadores no país fica sob responsabilidade das universidades (MILISTETD *et al.*, 2014).

A formação inicial no curso de bacharel em educação física tende a ser mais superficial do que especialista, o que permite versatilidade para atuação profissional nas áreas de saúde, lazer e rendimento esportivo (MILISTETD *et al.*, 2014). Essa formação prepara treinadores para atuação no contexto de participação esportiva, porém não é suficiente para trabalhar no alto rendimento. Isso se deve ao fato de que muitos calouros iniciam o curso com pouca ou nenhuma experiência como atletas e/ou como treinadores(as) – até porque a lei não permite a atuação antes da formação e a formação inicial pode ofertar poucas disciplinas que aprofundam o tema do treinamento esportivo (MILISTETD *et al.*, 2014). Em outro estudo, Milistetd e colaboradores (2018b) analisaram a percepção de estudantes-treinadores(as) a respeito das atividades de aprendizagem durante a formação em um curso de bacharelado em educação física. Os estudantes-treinadores relataram um excesso

de aulas teóricas, a falta de relação entre teoria e prática e a superficialidade dos conteúdos abordados. Ademais, apesar de apreciarem as aprendizagens proporcionadas pelas disciplinas teórico-práticas, enfrentar problemas reais por meio da aprendizagem experiencial parece ser mais significativo (MILISTETD *et al.*, 2018b).

Ao se tratar das práticas na ginástica, a intervenção pedagógica do treinador, tem sido pouco estudada no contexto nacional e internacional (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014; SCHIAVON *et al.*, 2014). Para Rinaldi (2005) a maior parte dos cursos de formação profissional em Educação Física parece não contemplar o universo da ginástica competitiva no processo de formação. Esse conhecimento, que foi historicamente construído, nem sequer é mencionado, muito menos refletido e contextualizado. Talvez porque muitos docentes universitários não conheçam este universo ou porque a forma como os currículos estão estruturados não permite que os mesmos sejam abordados. Acredita-se que este conhecimento deveria fazer parte do processo de formação do profissional de Educação Física no sentido de provocar a descoberta e a reflexão da abrangência do universo gímnico competitivo.

Recentemente Tozetto e colaboradores (2018), apresentaram através de um ensaio, o desenvolvimento profissional de treinadores com base na teoria de aprendizagem ao longo da vida de Peter Jarvis, sendo este considerado um *expert* por seus estudos nos campos de aprendizagem ao longo da vida, da aprendizagem de adultos e da formação contínua. Segundo a teoria, no decorrer da vida, passamos por episódios e experiências em que integramos conhecimentos, habilidades, atitudes, entre outros elementos. Deste modo, somos capazes de atribuir significados às novas experiências, e através de um grau de reflexão crítica, inovar e aperfeiçoar a prática.

Ainda segundo a teoria de Peter Jarvis, a aprendizagem dos treinadores, ocorre desde o nascimento, nos episódios com a família definidos por ele como socialização primária, em que começam a incorporar experiências e aprendizados sobre o que é necessário para viver em sociedade e sobre uma cultura particular que pode ser relacionada ao esporte. Posteriormente, a aprendizagem segue em meio à socialização secundária, como nos episódios em que os treinadores podem ter sido atletas e conhecem novas culturas (TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018).

Amorim Filho e Ramos (2010) consideram a trajetória que os profissionais percorrem, aí incluído o período que compreende a infância e a adolescência, o momento de formação acadêmica e a etapa da prática de ensinar, como sendo uma forte influenciadora de suas ações durante o exercício de suas profissões. Embora se trate de um fenômeno carregado de subjetividade, a produção de conhecimento a partir da história de vida não pode ser apenas uma biografia e uma relativização da prática docente, mas sim servir como ponto de partida para compreender suas influências na docência, bem como, possibilitar ao docente uma reflexão sobre a sua própria trajetória e suas influências na sua ação profissional.

Segundo Brasil e colaboradores (2018), a literatura atual sugere que se tornar treinador corresponde a um processo de socialização esportiva que ocorre ao longo da vida, balizado pelas relações sociais em diferentes contextos. Estudos recentes (CALLARY *et al.*, 2012; LORIMER; HOLLAND-SMITH, 2012; DUARTE; CULVER, 2014; TALAMONI *et al.*, 2013; BRASIL *et al.*, 2015) de abordagem biográfica, mostram que as crenças, os valores e os comportamentos, incorporados por meio das experiências ao longo da trajetória de vida, exercem forte influência no ingresso à carreira e na prática como treinador. Conceitualmente, esse processo tem sido entendido como uma trajetória de participação, em que a aprendizagem está fundamentada na interação e colaboração social em diferentes contextos e situações, ao longo da vida do treinador (BRASIL *et al.*, 2015).

Para Jarvis (2006), o conceito de biografia é definido, como "o resultado de uma vida", em que a própria história de vida é construída sempre que houver aprendizagem, no entanto é um produto inacabado, isto é, em contínua mudança e o seu desenvolvimento está relacionado com as experiências autodespertadas ou principiadas por outras pessoas. A história de vida de uma pessoa, sem dúvida, pode exercer influência no modo como as experiências são percebidas pelo sujeito, que pode optar como essas novas situações serão processadas intrinsecamente. A biografia compreende a etapa do nascimento até a morte, ou seja, durante toda a sua vida o indivíduo aprende, por meio de conexões entre as experiências, as influências e as aprendizagens que lhes são reveladas em distintas situações; e toda a nova bagagem de conhecimento é atrelada à vida de cada sujeito, que se torna capaz de gerir sua própria história (JARVIS, 2006).

Acessar suas memórias, sentimentos e significados que atribuem às suas trajetórias denota compreender a "presença do passado no presente imediato das

peças”, levando em consideração o modo como os(as) narradores(as) rememoram o acontecido, afinal, ao recorrermos à memória de pessoas, acessamos experiências que são individuais e coletivas, visto que, ainda que a memória seja guardada por um indivíduo tendo como referência suas experiências e vivências, ela está atrelada pelo grupo social com o qual conviveu e se socializou, e essa sociabilidade se configura como um elemento fundamental da formação de sua identidade, da percepção que tem de si mesmo e dos outros (BENDER; GOELLNER, 2019).

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Delineamento da Pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se por seguir o método descritivo de corte transversal, com uma abordagem qualitativa. Esse modelo de estudo centra-se na descrição de significados e interpretação das informações, considerando o contexto e os processos socioculturais de construção dos dados (DENZIN; LINCOLN, 2008). Nesse estudo, o propósito é analisar a trajetória de treinadores de ginásticas de competição, particularmente os principais eventos marcantes das suas experiências e de onde obtiveram esses conhecimentos que julgam relevantes para a intervenção profissional nesta área. Além disso, as informações foram obtidas a partir do estudo de casos múltiplos, pela possibilidade deste tipo de estudo favorecer a descrição e compreensão, em detalhes e profundidade, de fenômenos sociais complexos, a partir de uma percepção individual do sujeito investigado (YIN, 2011).

A técnica de estudo de casos múltiplos é caracterizada pela análise sistematizada e organizada de dois ou mais casos que são investigados no espaço de um mesmo conjunto de objetivos. As categorias de análise são as mesmas para cada um dos casos. Tais categorias servem para analisar cada caso em especial e, posteriormente, auxiliam as análises comparativas entre os diversos casos sugerindo possíveis regularidades e algumas especificidades entre eles (os casos), desta forma permitindo a construção de um quadro mais amplo e diversificado de análise sobre o objeto de investigação (GAYA, *et al.*, 2016).

#### 3.2 Sujeitos da pesquisa

A população desta pesquisa ocorreu por meio de procedimentos de amostragem intencional. Segundo Gaya e colaboradores (2016), nas pesquisas qualitativas a seleção dos sujeitos é, normalmente, intencional e voluntária, onde o pesquisador seleciona e convida os sujeitos que ele reconhece que serão capazes de lhe fornecer as informações inerentes as suas questões de pesquisa, e também são delimitados por meio dos critérios de inclusão. Os treinadores selecionados atenderam aos seguintes critérios de inclusão:

- Treinadores(as) que fazem parte do Comitê Técnico da Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul (FGRS);

- Profissionais com no mínimo quatro (4) anos de experiência como treinador(a) de ginásticas de competição, que atuam em: centros de treinamento, clubes, associações, entre outros locais.
- Profissionais que estivessem atuando como treinador/treinadora durante a pesquisa;
- Profissionais que estivessem disponíveis e motivados para participar de todas as etapas do estudo.

Para selecionar os sujeitos primeiramente foi feita uma consulta no *site* da FGRS - no intuito de buscar quais profissionais estavam atuando no comitê técnico das ginásticas de competição. Em momento posterior, os profissionais identificados foram contatados por meio da rede social (WhatsApp) para comunicá-los sobre a realização da pesquisa e agendar o dia e hora para contato por telefone pessoal/institucional para realização da entrevista preliminar da seleção dos sujeitos. Nessa fase, os sujeitos foram interrogados a respeito de sua: experiência de prática pessoal e profissional, intervenção atual e ainda sobre sua disponibilidade e motivação para participar do estudo.

Os sujeitos deste estudo foram quatro treinadores(as) de ginástica de competição que fazem parte do comitê técnico da FGRS, sendo eles:

- Treinadora 1 (T1): Treinadora de ginástica artística feminina (GAF);
- Treinador 2 (T2): Treinador da ginástica artística masculina (GAM);
- Treinador 3 (T3): Treinadora da ginástica rítmica (GR);
- Treinadora 4 (T4): Treinadora da ginástica de trampolim (GT).

Os treinadores possuíam em média de idade de 41 anos, sendo o mais novo, 29 anos e o mais velho 50 anos, três do sexo feminino e um do sexo masculino. Estes treinadores possuem experiência no ensino das ginásticas de competição e são responsáveis pelo desenvolvimento destas modalidades no Estado do Rio Grande do Sul.

### 3.3 Instrumentos para a coleta de dados

Com a intenção de obter em detalhes as informações a respeito da trajetória dos treinadores de ginástica, foi utilizada a combinação de duas técnicas de coleta de dados: a *Rappaport Time Line* (RTL), adaptado por Duarte e Culver (2014), para

adquirir informações sobre a biografia destes profissionais e um roteiro de entrevista, estruturado e semiestruturado, adaptado do estudo de Brasil (2015).

A RTL é um instrumento utilizado para registro de acontecimentos (episódios) importantes na vida de um indivíduo, organizado cronologicamente desde seu nascimento até o momento presente. Foram utilizadas em média quatro folhas de papel A4 em branco unidas entre si, nestas folhas foi desenhada uma linha do tempo com duas extremidades, na qual os participantes foram orientados a indicar em uma das extremidades sua “data de nascimento” e na outra extremidade a data do momento “presente”. Posteriormente, cada participante registrou os episódios significativos de sua trajetória pessoal e/ou profissional. Neste estudo, em particular, o interesse foi no registro de episódios significativos na trajetória pessoal e profissional dos treinadores relacionados ao esporte. Em fase posterior esse registro foi utilizado como um “guia” para orientar a entrevista, procedimento este adotado também no estudo de Duarte e Culver (2014).

O roteiro de entrevista que foi utilizado é a versão adaptada do estudo de Brasil (2015) como dito anteriormente, e foi distribuído em duas partes: a primeira englobou questões com possibilidades de respostas fechadas e de múltipla escolha, sobre a identificação e caracterização do(a) treinador de ginástica de competição (dados de identificação, experiência de prática pessoal, formação profissional, experiência como treinador(a) experiência como árbitro e experiência profissional no comitê técnico). A segunda parte foi composta por questões com possibilidade de respostas abertas a respeito de sua trajetória esportiva, desde os primeiros contatos com o esporte até o momento de realização da pesquisa, sobre sua atuação como treinador(a) e também sobre as fontes de atualização e qualificação do treinador/treinadora de ginástica. Nessa parte da entrevista embora a formulação e ordem das questões tenham sido estabelecidas a priori, no caso desse estudo com o auxílio da RTL, o entrevistado pôde fornecer respostas como desejasse (curta ou longa), sendo que o pesquisador buscou intervir somente para estimulá-lo ou motivá-lo a emitir respostas mais completas sobre o tema.

A entrevista equivale a uma técnica de obtenção dos dados, semelhante a uma conversa informal, onde o entrevistador pode incluir novos questionamentos quando necessário, consentindo o detalhamento das informações que se pretende obter (LAKATOS; MARKONI, 2010). A combinação entre as técnicas da RTL e da entrevista pode ter possibilitado o acesso a informações fundamentais sobre a

trajetória dos treinadores, permitindo assim atingir de modo satisfatório os objetivos desta pesquisa.

### 3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Os indivíduos que contemplaram os critérios de inclusão pré-determinados para a presente pesquisa, foram contatados pela rede social (*WhatsApp*) a fim de esclarecer os objetivos e procedimentos da pesquisa; envio do termo de consentimento livre e esclarecido; autorização de gravação e divulgação dos resultados sem fins lucrativos; e também, para o agendamento do encontro *on-line* (*via Skype*) para a construção de sua linha do tempo (RTL).

No primeiro encontro virtual em data e horário de conveniência de cada indivíduo, o pesquisador informou os objetivos do estudo, e a partir deste momento o sujeito investigado foi instruído a usar folha A4 e caneta para traçar uma linha contendo duas extremidades, em uma delas sua “data de nascimento” e na outra extremidade o “presente”. Os sujeitos foram orientados a registrarem situações, pessoas ou momentos considerados importantes na trajetória de vida relacionada ao esporte. Durante o preenchimento a pesquisadora estimulou o entrevistado a relembrar acontecimentos relevantes da sua infância, seus primeiros contatos com o esporte, sua permanência no ambiente esportivo e seu ingresso na vida profissional como treinador(a), com o intuito de obter ao máximo as informações relacionadas às experiências destes profissionais, episódios e/ou pessoas que foram importantes em sua trajetória de vida para se tornar um(a) treinador(a) de ginástica. Ao terminar a sua linha do tempo o sujeito recebia a instrução de tirar uma foto do papel e enviar para o investigador, com a intenção de este documento ser utilizado pelo pesquisador para formular a próxima etapa, auxiliando destacadamente, na identificação de episódios e experiências relevantes e também, de lacunas de informações presentes no registro da trajetória.

A partir das informações obtidas no primeiro encontro por meio da RTL, foi realizada a entrevista com cada indivíduo. Com a análise prévia da RTL o investigador pôde atribuir um caráter altamente personalizado à entrevista possibilitando detalhamento das informações fornecidas pelos sujeitos. A entrevista foi realizada em data e horário de conveniência do indivíduo de forma *on-line* (*via Skype*). Primeiramente, os sujeitos responderam o roteiro estruturado (questões fechadas) e logo o roteiro com questões de respostas abertas (roteiro

semiestruturado). Durante a entrevista semiestruturada o sujeito foi orientado pelo investigador a deixar exposto o registro da sua linha do tempo para favorecer as informações a respeito de sua trajetória e também, a organização do pensamento de ambos. Além disso, quando necessário os sujeitos poderiam adicionar informações a sua própria “linha do tempo” a fim de torná-la o mais completa possível. Antes do final de cada entrevista, era realizado um apanhado geral do que foi revelado pelo sujeito, para garantir que os mesmos tinham abordado, detalhadamente, os aspectos percebidos como importantes para eles. A vídeo-chamada foi gravada pela plataforma *Skype* e também por uma câmera digital. Os dados foram salvos em um computador (pessoal do pesquisador).

### 3.5 Tratamento de dados

Para a análise de casos múltiplos, adotaram-se os procedimentos gerais sugeridos por Yin (2011), que em síntese consiste na descrição de cada caso individualmente; o cruzamento das informações de todos os casos permitindo o agrupamento dos resultados mais significativos em conformidade com as categorias emergentes; e por fim o confronto destes resultados com a teoria. O processo de categorização dos dados seguiu a abordagem indutiva de análise.

A análise obtida por meio da RTL possibilitou informações mais específicas sobre a trajetória dos treinadores no esporte desde seu nascimento até o momento presente a partir das categorias estabelecidas a priori, sendo elas: a) ingresso na prática esportiva, b) permanência na prática esportiva c) ingresso na carreira profissional; e d) permanência como treinador de ginástica de competição. A análise das informações obtidas a partir das entrevistas permitiu a identificação de temáticas específicas dentro de cada categoria identificada em fase anterior (RTL). Deste modo, a entrevista possibilitou um maior detalhamento das percepções dos treinadores sobre suas experiências e conhecimentos, bem como, atribuiu um caráter de continuidade às declarações dos treinadores sobre como se tornaram treinadores. Ainda que as categorias principais de análise tenham sido previamente definidas, preservou-se a flexibilidade na utilização dos procedimentos de interpretação dos dados com o propósito de privilegiar a informação fornecida pelos treinadores.

A análise dos dados foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo, com tratamento qualitativo. Esse processo realizou-se em três fases: primeiramente,

a organização das informações; em segundo, a exploração do material, em que se codificaram as transcrições brutas em representações de conteúdo identificando as unidades de significado em função das categorias de análise, e ainda, reuniu-se em um só local todas as unidades de significado pertencentes a uma categoria para que o pesquisador pudesse ler de forma contínua de cada caso, para cada categoria; e em terceiro, a verificação das frequências das unidades de análise e a organização dos resultados (BARDIN, 2010).

Para garantir a credibilidade das informações utilizou-se a checagem pelos sujeitos, ao analisarem as transcrições das entrevistas, todos os participantes confirmaram a exatidão dos dados, não necessitando, portanto, a realização de alterações.

### 3.6 Limitações do estudo

Embora que se tenha adotado uma combinação de procedimentos metodológicos (*Rappaport Time Line* e roteiro de entrevistas estruturado e semiestruturado) para investigar a trajetória de vida e profissional dos treinadores e treinadoras de ginástica, é relevante mencionar que descrever e interpretar esses dados, a partir de suas percepções e memórias do que viveram, de fato, se configura num fator limitador da precisão das informações obtidas e apresentadas neste estudo. No entanto, a generalização dos resultados, isto é, da percepção dos sujeitos de como se tornaram treinadores, fica limitada pelo caráter individual de cada trajetória, das lembranças e significados pessoais de cada treinador investigado.

### 3.7 Procedimentos Éticos

O projeto foi apreciado e aprovado por comitê de ética em pesquisa de uma universidade pública brasileira (nº no CAAE 40095220.4.0000.5313; Parecer nº 4.467.854). Os treinadores investigados foram informados dos objetivos do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a gravação e divulgação dos resultados sem fins lucrativos. A participação nesse estudo foi voluntária e o sujeito poderia decidir não participar ou até mesmo desistir de continuar em qualquer momento. A fim de preservar o anonimato dos investigados, adotaram-se letras e números (de T1 a T4) para identificação no texto dos dados de cada sujeito.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentados os resultados encontrados na investigação com os quatro treinadores que fazem parte do comitê técnico das ginásticas de competição da FGRS. Na organização serão expostas primeiramente as biografias de cada treinador(a), descrevendo os eventos marcantes da trajetória de vida pessoal e profissional dos treinadores através de suas primeiras experiências esportivas, das primeiras experiências na carreira profissional e do período pós formação profissional, de como se tornaram treinadores de ginástica de competição. Após serão analisadas e discutidas as trajetórias com foco no: ingresso e permanência na prática esportiva; o ingresso e permanência na carreira profissional; e por fim as fontes de conhecimento dos treinadores de ginástica de competição.

### 4.1 A trajetória de vida dos treinadores

Abaixo, informações biográficas compiladas dos quatro treinadores de ginástica de competição, a respeito do tempo de atuação como treinador, nível de formação acadêmica e experiência profissional. Pode-se perceber que alguns além de atuarem no comitê técnico da FGRS, exercem outras funções tanto na área da ginástica como fora dela (Figura 5).

<b>Treinadores</b>	<b>Tempo como treinador(a)</b>	<b>Formação acadêmica</b>	<b>Experiência profissional</b>
<b>T1</b>	31 anos	Pós-graduada Graduada em EF Licenciatura plena	Treinadora de GAF; Coordenadora da GAF da CBG; Árbitra de nível Internacional
<b>T2</b>	8 anos	Graduado em EF Bacharel e Licenciatura	Treinador de GAM Árbitro de nível Nacional
<b>T3</b>	10 anos	Graduada em EF Licenciatura plena	Treinadora de GR Árbitra de nível Nacional
<b>T4</b>	≈21 anos	Graduada em EF Licenciatura plena	Treinadora de GT Professora de EF

Figura 5 - Informações biográficas dos treinadores participantes.  
Fonte: Autoria própria, 2023.

#### 4.1.1 Quem é T1?

Com 50 anos de idade, T1 é a treinadora mais experiente, possuindo graduação em Educação Física (licenciatura plena) e pós-graduação em ginástica. Além de treinadora de GAF em um clube de Porto Alegre, ela faz parte do comitê técnico da CBG como coordenadora da GAF e também atua como árbitra internacional nas competições de GAF. Nascida na capital do Rio Grande do Sul em 1972, T1 possui 32 anos de experiência no ensino da GA e neste tempo tem levado suas atletas a participar de competições de até mesmo nível internacional. Participou de diversos cursos na área da GA, como cursos de arbitragem estadual a internacional, cursos técnicos com treinadores de seleções renomados, cursos de extensão universitária, palestras, congressos e outros cursos voltados para administração esportiva, antidoping, antirracismo, abusos no esporte, desenvolvimento esportivo, lesões esportivas e tecnologia. Com sua experiência já ministrou alguns cursos técnicos, de arbitragem, palestras e também elaborou e publicou materiais relacionados à GA. Atualmente desenvolve seu trabalho como treinadora de alto rendimento com o público feminino de 11 a 22 anos de idade, com o perfil sócio econômico de classe média a alta. Quando questionada sobre os papéis que ela pode ou deve assumir enquanto treinadora de jovens esportistas ela relatou:

Temos que ter conhecimento de todas as áreas, sem ultrapassar os limites, porque cada área tem a sua especificidade, mas um treinador completo tem que conhecer um pouco de tudo. E hoje o mais fundamental é a cabeça do atleta, porque manter um atleta em treinamento com tudo que a vida oferece do lado de fora do ginásio é muita responsabilidade. Atualmente, muitas famílias abdicam da educação, passando para nós essa responsabilidade pelo motivo de passarmos mais tempo com seus filhos do que eles mesmos.

Para ela o significado de ensinar a ginástica está vinculado ao fato de que a ginástica é um esporte formador, independente de ser alto rendimento ou não e ainda explica que:

A ginástica tem duas linhas distintas, a do lazer que é qualidade de vida e a do rendimento que não é qualidade de vida. No rendimento se tu apresenta talento e alguém te direciona pra lá, é uma bola de neve que logo você tem uma família toda inserida naquele meio e aquilo vai te sugando cada vez mais ou você está muito inserido e quer muito o rendimento ou tu não vai aguentar, vai chegar até um determinado ponto e vai largar porque ninguém vai ficar sábado, domingo e feriado treinando e a família não quer, é dor, é sofrimento, é pressão, é frustração e hoje em dia as famílias não querem isso. Independente disso, todos deveriam fazer ginástica, porque ela constrói o ser humano como um todo por trabalhar todas as partes físicas, hoje existe uma deficiência gigante em relação a mobilidade, coordenação,

agilidade, força natural para carregar o próprio peso. As crianças não pulam corda, não se penduram, não correm, tem pé para dentro, não tem força de pressão na mão. São várias coisas que tornam a ginástica importante na vida da criança fisicamente, fora a tolerância a frustração, o perder, o ganhar, o conseguir, eu consegui subir o degrau, consegui ficar pendurada, eu corri mais/menos que meu colega e isso é uma coisa que precisa porque nossos jovens não tem mais tolerância a frustração, eles não podem ouvir não, não podem perder, não podem nada, aí não estão preparados pro mercado de trabalho nem para a vida. Em relação a coordenação motora como um todo, é importantíssima, pois quando trabalha ginástica tu prepara o teu corpo pra tudo e então tu te torna um adulto mais ativo, pode não ser atleta de nenhuma modalidade, mas tu vai conseguir fazer um pouco de tudo, os medos, o trabalho em equipe, convívio e respeito ao próximo. Essas coisas são fundamentais na formação da criança e ser humano.

A experiência como atleta se faz muito presente nas falas de T1, constantemente, remete-se ao passado e busca lembrar as experiências vividas ainda na fase de atleta, tanto positivas quanto negativas, a fim de reproduzir ou não com suas ginastas.

#### 4.1.1.1 As experiências de prática esportiva

Ainda na infância T1 teve seu ingresso na prática esportiva no ambiente escolar. A professora de educação física a incentivou a fazer aulas de dança dentro da escola e esta mesma profissional a levava para patinar aos finais de semana. Posteriormente a levou para conhecer a ginástica artística no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE) e então iniciou este esporte aos nove anos de idade e se manteve na modalidade durante sete anos. A T1 atribui a sua dedicação ao esporte a esta professora e relata que não havia nenhum familiar vinculado ao esporte. Após um ano de prática na modalidade foi selecionada para fazer parte da equipe de treino e alguns meses depois foi convidada a treinar no Grêmio Náutico União (GNU), onde fazia parte da pré-equipe. Participou do seu primeiro campeonato estadual aos 10 anos de idade onde conquistou o título de vice-campeã individual geral. Nesta época já treinava todos os dias da semana. Aos 11 anos de idade, passou a treinar na equipe principal e os dois anos seguintes participou de campeonatos brasileiros. Fez seu primeiro curso de arbitragem ainda na adolescência como atleta e arbitrou pela primeira vez o campeonato estadual na cidade de Ijuí aos 14 anos de idade. Após dois anos, competiu o estadual adulto e no ano seguinte optou por parar de treinar. Neste mesmo ano encerrou o ensino médio e fez seu primeiro curso nacional de arbitragem.

#### 4.1.1.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação)

Sua primeira experiência no ensino da GA ocorreu ainda no período em que treinava como atleta, desde muito nova já sabia a profissão que iria seguir.

Eu precisava trabalhar e meu objetivo era poder fazer o ensino médio no IPA e minha família não tinha como pagar, como era ginasta, comecei como monitora com 14 anos de idade para poder pagar minha escola. Uma motivação financeira.

Aos 18 anos de idade, iniciou o curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e neste mesmo ano já estava trabalhando como instrutora da pré-equipe, dentro do mesmo clube em que havia treinado. No ano seguinte foi convidada a trabalhar em um clube na cidade de São Leopoldo, porém ficou apenas um ano e decidiu retornar para o antigo clube. Em 1993, fez seu primeiro curso de arbitragem internacional. Um ano depois, participou do seu primeiro campeonato em Caxias do Sul e lá conheceu seu colega de trabalho que atuam juntos até o momento presente. Em 1995, ocorreram fatos extremamente importantes na trajetória dela: a) chegada do treinador da Armênia – agregou maior conhecimento técnico da modalidade; b) conheceu a Daiane dos Santos – que em momento posterior foi sua atleta; c) primeiro campeonato brasileiro que ganhou como treinadora; e d) ida ao Rancho *Béla Károlyi*<sup>3</sup> ao lado dos melhores treinadores – este evento trouxe diversos conhecimentos sobre o ensino da GA.

#### 4.1.1.3 Como se tornou treinador (pós-formação)

Em 1996, T1 obteve a certificação da graduação em Educação Física e acredita que várias pessoas foram importantes em sua formação como treinadora, talvez nem todas na forma de ensinar, mas sim de como se comportar como treinadora.

Em como ensinar, eu tive quatro pessoas muito marcantes na minha formação enquanto atleta que, contribuíram bastante na minha construção: professora de escolinha do CETE era muito dócil; treinadora de pré-equipe que teve uma influência muito forte na primeira fase da minha profissão, ela como treinadora era muito ríspida e na época não gostava disso, mas como formadora profissional foi fundamental; meus dois treinadores da equipe principal quando já era um pouco mais velha, eram enérgicos e gritões, porém de trato muito mais fácil.

---

<sup>3</sup> Rancho *Béla Károlyi*: Era o Centro de Treinamento da Equipe de Ginástica dos EUA, que foi construído em 1984 pelo romeno Béla Károlyi, treinador de ginastas consagradas como Nádia Comaneci, Viorica Dumitru, Mary Lou Retton e Julianne McNamara. Em 2018, o rancho anunciou o fechamento definitivo devido aos escândalos de abuso sexual contra jovens ginastas (BÉLA KÁROLYI, 2021; RANCHO KÁROLYI, 2023).

Após estar formada, foi novamente ao Rancho *Béla Károlyi* e participou do treino da seleção para os Jogos Olímpicos de 1996. No ano seguinte os momentos marcantes foram o nascimento do seu primeiro filho e o ouro de sua atleta Daiane dos Santos no solo e salto pela Seleção Sul Americana. Em 1998, participou com oito atletas de um estágio de treinamento na Romênia durante 44 dias no centro de treinamento em Deva. Ao narrar este episódio, a T1 comentou que passou diversas dificuldades durante a estadia, desde alimentação, transporte, comunicação e até certo constrangimento pela forma de como os treinadores da Romênia tratavam seus atletas.

Em 1999, ano de nascimento da segunda filha, participou do Mundial na China onde também se recorda de ter passado por momentos delicados por estar trabalhando e ao mesmo tempo cuidando de seu bebê que tinha poucos meses. Ao final deste mesmo ano realizou um curso técnico de ginástica na Espanha.

No ano 2000, sua atleta Daiane era uma das favoritas para ir aos Jogos Olímpicos de Sydney e a mesma foi vice-campeã no solo em uma competição no Canadá. Em 2002, aconteceu o curso de Solidariedade Olímpica no seu local de trabalho. Em 2003, participou de um congresso, onde palestrou sobre a periodização da ginástica. Neste mesmo ano ela relatou que teve a melhor sensação da vida como treinadora, pois sua atleta Daiane foi campeã mundial em Anaheim nos EUA, um fato extremamente marcante.

Em 2004, se qualificou profissionalmente, realizou a pós-graduação em ginástica na UFRGS e foi aos Jogos Olímpicos de Atenas acompanhar a sua atleta Daiane. De 2005 a 2008, passou por um período de repaginação de suas atletas. No ano de 2008, uma de suas atletas foi como reserva para os Jogos Olímpicos de Pequim. Em 2009, levou uma atleta para a Copa do Mundo. Em 2012, houve um contratempo, no treino de pódio sua atleta se machucou e não conseguiu competir nos Jogos Olímpicos de Londres.

T1 destaca que em 2014 passou por uma fase muito boa como treinadora, pois estava ao lado de dois dos melhores treinadores do mundo, também participou dos Jogos Sul Americanos no Chile e neste mesmo ano finalizou seu trabalho com a geração das meninas da seleção.

Em 2016, foi árbitra de linha nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Os dois anos seguintes foram anos de renovação de sua equipe, onde receberam ginastas do Belém do Pará e isso fortaleceu sua equipe infantil.

No ano de 2019, conquistou o título de campeã brasileira na categoria infantil e também conquistou pódio nas categorias infantil, juvenil e adulto nesta mesma competição. Neste mesmo ano, recebeu convite para ser coordenadora da CBG.

Em 2020, uma nova realidade: pandemia. Treinos *online*, com junção de equipes de outros locais, grupo de estudos dos treinadores, realização do festival virtual da confederação e construção de um banco de dados com testes de preparação física com mais de 200 ginastas no país.

Em 2021 uma de suas atletas da categoria juvenil se destacou no cenário internacional. Outro fato importante neste mesmo ano foi ter conquistado o título de segundo melhor clube de GAF no Brasil. Em 2022, momento atual da entrevista, a T1 se sente responsável pela formação de todos os treinadores do Brasil pelo fato de ser a coordenadora da CBG e organizar os regulamentos.

#### 4.1.2 Quem é T2

Nascido em Aracaju, em 1993, T2 é o treinador mais jovem com apenas oito anos de experiência no ensino da ginástica artística. Atualmente, atua na cidade de Porto Alegre em um clube privado e tem levado atletas para competir em nível estadual e nacional nas categorias de mirim a adulto há sete anos. No ginásio, atende 12 turmas divididas por faixa etária, a partir dos três anos de idade, sendo sua aluna mais velha com 76 anos de idade. Graduou-se em educação física na sua cidade natal e primeiramente realizou o curso de licenciatura e em seguida complementou com bacharel. Durante o período acadêmico fez intercâmbio na Espanha. Participou de diversos cursos voltados para GA, entre eles estão: cursos de arbitragem estadual de GAF e nacional de GAM, cursos de formação de professores e cursos técnicos. Há cinco anos, obteve seu título de árbitro nacional e recentemente ingressou no comitê técnico da FGRS na modalidade GAM, a convite do presidente da FGRS no início de 2022. Para ele o papel enquanto treinador é:

Acho que o principal é atuar com o objetivo de técnico, estudar, se qualificar para poder realizar com maestria essa função, além disso, como é um esporte em que a gente passa muito tempo com eles no ginásio, mais do que a própria família, então acho que, também entram outras funções paralelas a isso. Hoje graças a Deus, no União, eu tenho estrutura multidisciplinar, lá em Aracaju eu não tinha, então eu tinha que ser psicólogo, nutricionista, médico, tinha que ser muita coisa, claro que não prescrevendo ou atuando como, mas dando dicas e orientações. Eu tento com os meus atletas, desenvolver uma relação de respeito onde eles entendam o meu papel como treinador, mas que eles desenvolvam também um carinho afetivo por mim e me tenham como amigo, porque eu acho isso muito importante principalmente nessa idade, pois eles nos criam como

referência, mas que não seja somente uma referência pelo medo e pelo sistema, mas que eles tenham afinidade para chegar e dizer “hoje eu não estou bem, não estava querendo treinar hoje”, ter esse acesso mais próximo, isso só acontece quando você tem essa relação de amizade e ele entende que pode contar com você independente de qualquer coisa. O primeiro papel é de treinador e o segundo de amigo, você acaba atuando como se fosse alguém muito próximo da família.

Quando questionado sobre os seus objetivos/significados pessoais para ensinar ginástica, ele relata:

Acredito que o que vou falar não só me influencia apenas como técnico, mas isso como realização pessoal, assim como exemplos de pessoas tem formado meu presente, me dando perspectiva de futuro, as pessoas que passam pela minha vida, principalmente as crianças eu acho que existe um motivo e um propósito. Então a minha ideia como profissional é justamente que eles não me tenham apenas como técnico de ginástica, mas quero que eles lembrem de mim como alguém muito legal e que tenha contribuído para a formação deles de alguma forma. Eu acho que a melhor coisa para um profissional de educação física é quando a gente consegue ver o depois e ter esse retorno deles e ter uma boa relação de respeito, carinho e ver o quanto eles conseguiram progredir como pessoa. O meu papel é isso, influenciar essas crianças não só para que eles possam ter bons resultados na ginástica como atleta, mas como pessoa.

#### 4.1.2.1 As experiências de prática esportiva

T2 destaca que a família era muito voltada para a parte de educação e esporte, onde sempre foi estimulado a praticar atividade física. Quem teve forte influência em sua trajetória foi sua tia, que era profissional de educação física e por muitos anos foi atleta de ginástica rítmica. Durante a construção de sua linha do tempo, por diversas vezes T2 menciona a tia como uma pessoa motivadora, de grande influência e o quanto serviu de inspiração para ele escolher sua profissão. Seu primeiro contato com o esporte foi com a modalidade de ginástica artística por volta dos oito anos de idade na escola pública onde estudava e permaneceu praticando por quatro anos, mas não participou de competições. Ele recorda que a estrutura era muito precária, que não havia atrativos, porém gostava muito de aprender os elementos acrobáticos, da personalidade e da didática do seu professor. Na adolescência praticou karatê e recorda que neste período chegou a competir, porém não se sentia muito motivado pela parte da competição, seguia treinando, pois tinha admiração pelo seu técnico. Ele destaca que estes profissionais influenciaram na sua forma de ensinar.

#### 4.1.2.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação)

Em 2011, aos 18 anos de idade iniciou o curso de licenciatura em Educação Física na Universidade Tiradentes na cidade em que residia. No ano seguinte, realizou o primeiro curso voltado para a modalidade de GA e trabalhou como voluntário na Federação Sergipana de Ginástica para se aproximar da modalidade. Em 2013, realizou um grande sonho, conquistou uma vaga de intercâmbio na Universidade de Sevilla, onde ficou deslumbrado com o padrão da estrutura do ginásio de ginástica, das aulas e do nível de ensino. Em 2014, retornou da Espanha e concluiu o curso de graduação e neste mesmo ano começou a trabalhar com GA no colégio Castelo Branco.

#### 4.1.2.3 Como se tornou treinador(a) (pós-formação)

Após estar com o diploma de licenciado em mãos, T2 iniciou o curso de bacharel para ampliar as oportunidades no mercado de trabalho, visto que a maioria das vagas para se trabalhar com ginástica eram fora do ambiente escolar. Iniciou como treinador de GA no Projeto Caixa. Lá se deparou com a falta de estrutura para poder treinar a sua equipe e então confeccionava materiais para auxiliar no treinamento. Em 2016, teve sua primeira participação no Torneio Nacional como treinador e neste mesmo ano conquistou com a sua equipe alguns títulos estaduais em GAM.

Em 2017, T2 foi aprovado nos cursos de arbitragem estadual e nacional, e por meio dos cursos pode ampliar seus conhecimentos como treinador. Neste mesmo ano foi vice-campeão por equipe no Torneio Nacional de GA e também concluiu o curso de bacharel. Em 2018 teve sua primeira participação no Campeonato Brasileiro com dois atletas, o qual descreve como um momento marcante e de grande superação, pois o local onde atuava, não tinha uma boa estrutura e mesmo assim pode alcançar este feito.

O ano de 2019 foi um grande divisor de águas, pois participou de um estágio de treinamento no clube GNU em Porto Alegre; seu atleta foi vice-campeão brasileiro no salto e solo e a partir deste resultado recebeu um convite para trabalhar no GNU. Em 2020, com a contratação para trabalhar como técnico da escolinha e da base se mudou para Porto Alegre, porém em seguida houve o fechamento dos clubes e demais locais devido à pandemia da COVID-19 e então passou este período ministrando treinos de forma remota. Em 2021, ministrou cursos de GA para

a região nordeste do país e iniciou a elaboração de um livro sobre iniciação na GA. Em 2022, atualizou seu título de árbitro nacional e assumiu como diretor técnico da GAM na FGRS.

Ao longo da construção de sua linha do tempo, T2 manifestou diversas vezes o quanto sua tia, seus primeiros técnicos e professores da universidade foram fundamentais na sua trajetória para ele se tornar um treinador. Além disso, T2 mencionou na entrevista o quanto suas ambições o impulsionam a permanecer neste papel de treinador.

#### 4.1.3 Quem é T3

Nascida em 1981 na cidade de Porto Alegre, T3 praticou ginástica na infância por aproximadamente 10 anos e competiu por seis anos, passando pelas categorias pré-infantil, infantil e juvenil, passando pelos níveis estadual, nacional e internacional. Possui graduação em educação física licenciatura plena pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Participou de diversas clinics e cursos técnicos internacionais de GR. Há 10 anos atua como treinadora e pelo mesmo período trabalha com atletas em competição nas categorias pré-infantil, infantil, juvenil e adulto nos níveis estadual e nacional. Atualmente é treinadora em um clube privado de Porto Alegre e atende ginastas de nove a 20 anos de idade. Ministrou e/ou organizou por aproximadamente 10 anos os cursos de arbitragem estadual de GR na cidade de Porto Alegre. T3 é árbitra estadual desde 1998 e foi árbitra nacional em três ciclos. Entrou para o comitê técnico da FGRS em 2008, onde elabora os regulamentos estaduais baseados nos regulamentos nacionais e organiza competições. Para ela o papel enquanto treinadora é:

As minhas alunas já sabem que no ginásio eu sou a que cobra, eu sou a que ensina, eu sou a que vou exigir bastante delas, mas elas também sabem que eu sou muito mãezona delas e que se precisarem de um colo eu vou estar sempre ali e quando eu olho alguma carinha que não está muito boa eu sempre chamo pro meu colo e nós conversamos porque as vezes o problema não é nem ali na ginástica, elas trouxeram algum problema da escola alguma prova, então a gente também tem que entender o que está acontecendo, porque às vezes o treino não está bem por um fato externo e eu acabo exigindo demais e as vezes a criança não está em um momento bom, então nós somos amigas, eu sou mãezona delas quando a gente viaja tem um momento da seriedade que a competição mas também tem uns momentos de brincadeira no quarto, onde eu sento com elas e jogo carta e a gente dá risada e faz palhaçada.

Para ela o significado de ensinar a ginástica vai além de promover melhoras nas capacidades físicas, mas também é ensinar a ganhar, a perder, a se superar seja na competição ou na aula. Ela relata:

Nunca tinha pensado nisso, do significado de ensinar a ginástica, talvez porque eu vivo a ginástica desde que eu nasci né, quando eu me conheci por gente minhas irmãs já faziam ginástica, daí eu fui pra ginástica e depois que eu saí da ginástica eu fiz um curso arbitragem de ginástica e assim foi. A ginástica estava na minha vida, eu acho que o porque eu tenho que ensinar ginástica realmente é por causa de toda a minha vivência.

#### 4.1.3.1 As experiências de prática esportiva

Sendo seus pais professores de educação física, T3 relatou que vive o esporte desde que nasceu, sempre sendo incentivada a ter hábitos saudáveis, se exercitar e se alimentar bem. Além da influência dos pais, suas irmãs serviam de exemplo, e também a incentivavam a praticar esporte. Teve sua primeira experiência esportiva aos quatro anos de idade na natação e aos sete anos de idade iniciou a prática de ginástica artística e rítmica no colégio onde estudava. Após dois anos iniciou seus treinos na modalidade de ginástica rítmica na Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA) onde permaneceu por cinco anos. Durante esses anos participou de diversas competições, sendo elas: em 1991 - torneio em Buenos Aires; em 1992 - campeonato brasileiro infantil em Porto Alegre e campeonato Panamericano em São Paulo; em 1993 - foi campeã estadual infantil e foi a terceira melhor colocada no campeonato brasileiro infantil; em 1994 – participou do campeonato brasileiro juvenil. Encerrou sua vida de atleta na ginástica em 1995 por frustração e ingressou no voleibol no colégio onde permaneceu até a sua formatura do ensino médio.

#### 4.1.3.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação)

Em 1998 realizou o primeiro curso de arbitragem estadual de GR e após dois anos fez o curso nacional de arbitragem também na modalidade de GR. Em 2001 começou a trabalhar como auxiliar técnica de GR no Grêmio Náutico Gaúcho (GNG) e pensando tanto na sua fase de atleta como nessa experiência como monitora, ela iniciou o curso de graduação em educação física na UFRGS em 2005. Neste mesmo ano começou a estagiar na SOGIPA na modalidade de GR e segue até os dias atuais como treinadora. Em 2008, entrou como membro no comitê técnico da FGRS na modalidade de GR.

#### 4.1.3.3 Como se tornou treinador(a) (pós- formação)

Em 2013, T3 teve dois momentos muito marcantes: encerrou sua graduação e foi assistir o mundial de GR na Ucrânia. No ano seguinte, assumiu como treinadora principal da equipe da SOGIPA. No ano de 2018, levou sua equipe para participar do torneio regional em Florianópolis. Em 2019, participou do campeonato brasileiro infantil e também foi para um treinamento que durou 20 dias na Espanha. No ano de 2020, realizou treinos *online* devido aos decretos da pandemia e recorda do quanto este período foi desafiador. Em 2021, participou dos campeonatos brasileiros infantil e juvenil. Já em 2022, participou do campeonato brasileiro juvenil e adulto.

T3 atribui sua permanência como treinadora às suas ginastas:

Aprendo diariamente com cada uma delas, em situações diversas, pode ser a dificuldade de uma pode ser na facilidade da outra. Então eu acho que é um pouco de tudo, a minha experiência com elas, a vivência com elas, o dia a dia, as frustrações de tudo um pouco.

#### 4.1.4 Quem é T4

Nascida na cidade de Santa Cruz do Sul no Rio Grande do Sul em 1976, T4 praticou e competiu ginástica na infância por oito anos, em campeonatos escolares, amistosos e estaduais nas categorias infantil e juvenil. Sua graduação foi em educação física licenciatura plena, participou de cursos nas áreas da ginástica rítmica, artística e de trampolim. Além dos cursos de ginástica também fez cursos de recreação e educação infantil que auxiliaram no seu conhecimento e também na sua prática. Em 1999, iniciou como treinadora em um colégio na cidade de Santa Cruz do Sul e permanece até o presente momento, onde atende ginastas das categorias do infantil ao adulto. Em 2000, deu início a sua participação em competições como auxiliar técnica e em 2006 como treinadora principal em eventos locais, estaduais e nacionais com as categorias pré-infantil, infantil, juvenil e adulto. Ministrou cursos de copas escolares de GT pela FGRS. Além do trabalho como treinadora de ginástica divide seu tempo com o cargo de professora de educação física na educação infantil. Realizou o curso de arbitragem com intuito de agregar conhecimento como técnica, mas não atuou como árbitra, em 2006 participou em uma banca de arbitragem. Foi convidada pela FGRS em 2004 para fazer parte do comitê técnico por estar realizando um excelente trabalho na modalidade de GT.

Para ela o papel enquanto treinadora é:

O meu objetivo na verdade como professora ou treinadora, é a educação, de uma forma geral. Não sou uma pessoa que fica dando conselhos que fica dizendo como tem que ser, como tem que agir, o que tem que pensar, mas acho que sim a gente tem uma influência grande, o importante é o treinador estar sempre disponível, não o tempo todo mas ter abertura para ouvir, para entender o que os alunos estão passando e auxiliar nesses processos, nessas etapas da vida, não tão diretamente né, a gente não é psicólogo e não tem que ser né, mas tem que entender um pouco de tudo da vida, entender do mundo e estar aberta a receber as dúvidas e incentivar, ajudar, orientar sim, mas acho que nunca de uma forma tão impositiva, mas mostrar possibilidades e encaminhar para outras ajudas necessárias, caso a gente não alcance.

Para ela o significado de ensinar a ginástica inicialmente tem relação do corpo e suas possibilidades, de fazer movimentos e se desafiar.

A ginástica possibilita muitas coisas. É importante para lidar com as frustrações também. Na ginástica, a gente está sempre querendo perfeição, buscando ela, mas nunca vai chegar lá. Vai dar errado, sempre tem uma coisa para melhorar, então tu vai lidar com essa frustração o tempo todo. A ginástica é tudo, é química, física, matemática, estou sempre relacionando com outras coisas. A ginástica é memória né, pra ter que memorizar uma série tem que compreender como o cérebro funciona, como a psicologia funciona, que não dá para ficar também insistindo no erro. É fisiologia também, a questão quanto tu vai treinar e preparar tua musculatura, tua força, flexibilidade e isso vai te dar resultado do teu movimento. Até a questão de compreender o outro, a ginástica é individual, mas ao mesmo tempo, tu ensina a lidar com as questões de grupo.

#### 4.1.4.1 As experiências de prática esportiva

T4 recorda que seus pais foram os primeiros encorajadores para ela explorar as suas habilidades corporais, auxiliando ela nos aprendizados da natação em um rio, andar de bicicleta e até mesmo ficar pendurada de cabeça para baixo em um varal. Ela gostava muito de brincar com as colegas e vizinhas no pátio da casa, onde ficavam fazendo movimentos gímnicos como estrelinha e cambalhotas. Aos nove anos de idade deu início a prática de GA e GR no colégio e então frequentava quatro vezes na semana as aulas. Participou de muitos eventos em ambas modalidades e lembra que ganhou diversas medalhas e do quanto ficou feliz quando viu uma reportagem sobre ela no jornal da cidade falando sobre sua participação em um evento de GA. Aos 15 anos de idade quando ingressou no ensino médio, optou por seguir apenas na GA, pois havia passado para a equipe e aumentou as suas sessões de treino. No último ano do ensino médio recebeu um convite para completar a equipe de GR e voltou a conciliar as duas modalidades. Em uma conversa com a professora de GA sobre a escolha do curso de graduação, ela lembra de responder que jamais faria educação física, pois ela via o trabalho da

professora como algo muito desgastante. Hoje, ela percebe que na verdade a professora se sentia realizada, tinha muitos alunos e mesmo atendendo turmas lotadas, conseguia dar aulas excelentes.

#### 4.1.4.2 As primeiras experiências na carreira profissional (pré-formação)

T4 ainda em dúvida sobre o que cursar, prestou vestibular em Porto Alegre para arquitetura na UFRGS, porém não se adaptou e retornou para Santa Cruz do Sul. Em um momento, foi visitar o colégio onde estudou e foi convidada pelo professor para auxiliar de forma voluntária nas aulas de GA. Ela acredita que esta experiência foi importante para decidir cursar Educação Física e então no segundo semestre de 1994 ela iniciou a graduação em licenciatura plena e acabou assumindo outros compromissos como monitorias de pesquisa e extensão o que fez se afastar temporariamente das ginásticas.

#### 4.1.4.3 Como se tornou treinador(a) (pós-formação)

Em 1999, se formou no curso de educação física, fez seu primeiro curso de arbitragem de GR e foi contratada para dar aulas de GA e GR em uma instituição de ensino na sua cidade natal. No ano seguinte ocorreram alguns fatos importantes: realizou cursos técnicos de GA; foi contratada no colégio onde estudou para trabalhar com GA; e fez seu primeiro curso de ginástica de trampolim. Este último fato, ela relata que viu uma nota no jornal impresso sobre a oferta do curso pela FGRS, e se sentiu motivada para conhecer a modalidade de GT, então veio para a cidade de Canoas realizar o curso no final daquele ano. Neste período manteve as aulas de ginástica em ambas as escolas.

No ano de 2001, aumentou sua carga horária no colégio onde estudou, abriu turmas de GT e teve que optar por sair do outro emprego. Em 2002, além das aulas de ginástica, assumiu as aulas curriculares de educação física do nível pré-escolar. Neste mesmo ano, organizou a primeira copa escolar de GT na sua escola com auxílio do seu antigo professor de GA. Em 2003, ocorreu o nascimento da sua filha e assim que retornou do seu período de licença maternidade seguiu trabalhando com GA, GT e as aulas de educação física. O ano de 2004 teve um marco importante na sua trajetória como treinadora, pois, seus alunos foram campeões estaduais de GT. Em 2005, entrou como membro do comitê técnico da FGRS na modalidade de GT, se aproximando mais dos regulamentos técnicos, agregando mais conhecimento

sobre a modalidade. Em 2006, assumiu todas as turmas de ginástica no colégio, inclusive a equipe de competição, que até então, ficava sob responsabilidade de outro professor, o qual foi uma figura importante na sua trajetória como treinadora, lhe passando as técnicas de como auxiliar os atletas, assim como a sequência pedagógica dos elementos da GA. Neste mesmo ano, ela levou seus alunos para participar do torneio nacional de GT na cidade de Curitiba. O ano de 2007 foi marcado pela realização do campeonato brasileiro de GT na sua cidade natal, onde pode participar com seus alunos deste grande evento, o que proporcionou uma maior visibilidade tanto para ela como treinadora, quanto para a modalidade em si.

Em 2013, ela conseguiu levar apenas três ginastas para participar do torneio nacional de GT na cidade de Goiânia devido aos custos de transporte e estadia, mas mesmo assim foi um evento importante para trazer um maior reconhecimento sobre o seu trabalho. Após 16 anos envolvida com a modalidade de GT, estudando, treinando seus alunos e participando de competições, ela se sentiu apta em repassar seus conhecimentos por meio de um curso de copa escolar na cidade de Santa Cruz do Sul com o apoio da FGRS, para demais profissionais da área. No ano de 2017, participou novamente do torneio nacional na cidade de Goiânia, porém desta vez conseguiu levar 13 atletas, pois teve um apoio financeiro que auxiliou nos custos da viagem dos seus ginastas.

Já no ano de 2018 juntamente com outros membros do comitê técnico da FGRS, organizou cursos estaduais de arbitragem de GT para atletas, técnicos demais profissionais da área. Em 2019, ministrou um curso de copa escolar de GT na cidade de Nova Brécia. Já no ano seguinte, devido à pandemia da COVID-19, as turmas de ginástica iniciaram o treino de forma virtual, porém não teve muita adesão devido ao fator motivacional. Ela aproveitou esse momento para realizar as capacitações promovidas pela CBG. No segundo semestre do ano seguinte, houve o retorno presencial das aulas de ginástica apenas uma vez por semana, dessa vez seu grupo estava reduzido devido aos resquícios da pandemia, então teve que captar novos ginastas para sua equipe. Em 2022, iniciou o ano letivo podendo desenvolver seu trabalho normalmente com apresentações no colégio para tentar motivar mais alunos a participarem das aulas de ginástica. No momento final da sua participação nesta pesquisa, a treinadora mencionou que seus ginastas eram os atuais campeões estaduais na primeira divisão de GT e estava fazendo o planejamento para participar do torneio nacional no próximo ano.

#### 4.2 Análise das trajetórias dos treinadores

Ao longo da vida, os treinadores e treinadoras estabelecem sua aprendizagem a partir de diferentes situações, as quais derivam do processo de socialização primária e secundária, onde a primeira perfaz o envolvimento junto à família, a escola, ao clube que treina, ou seja, que precede a entrada na carreira e a segunda, condiz às socializações ocorridas após a formação inicial, quando o(a) profissional estreia sua atuação laboral. Devido essas diferentes socializações, o profissional tem seu perfil, seus métodos, sua filosofia, cabendo a ele criar a sua identidade, assim incluindo o/a treinador(a) esportivo(a) (TOZETTO, GALATTI & MILISTEDT, 2018; MOLETTA *et al.*, 2023).

Para apresentar estes resultados foram adotados e adaptados a partir do estudo de Brasil e colaboradores (2015), a classificação das etapas experiência pessoal e profissional, nomeados como: ingresso na prática esportiva, permanência na prática esportiva, ingresso na carreira profissional e permanência como treinador(a) (Figura 6). Com relação à primeira etapa, consiste nas pessoas e episódios que influenciaram os treinadores a iniciar a prática esportiva, tais como família (pais, irmãos, tios, primos); escola (nas aulas de educação física); nos clubes (nas aulas de iniciação ao esporte) e até mesmo em eventos esportivos. Já a permanência no esporte, está vinculada aos significados atribuídos à prática esportiva, que de fato, fizeram com que os treinadores permanecessem motivados à prática, a exemplo das viagens para as competições, do reconhecimento dos amigos, da melhora do desempenho, e do incentivo de investimento da família. Por fim o ingresso e permanência na carreira profissional como treinador(a), é caracterizado por fases ao longo de sua carreira, o qual passa a assumir papéis como de monitor ou estagiário; auxiliar técnico; instrutor até se tornar treinador(a) (BRASIL *et al.*, 2015). Abaixo as categorias de análise (figura 6).

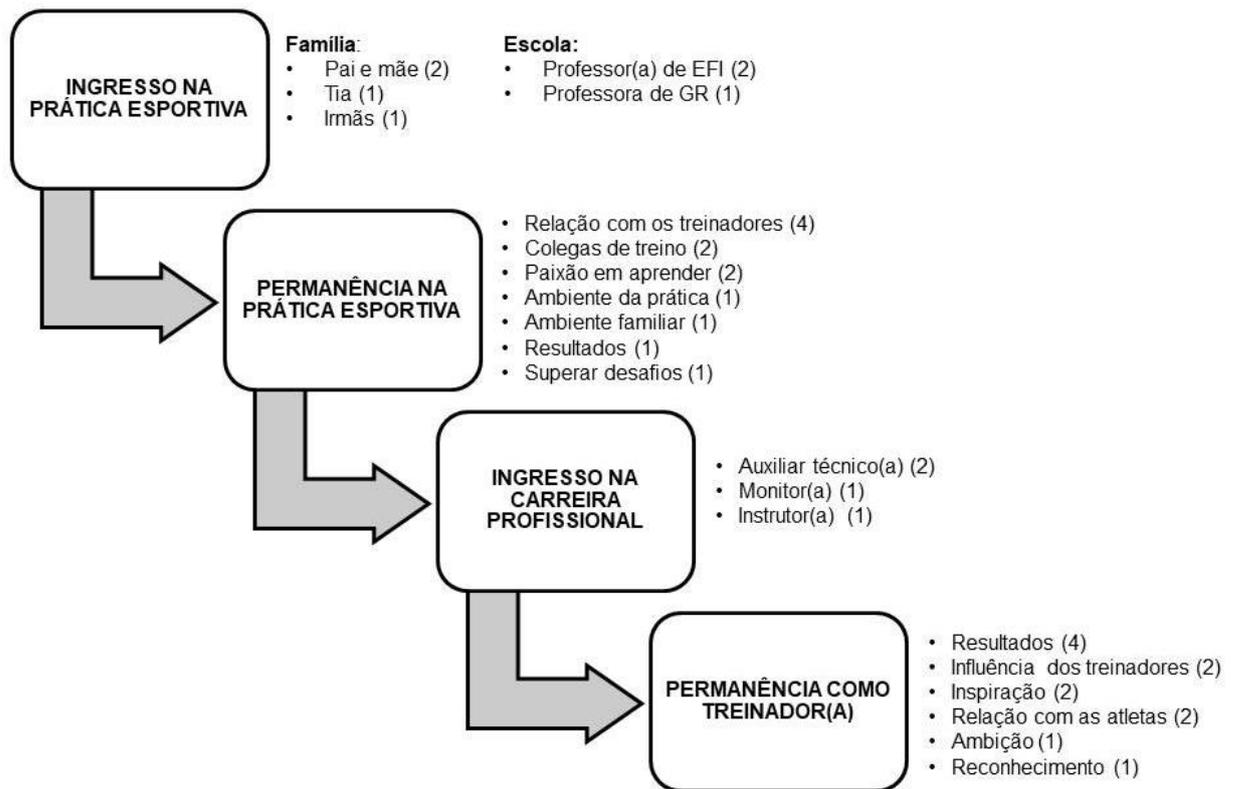


Figura 6 – Experiências e significados de prática pessoal e profissional marcantes em cada fase das trajetórias dos treinadores.

Fonte: Autoria própria, 2023.

#### 4.2.1 Ingresso e permanência na prática esportiva

Na presente pesquisa, os treinadores apontaram que o ingresso na prática esportiva ocorreu por meio dos contextos familiar e escolar. De fato, os treinadores ao recordarem das primeiras situações de envolvimento no esporte indicaram tanto os familiares, quanto os professores de educação física e extracurricular como pessoas incentivadoras nesta etapa. A influência dos pais no incentivo da prática esportiva foi mencionada pelos treinadores T3 e T4. T3 menciona também que suas irmãs serviram de inspiração, visto que, elas eram vinculadas ao esporte, assim como seus pais. Para T2, quem exerceu esse papel influenciador foi sua tia que era do meio esportivo (ex-atleta e professora de ginástica rítmica). Para T1 e T4 as figuras das professoras de educação física e de ginástica rítmica respectivamente, tiveram forte influência nas suas primeiras experiências no esporte.

A ginástica foi a primeira modalidade praticada na infância apenas para T2 e T4. Já T1 e T3 vivenciaram outras modalidades anteriores à ginástica, como dança e natação respectivamente. Para T2, T3 e T4 o início da prática da ginástica foi no ambiente escolar na atividade extracurricular. Já para T1, a sua experiência com a

GA ocorreu fora do contexto escolar, no Centro Estadual de Treinamento Esportivo. Com exceção da T4, os demais treinadores praticaram na infância as modalidades que vieram a atuar como treinadores. T4 teve seu primeiro contato com a modalidade de GT apenas no período pós- formação, mas chegou a praticar por muito tempo a GA e GR no colégio onde estudava. Apenas T2 e T3 praticaram outras modalidades após terem praticado ginástica, respectivamente karatê e voleibol.

Sobre a etapa de permanência na prática esportiva os treinadores apontaram sete fatores que os fizeram permanecer no esporte, sendo eles: “relação com os treinadores”, “colegas de treino”, “paixão em aprender”, “ambiente da prática”, “ambiente familiar”, “resultados” e “superar desafios”. Os treinadores foram unânimes em mencionar a “relação com seus treinadores” pela continuidade na modalidade. Para T2 a personalidade do professor que era brincalhão e sua metodologia contribuíram para que ele seguisse praticando. Para T1:

Meus treinadores foram fundamentais para que eu permanecesse praticando e também na minha formação profissional pelas atitudes deles. Minha professora de ballet me incentivou muito também, pois eu não era uma ginasta forte, mas elegante.

Para T3 e T4 além das professoras tornarem o ambiente motivador, as “colegas de treino” foram importantes neste processo. Segundo T4, as amigas que já faziam ginástica que a convidaram e incentivaram a fazer ginástica. Para T3:

No início eu não queria ser atleta de ginástica rítmica porque minhas irmãs faziam, mas eu chamei atenção quando eu fui fazer um teste e o próprio grupo era legal, as minhas colegas, a minha professora, o fato das minhas irmãs estarem lá também, a família, meu pai e minha mãe apoiando, então tudo isso foi muito importante.

Outros motivos que fizeram T3 permanecer na ginástica foram o “ambiente familiar” e os “resultados de desempenho”.

Eu acho que uma das coisas também que me ajudou a permanecer no esporte querendo ou não foram os resultados, o querer ganhar uma competição e para outra de repente não ir muito bem e daí depois querer se superar de novo. Eu vivia a ginástica 24 horas por dia, eu queria melhorar cada vez mais.

T1 e T2 enfatizaram a “paixão em aprender” como um fator para permanecer no esporte. O “ambiente da prática” também foi significativo para T1, pois ela afirma que gostava muito do meio e de fazer ginástica. T4 mencionou que “superar desafios” foi importante para permanecer praticando ginástica:

Foi pelo meu interesse individual que segui na modalidade, porque a ginástica fechava comigo individualmente em se superar tentar novos desafios, de evoluir de conseguir mais, em conquistar uma nova acrobacia. A minha personalidade e a minha vontade de superar e de crescer, desenvolver e de competitividade no sentido de enfrentar desafios não pela competição ganhar do outro também, mas de conseguir superar os desafios.

Segundo Côté (1999) o ambiente social é formado pelo atleta/praticante, família e o treinador, sendo a família apontada como um dos fatores de maior influência no desenvolvimento do talento desde a primeira infância até a fase da adolescência. O apoio familiar, em particular dos pais no princípio de prática esportiva dos jovens é determinante para o ingresso e permanência dos mesmos no esporte, os quais, além de financiar os gastos provenientes da prática, são os principais torcedores pela evolução dos seus filhos.

Para Brasil e colaboradores (2015), as primeiras experiências e a inserção dos treinadores no contexto esportivo na maioria das vezes estão associadas aos episódios ou situações de convívio sociocultural característicos de prática esportiva, oportunizados principalmente pelos familiares, sendo eles, pais, irmãos, primos, tios, entre outros. Essas vivências que acontecem ainda na infância, tem maioritariamente, um caráter lúdico, de lazer, conectado aos contextos de relações sociais mais imediatos (CÔTÉ; HAY, 2002), proporcionados pelos pais, os quais acabam por prover condições e recursos fundamentais para a manutenção de uma prática esportiva sistematizada (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009).

A influência de ex-atletas por meio de vínculos familiares ou amizade, pode conduzir a prática de determinado esporte. Nos clubes, associações e outras organizações semelhantes, através de aulas extracurriculares, é viável obter os primeiros contatos com a prática esportiva sistemática. Além do mais, as aulas de educação física escolar e os eventos esportivos frequentemente podem despertar o interesse pela prática (BRASIL *et al.*, 2015).

Corroborando com os resultados encontrados nesta pesquisa, algumas investigações em diferentes contextos esportivos, indicam a influência da família (pai, mãe, irmão, primo, tio) no ingresso ou permanência de crianças e jovens no esporte. Como apresentado nos estudos de Souza e colaboradores (2008) e Talamoni, Oliveira e Hunger (2013), destacam que o apoio familiar é fundamental para a permanência dos jovens no esporte, e que no caso do futebol, por ser um fenômeno reconhecido e valorizado mundialmente, a família sonha com a

possibilidade de seus filhos se tornarem jogadores profissionais de futebol, e assim proporcionar melhores condições de vida aos familiares. Já no estudo realizado por Ramos e colaboradores (2014) na modalidade do surfe, a família (pais, primos e irmãos) influenciaram as primeiras experiências de prática dos treinadores em situações de lazer, ao ir para a praia com a família e observar o pai surfando e também de eventos esportivos, ao acompanhar seus familiares. No estudo de Barros (2016), as primeiras experiências de prática esportiva dos treinadores de ginástica artística estiveram ligadas a contextos familiares, e notou-se, a influência dos pais, mães, tios e primos para criar situações de descoberta dos significados pessoais de prática. Verificou-se igualmente a importância dos professores de educação física escolar, no processo de orientação esportiva.

Referente aos significados de “paixão”, “superar desafios” e a busca por melhores “resultados”, estes achados vão de encontro aos estudos de Lopes e Nunomura (2007) e Lopes (2009) as quais destacaram que os fatores motivacionais relacionados à permanência na ginástica, estão diretamente ligados ao prazer proporcionado pela característica desafiadora da prática durante este esporte, ao buscar executar os movimentos cada vez mais complexos. O ambiente de prática foi também apontado como um fator atrativo para a experimentação e descoberta das crianças perante diversos colchões e aparelhos, possibilitando a exploração de movimentos.

#### 4.2.2 Ingresso e permanência dos treinadores na carreira profissional

Em relação a este bloco de análise, todos os treinadores tiveram suas primeiras experiências no ensino das ginásticas de competição ainda no período pré- formação universitária. Devido ao desejo de estudar em escola particular, T1 iniciou na fase da adolescência como monitora no clube onde era atleta. Já T2 iniciou sua experiência como instrutor voluntário na Federação Sergipana de Ginástica com a modalidade de GA. T3 trabalhava como monitora de GR elaborando coreografias para auxiliar a treinadora principal. T4 era auxiliar técnica voluntária de GA a convite do professor de ginástica da escola onde se formou. T3 e T4 mesmo tendo o envolvimento como atletas de ginástica, não pensavam em seguir a carreira de treinadora, inclusive prestaram vestibular em outras áreas. Foi a partir desta experiência prévia que elas optaram por cursar Educação Física. Já T1 desde sua fase de atleta e depois com a experiência como monitora já sabia de suas escolhas

e que para isso precisaria se graduar para ser uma treinadora de ginástica. T2 por sua vez já estava cursando a graduação há um ano quando decidiu se aprofundar na modalidade de GA e inclusive ele não atribui a experiência que teve ainda na infância como praticante de ginástica na escolha da profissão, mas sim pelas oportunidades que surgiram no decorrer da sua graduação e ao apoio familiar.

As vivências praticadas ainda na infância e na adolescência podem viabilizar ao sujeito as primeiras concepções a respeito do que é ser treinador, as quais servirão de referência para as escolhas futuras, ou seja, os interesses, desejos, opiniões, são esculpidos a partir de suas experiências, sobretudo daquelas que estavam presentes nos grupos em que conviveu ao longo de sua vida. Conforme sua evolução de prática, o jovem aproxima-se fortemente do papel de treinador, principalmente pelo conhecimento que conquista a respeito da prática e pelo seu envolvimento em uma comunidade esportiva específica. A passagem de atleta para treinador acontece por meio das primeiras experiências como, estagiário ou monitor, auxiliar técnico e instrutor, as quais definem e/ou aprimoram sua capacidade para assumir por sua vez o cargo de treinador (BRASIL *et al.*, 2015).

Talamoni, Oliveira e Hunger (2013) enfatizam que essas experiências configuram um momento de reflexão do atleta/treinador referente à escolha de sua profissão, após finalizar a sua jornada como atleta, isto é, uma fase propícia à escolha e ao ingresso em um contexto formal (cursos de ensino superior ou programas de formação de treinadores) de qualificação para contemplar as necessidades formativas e normativas estabelecidas ao exercício legal da profissão de treinador esportivo. O treinador novato inicia um processo de embate entre o conhecimento específico sobre o esporte obtido com a prática; suas recentes experiências como auxiliar/estagiário; e ainda, o acesso a novos conhecimentos por meio de livros, clínicas e seminários para treinadores (BRASIL *et al.*, 2015).

Segundo Trudel e Gilbert (2006), o ingresso na carreira de treinador esportivo, de certa forma, está relacionado ao contato com as pessoas, desde a infância, ao ambiente de prática esportiva, propiciando a aprendizagem de conhecimentos característicos dessa cultura específica. Trata-se de uma ação “natural” de envolvimento e participação em ambientes e situações diversas, o que atribui um caráter sociocultural à aprendizagem.

Com relação à etapa de permanência como treinador, os sujeitos mencionaram seis motivos/significados que os fazem permanecer nesta profissão,

sendo eles: “resultados”; “influência dos treinadores”; “inspiração”; “relação com as atletas”; “ambição” e “reconhecimento”. Para todos eles, os “resultados” tem um peso significativo, isto é, os resultados que eles vêm obtendo por meio das suas atuações é o combustível que os faz permanecerem como treinadores. Alguns recordam sobre seus grandes feitos, como T1 que já conquistou com suas atletas medalhas em eventos internacionais, sendo o maior deles na sua carreira o ouro no mundial. Já T2 ao olhar para a sua trajetória de onde tudo começou e onde ele está atualmente, com um ginásio mais equipado, almeja conquistar melhores resultados com a sua equipe de base. Para ele, outro fator que o faz permanecer atuando como treinador é a sua ambição, onde visa participar com seus atletas de eventos internacionais de grande porte. Para T3 e T4 fazer parte da evolução de suas ginastas e ver os resultados expressivos em competições faz com que sigam motivadas. Outro fator que T3 menciona é a relação com suas atletas, a troca diária com elas no ginásio é um dos motivos para ela se sentir mais realizada na sua carreira, o que leva ela a refletir sobre a escolha certa da profissão. T2 também menciona a relação que tem com seus atletas como um fator motivacional para permanecer na profissão, em especial ao grupo de atletas que teve no início da sua carreira, onde na época os recursos eram limitados e mesmo assim conseguiu grandes feitos.

Sobre o fator “influência dos treinadores”, para T1 e T2 a figura de seus treinadores foi fundamental para o desenvolvimento deles como profissionais. T2 recordou de seu treinador de Karatê durante sua adolescência, que apesar de gostar da personalidade de seu treinador, não gostava da metodologia, pois não se sentia motivado e isso fez com que ele refletisse sobre a abordagem que utilizaria mais tarde com seus atletas. Já T1 menciona que seus treinadores foram essenciais na sua formação e deixaram um legado de como ela poderia replicar tudo que lhe foi ensinado.

“Inspiração” foi mencionada pelas treinadoras T1 e T4, onde para elas os trabalhos de outros treinadores servem de modelo para serem desenvolvidos nas suas sessões de treino. Para T4 o fator “reconhecimento” também a faz permanecer executando suas funções, pois à medida que o trabalho dela está sendo bem desenvolvido, ela observa um retorno positivo das famílias, da instituição e dos próprios atletas, enaltecendo sua conduta.

Na pesquisa de Barros (2016), os treinadores de GA indicaram “resultados do trabalho” como um fator motivador para permanecer na carreira, além de outros termos que foram identificados como as “vitórias”, a “superação”, mencionados pelos treinadores para definirem a satisfação pessoal que eles possuem a cada conquista, a cada competição, a cada momento de superação de seus atletas e deles mesmos.

#### 4.2.3 As fontes de conhecimento dos treinadores de ginástica de competição

O treinador é considerado elemento central no processo de desenvolvimento desportivo, e ao investigá-lo é importante ressaltar que a formação desses sujeitos ocorre de formas diferentes (TOSIN; GALATTI; MONTAGNER, 2021). A literatura sugere que a formação do treinador esportivo está pautada em diferentes fontes de conhecimento e contextos (JIMÉNEZ, LORENZO; GÓMEZ, 2009; MALLET *et al.*, 2009, CUSHION; LYLE, 2010; CUSHION *et al.*, 2010; e BRASIL *et al.*, 2015). Uma vez que, treinadores e treinadoras são responsáveis por proporcionar experiências formativas, é de extrema importância que eles se atentem à própria formação profissional, vivenciando situações de aprendizagem derivadas de múltiplos cenários e contextos, como o formal, não formal e informal (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006) (Figura 7).



Figura 7: Contextos e situações de aprendizagem profissional dos treinadores.  
Fonte: Brasil e colaboradores, 2015, p. 820.

Neste estudo, ao serem questionados sobre onde buscaram o conhecimento que possuem para ensinar ginástica, os treinadores indicaram 14 situações distintas de aprendizagem ao longo das suas vidas (Tabela 1). As situações de aprendizagem mencionadas pelos treinadores foram interpretadas e classificadas em conformidade com a proposta de Nelson, Cushion e Potrac (2006) a respeito dos contextos formal, não formal e informal.

Tabela 1 - Contextos e situações de aprendizagem dos treinadores.

<b>Contexto de aprendizagem</b>	<b>Situações de aprendizagem</b>	<b>Frequência</b>
<b>Formal</b>	Curso de graduação <sup>T1 ao T4</sup>	4
	Curso de pós-graduação <sup>T1</sup>	1
<b>Não Formal</b>	Cursos específicos de ginástica <sup>T1 ao T4</sup>	4
	Cursos de arbitragem <sup>T1 ao T4</sup>	4
	Nível estadual <sup>T1 ao T4</sup>	4
	Nível nacional <sup>T1 ao T3</sup>	3
	Nível internacional <sup>T1</sup>	1
<b>Informal</b>	Experiência de prática esportiva <sup>T1 ao T4</sup>	4
	Compartilhamento de informações <sup>T1, T3 e T4</sup>	3
	Intercâmbios de treinamento <sup>T1, T2 e T3</sup>	3
	Troca de experiências no ginásio <sup>T1 e T2</sup>	2
	Observação de treinadores mais experientes <sup>T2, T3</sup>	2
	Internet <sup>T1</sup>	1
	Análise de vídeos <sup>T1</sup>	1

Fonte: Autoria própria, 2023.

No contexto formal a aprendizagem provém de um sistema de certificação, institucionalizado e estruturado hierarquicamente, com algum arranjo cronológico de médio e longo prazo, ofertado por entidades governamentais, federações esportivas, entre outras (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). As situações formais de aprendizagem são apresentadas na literatura específica de formação de treinadores esportivos como fontes fundamentais de conhecimento profissional, nas quais o aprendizado incide pelo acesso a uma diversidade de oportunidades e experiências nos diferentes contextos para que aproxime ao máximo das situações reais de

atuação (MALLETT *et al.*, 2009; STODTER, 2014). As experiências de aprendizagem pela via formal tem o objetivo de orientar os treinadores sobre as abordagens atuais de treinamento, sobre o uso de novos elementos na aplicação prática do treinamento, como forma de experimentação e de determinar se elas são adequadas para suas necessidades ou não, bem como o impacto deste trabalho em seu próprio conhecimento do esporte (TRUDEL; GILBERT; WERTHNER, 2010).

Nesta pesquisa os quatro treinadores são graduados, sendo T1, T3 e T4 no curso de Educação Física licenciatura plena, isto é, pela antiga resolução. Já T2, o mais jovem dos treinadores, se formou após a nova diretiva e optou por fazer as duas graduações (licenciatura e bacharel) devido às oportunidades de emprego. Apenas T1 possui pós-graduação, sendo esta na área de ginástica. Para eles, o curso de Educação Física foi apenas o pontapé inicial para poder exercer a profissão em conformidade com a legislação.

Quando questionados sobre qual conhecimento é necessário para o ensino da ginástica de competição e de onde obtiveram, os treinadores relataram:

T1: Sim, temos que ter conhecimento de todas as áreas e infelizmente a universidade ela não traz isso. Como treinador, ela pode te trazer de uma forma ampla e super básica, claro que tudo depende do que tu vai procurar, do teu interesse enquanto aluno vai te deixar melhor ou pior, mas a universidade te dá uma base muito pequena, se quer se especializar em qualquer coisa tem que procurar fora. Para nós a parte de fisiologia é muito importante, porque vamos construir o atleta e o atleta não é um robô, a parte de psicologia para entender a fase da primeira infância até a fase adulta e junto a isso vem a menarca, a sociedade. A biomecânica é importantíssima no quesito técnica, porque a ginástica é biomecânica pura. Obtive os conhecimentos em cursos técnicos dentro da área específica, a parte de fisiologia, nutrição e fisioterapia dentro de departamentos médicos onde temos a área multidisciplinar que trabalha diretamente conosco. Temos que saber um pouquinho de tudo para poder atuar buscando a excelência. A zona de conforto não pode existir enquanto treinador de alto rendimento, quanto melhor o atleta mais ele te pede, então a busca do conhecimento não para.

T2: A ginástica é um esporte muito complexo, então conhecer o código de pontuação quanto ao que tem ali, dentro da academia acho que toda a grade curricular da educação física ela se torna muito importante, principalmente as disciplinas de treinamento esportivo, a própria disciplina de ginástica artística, fisiologia, antropometria, psicologia do esporte, nutrição no esporte. Acho que são disciplinas que foram importantes para ter mais ou menos uma ideia, claro que em se tratar de universidade é algo muito "pincelado", eu quero fazer uma especialização voltada para a área de treinamento esportivo, acho que para o que eu almejo lá na frente vai ser uma pós-graduação que vai me ajudar muito na prática, além disso, acho que a licenciatura me ajudou muito na parte de condução pedagógica do trabalho. Então as disciplinas como didática, pra mim foi muito importante na educação física na licenciatura. Adquiri esses conhecimentos na universidade, nos grupos de pesquisa da própria universidade e em cursos de arbitragem e outros específicos e também a vivência prática.

T3: Acredito que desenvolvimento motor foi muito importante, ginástica básica, fisiologia, anatomia, um pouco de tudo, mas para mim foi a própria vivência da ginástica, eu acho que se eu não tivesse tido a vivência da ginástica talvez eu não estaria onde eu estou hoje. Mas também não é só isso, o próprio Rafael Luz foi um que entrou na faculdade encantou com a ginástica é um baita de um técnico, para mim foi a vivência como atleta para mim foi um curso de arbitragem que eu fiz antes de ser treinadora. Eu sabia ser ginasta eu sabia como se dava uma aula né, mas eu não sabia o que que tinha que ter de fato numa coreografia eu fazia minha coreografia porque a minha técnica me dava a minha coreografia. Então acredito que curso de arbitragem para entender regulamento, para entender o que o código de pontuação pedia. Claro que algumas disciplinas da faculdade também me ajudaram muito, como por exemplo, quando eu já fazia estágio eu relacionava a teoria com a minha prática como treinadora.

T4: Fundamentalmente na ginástica, disciplinas como biomecânica, fisiologia e anatomia. E aí outras questões que eu aprendi na faculdade de psicologia, acho que eu uso muito, principalmente em como lidar com os grupos, como a cobrança que se tem dos resultados, como se tem que equilibrar isso para não desmotivar e ao mesmo tempo também motivar né. As técnicas específicas basicamente têm a ver muito com biomecânica por isso que eu falei na ginástica as ajuda né como segurar como ajudar pra prevenir lesões e/ou primeiros socorros e como atender quando acontece um acidente também é uma coisa interessante. Acho que também os cursos que fiz por fora da faculdade, específicos da modalidade.

Em todas as falas, os treinadores mencionaram que seus conhecimentos foram adquiridos além do contexto formal. T1 enfatizou que a universidade oferece uma base muito superficial e para quem quer se especializar na área é necessário buscar esse conhecimento fora do contexto universitário. T2 faz menção ao termo “pincelado” para exemplificar a maneira como os conteúdos são ofertados na universidade e ainda complementa sobre o seu desejo em cursar uma especialização na área do treinamento esportivo para se qualificar e melhorar a programação dos seus treinos. Já T3, iniciou sua fala citando exemplos de disciplinas que serviram de base para seus conhecimentos, porém acredita que sua vivência como atleta influencia na sua forma de ensinar e o código de pontuação contribui para o ensino da ginástica por lhe trazer informações específicas da sua modalidade. T4 manifestou que além das disciplinas do curso de Educação Física serem importantes para o seu conhecimento, algumas disciplinas do curso de psicologia foram fundamentais para a condução de suas aulas, assim como também citou os cursos que realizou fora da faculdade como ferramentas para a construção do seu conhecimento.

Segundo o documento de modelo de desenvolvimento esportivo do Comitê Olímpico do Brasil (COB, 2023), a partir da regulamentação da profissão de educação física (Lei nº 9696/1998), a atuação dos treinadores esportivos (com

exceção de treinadores de futebol, que possuem legislação própria) passou a ser permitida apenas após a conclusão do curso de bacharelado em Educação Física e da emissão da cédula dos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que guiam a estruturação dos cursos universitários em Educação Física atendem um conjunto de conhecimentos e competências distribuídos por um período de quatro anos. É por meio deste curso que os estudantes, futuros treinadores, adquirem conhecimentos básicos, como fisiologia, biomecânica, psicologia, pedagogia, entre outros, além de desempenharem competências de ensino-treinamento, avaliação, análise crítica e reflexão, que irão contribuir para sua atuação como treinador. A formação inicial em Educação Física varia conforme o currículo estabelecido por cada instituição de ensino superior, que, em sua maioria, proporciona uma formação geral que dá base para a intervenção no esporte, sobretudo no contexto do esporte de participação. Por outra via, as confederações (e federações) esportivas e o Comitê Olímpico do Brasil compõem o sistema esportivo e são responsáveis pela formação continuada (após a formação em Educação Física/ Ciências do Esporte) e específica de treinadores, principalmente para atuação no contexto do esporte de rendimento. Deste modo, a formação por meio do sistema educacional e a formação no âmbito do sistema esportivo, via Comitê Olímpico do Brasil e/ou Confederações Esportivas, possuem uma relação de complementaridade no processo de desenvolvimento profissional de treinadores brasileiros.

Pesquisas têm demonstrado que o contexto formal contribui com conhecimentos teóricos e filosóficos de base, porém apresenta déficits em abordar aspectos práticos do treinador esportivo, o que é indispensável no percurso formativo de treinadores (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; GILBERT; TRUDEL, 2001; MILISTETD *et al.*, 2017). Modolo e colaboradores (2017), ao analisarem a formação com foco na identificação dos contextos e situações de aprendizagem de 11 treinadores de handebol de âmbito escolar de um município do Estado de São Paulo verificaram a partir dos relatos dos entrevistados que a graduação cumpre um importante papel na formação, porém insuficiente para o domínio dos conteúdos específicos inerentes ao seu contexto de atuação. Considerando os contextos de aprendizagem os treinadores apontaram preferência pelas fontes provenientes do contexto informal (como as experiências como atleta, as conversas com outros

treinadores e os materiais disponíveis na internet), ao passo que indicaram o contexto não formal como pouco relevante para a atuação.

Segundo Milistetd e colaboradores (2014), a abordagem generalista dos cursos brasileiros não contempla as especificidades e as circunstâncias típicas dos variados contextos de intervenção do treinador esportivo. Na literatura, há indícios de que treinadores brasileiros têm buscado a formação inicial em Educação Física, na maioria das vezes, pela necessidade da certificação profissional nesta área para atuar legalmente como treinador esportivo (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003; RAMOS *et al.*, 2011; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013).

Particularmente no universo gímnico, apesar da formação acadêmica possuir disciplinas específicas de ginástica, pesquisas empíricas realizadas com treinadores brasileiros, indicam que apenas a formação acadêmica, não é o satisfatória para se construir um conhecimento de base para o ensino específico relacionado ao treinamento esportivo, já que os conteúdos abordados neste tipo de formação apontam para a intervenção no âmbito da iniciação dos diferentes esportes, e não na atuação do alto rendimento esportivo (NUNOMURA, 2001; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003; SCHIAVON *et al.*, 2014). Cabe ao futuro treinador buscar esses conhecimentos fora da grade curricular das universidades, por meio de cursos específicos do qual deseja se aperfeiçoar.

Os dados destas investigações revelam a necessidade de uma reformulação no sistema de formação formal destes profissionais particularmente no Brasil, ao considerar que a atuação destes profissionais no esporte de rendimento carece de uma formação mais específica do que o atual regime de formação tem sido capaz de ofertar. Em alguns países como, Austrália, Canadá e Reino Unido, este tipo de formação direcionada ao esporte de diferentes níveis, já tem sido empregado, possuindo um sistema de formação integrado entre associações, governos e federações, a fim de contemplar a demanda de qualificação profissional dos treinadores que pretendem alavancar na carreira como treinador esportivo, no entanto, certificações também são obrigatórias, para o devido reconhecimento. (NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013; MILISTEDT *et al.*, 2014; Sheridan, 2014).

Em relação ao contexto não formal, é um conhecimento organizado, porém transmitido fora da estrutura do sistema formal e arquitetado para fornecer alguns

tipos de aprendizagem para pequenos grupos em períodos mais curtos de tempo, tendo como exemplos mais comuns desse tipo de aprendizagem, as conferências, os seminários e as palestras (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Compete as Confederações e Federações esportivas, planejarem capacitações breves como clínicas, cursos de arbitragens e *workshops*, para contribuir no processo de formação dos treinadores (BARROS, 2016). Por possuir características específicas das modalidades esportivas, oferecidas a subgrupos de interesse particular, com pouco ou nenhum pré-requisito para a participação dos profissionais neste contexto, o sistema não formal vem sendo procurado pelos treinadores para minimizar as deficiências do sistema formal (MALLETT *et al.*, 2009). Neste sentido, é por meio de cursos específicos, que os treinadores têm buscado complementar sua formação, procurando atualizações ou até mesmo, aquisição de novos conhecimentos específicos da modalidade em que atua (RAMOS *et al.*, 2011; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012; BARROS *et al.*, 2013, NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013; SCHIAVON *et al.*, 2014). O mesmo cenário se aplica no contexto internacional, onde a eficácia dos cursos de formação de treinadores também tem sido percebida como fonte de conhecimentos (MALLETT *et al.*, 2009).

Nesta pesquisa os treinadores apontaram de forma unânime, os cursos específicos da modalidade e cursos de arbitragem como fontes de conhecimento não formal. Todos os treinadores possuem a certificação de árbitros a nível estadual. Já no nível nacional, apenas T4 não realizou o curso. No nível internacional apenas T1 possui a certificação e atua como árbitra em competições. T4 realizou o curso de arbitragem para obter conhecimentos técnicos específicos da modalidade que atua, visto que não praticou a mesma anteriormente.

Na pesquisa de Ramos (2008), com quatro treinadores de basquetebol, a obtenção de conhecimentos no contexto não formal, foi um fator mencionado por alguns treinadores, quando estes, ainda estavam em início de carreira. No entanto, no proceder de sua trajetória profissional, estas fontes de aprendizagens serviram, especialmente, como sinalizadores na confirmação da qualidade dos conhecimentos construídos no decorrer de suas experiências. Este achado corrobora com outros dois estudos, onde treinadores de outros esportes, como a GA e o surfe também recorrem aos cursos de curta duração com o propósito de aperfeiçoar seus conhecimentos (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012) e no caso da GA para atualização técnica, referentes aos novos elementos e diferentes modos de ensinar que surgem

a cada período de tempo, em particular, a cada ciclo Olímpico (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014).

Segundo Cushion e colaboradores (2010), por mais que os treinadores concordem sobre a relevância da aprendizagem em contextos formais e não formais, a validade dos programas e cursos de formação profissional tem sido discutida para beneficiar a aquisição de conhecimentos úteis, uma vez que, as situações de aprendizagem em contextos informais, sob o olhar dos próprios treinadores, são as que têm grande impacto ou significado no desenvolvimento da aprendizagem profissional.

Sobre o contexto informal, é identificado como um processo em que cada sujeito constrói os conhecimentos, as atitudes e discernimentos próprios a partir de experiências do cotidiano de treino, desta forma o envolvimento nesses contextos depende, relativamente, de um engajamento pessoal de busca por uma melhor qualificação profissional (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Os achados de alguns estudos a respeito das fontes de conhecimento de treinadores esportivos têm apresentado algumas situações de aprendizagem do contexto Informal, como, a experiência de prática esportiva, a experiência como treinador esportivo, o compartilhamento de informações, a observação de treinadores mais experientes, entre outras, sendo essas consideradas pelos treinadores como fontes significativas em sua aprendizagem profissional (WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007; MALLETT *et al.*, 2009; RAMOS *et al.*, 2011; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012).

Nesta pesquisa, os treinadores apontaram sete situações de aprendizagem referente ao contexto informal, sendo elas: “experiência de prática esportiva”; “compartilhamento de informações”; “intercâmbios de treinamento”; “troca de experiências no ginásio”; “observação de treinadores mais experientes”; “internet” e “análise de vídeos”. Com relação à primeira, todos os treinadores citaram que suas principais fontes de conhecimento para realizar suas tarefas de ensino, estão diretamente relacionadas à suas experiências de prática esportiva, isto é, os treinadores continuamente recorrem às concepções presentes em suas memórias, de experiências vividas anteriormente, para orientar um dever de ensino. Para T1 e T3 a memória motora construída por meio da experiência de prática que tiveram como atletas é um dos principais balizadores de suas maneiras de ensinar a ginástica para suas atletas. Para T2 que teve uma experiência prévia no colégio com a GA, ele recorda de como se sentia feliz em fazer as acrobacias, mesmo que a

estrutura da escola não fornecesse atrativos aos olhos de uma criança, o papel do professor fazia com que aquele ambiente se tornasse especial e hoje trabalhando em um ginásio bem equipado tenta transmitir esse mesmo sentimento para seus atletas. T4 mesmo não experimentando a modalidade que atua, utiliza de base as experiências prévias que teve tanto na GA quanto na GR, para conduzir hoje suas aulas de GT.

Para T1, T3 e T4 o “compartilhamento de informações” é um fator que quando mencionado, os remeteram a um marco em comum, a pandemia da COVID-19. Os entrevistados recordaram que nesta época estavam afastados do ginásio devido aos decretos da pandemia e como alternativa, desenvolviam suas aulas remotamente. Para diversificarem seus treinos, montaram um grupo de estudos com outros treinadores de até mesmo diferentes Estados para planejarem seus treinos e debaterem outros conteúdos relacionados à ginástica. Isso os motivou a realizarem treinos em conjunto, e por meio desta vivência, os treinadores observavam a condução das sessões de treino de seus pares, agregando assim mais conhecimento, como por exemplo, modelos de aquecimentos diferentes, alguma técnica inovadora, entre outros.

Outra situação mencionada pelos treinadores T1, T2 e T3 são os “intercâmbios de treinamento”. Na construção da linha do tempo os entrevistados mencionaram as experiências que tiveram fora do país e nas entrevistas relembrou dos intercâmbios como fonte de conhecimento. T1 é a entrevistada com maior participação deste tipo de vivência após sua formação acadêmica em intercâmbios específicos da modalidade que atua, sendo conduzidos por treinadores *expert* na área. T3 também realizou intercâmbio após estar formada e afirmou o quanto este tipo de prática agregou na sua bagagem de ensino. Já T2 participou durante a sua graduação de um intercâmbio universitário, onde ficou perplexo com a estrutura física dos ginásios e o nível das aulas e das habilidades dos seus colegas de graduação.

Já a “troca de experiências no ginásio” foi mencionada por T1 e T2, onde relataram que ao dividir o ginásio com seus colegas durante as sessões de treino, aproveitam deste momento para trocar informações, dividir experiências e até mesmo aprender novos conhecimentos. Na construção da linha do tempo T1 manifestou como evento marcante de sua carreira o dia em que conheceu seu colega trabalho que a acompanha até os dias atuais.

T2 e T3 mencionam a observação de treinadores mais experientes como uma forma de adquirir conhecimentos. Ambos citaram que nas competições observam o trabalho dos treinadores que possuem resultados mais expressivos, com o objetivo de captar novos aprendizados e por sua vez replicar nos seus treinos e atletas.

T1 indica a internet e também a análise de vídeos como ferramentas virtuais que auxiliam no seu processo de aquisição de conhecimentos, mas ela ressalva que nem tudo que ela observa consegue colocar em prática, pois muitas vezes aquela estratégia não condiz com a sua realidade.

Quando interrogados sobre onde acreditam que os treinadores de ginástica de competição podem obter os conhecimentos para ensinar, eles responderam que:

T1: Pra mim a troca de experiências é fundamental, quem conhece mais, quem tem mais experiência, a internet é uma ferramenta espetacular, porém só a internet ela não ajuda porque muitas vezes o que tu está vendo ali tu não consegue aplicar dentro da tua realidade, porque o conteúdo é diferente, então para mim o pessoa-pessoa é mais fácil de poder melhorar tecnicamente e os cursos visuais mesmo que sejam *online* eu acho que são os momentos de aprendizado por essa troca de experiência mais próxima do que só olhar o educativo na internet.

T2: Através dos cursos de ginástica artística de todos os níveis, tanto da parte de base quanto voltada para o alto rendimento. Além disso vai depender do objetivo, se trabalha com escolinha é preciso ter didática, ter aulas adequadas para a idade do público, cursos voltados para essa parte pedagógica, a própria vivência no ginásio e em outros ginásios como intercâmbio, trocas de experiências com outros profissionais.

T3: Através de cursos, através de observação de outros treinadores, curso de arbitragem para lidar com o código de pontuação para poder fazer uma coreografia de alto rendimento, se não tu não tem base nenhuma pra montar uma coreografia, mas acho que os cursos e as vivências.

T4: Bom eu tive um curso de Educação Física que tinha as ginásticas né então, sei que nem todos são assim, eu acho que é fundamental fazer o curso de Educação Física. Eu acho que facilita muito ter tido vivência enquanto ginasta, mas se tu tem um curso de Educação Física com as disciplinas de ginástica e tu pratica no curso, já dá um grande conhecimento. Eu vi isso acontecer né, eu vi o meu colega que não era um ginasta, era um atleta de outros esportes e ele adquiriu conhecimentos de ginástica na faculdade e é um ótimo treinador. Ser atleta facilita demais, te dá uma confiança muito maior, mas não exclui quem não foi atleta né. Mas cursos específicos das federações também são importantes.

Os treinadores indicaram uma variedade de situações de aprendizagem, sendo predominantemente as aprendizagens do contexto informal e não formal. Para eles, apesar de necessário o aprendizado pelo contexto formal, este se mostra insuficiente para ser um treinador de sucesso.

Os treinadores ao serem questionados sobre o que eles acreditam que o(a) treinador(a) de ginástica deve fazer para manter ou ampliar seus conhecimentos para ensinar a ginástica, eles responderam:

T1: Pra mim a busca é constante, a ginástica hoje é mais moderna em alguns aspectos, mas se nós formos buscar ela é mais fraca do que já foi. Por exemplo, em 1996 a ginástica feminina na trave era muito mais forte do que é hoje e na paralela era muito mais fraca. Então isso vai pela cultura, a gente sabe que é mais difícil manter o ginasta no trato, mas essa questão de buscar alguma coisa pela internet tem vários conteúdos agora pagos, hoje mesmo comprei um pacote francês de elementos com descontos, penalizações, exemplos que são fantásticos pra mim enquanto árbitra, porque tu olha o elemento é uma coisa, olha a criança fazendo é outra, aí tu olha no aplicativo e ele coloca com toda parte da biomecânica da execução do movimento onde está a falha, pra mim como árbitra é perfeito e da mesma forma minha visão como treinadora para poder ver a falha do meu atleta é perfeita. A troca de experiência com ser humano, o visual, o tato é mais proveitoso do que o virtual.

T2: Buscar atualização constante, hoje a minha fonte de atualização é o pessoal do clube, pois estou há dois anos aqui com eles e eu descobri muita coisa, que lá em Carmópolis eu não tinha de onde tirar conhecimento, Para os outros técnicos buscar atualização é fazer cursos fora, por exemplo eu gostaria de fazer um curso que a FIG faz que é "Escola de treinadores" eles fazem esse curso fantástico que tem alguns critérios para poder fazer.

T3: Continuar inovando sempre né, buscando sempre informações por meio de curso. Inclusive nesses anos todos como ginasta e como treinadora mudou muita coisa, então exercícios que na minha época de treinamentos eu fazia, hoje em dia são totalmente ultrapassados, então tu tem que evoluir o seu conhecimento e treinamento conforme a ginástica evolui. Acho que estar sempre atenta ao código de pontuação que muda a cada ciclo olímpico.

T4: Manter os conhecimentos que foram adquiridos e inovar sempre que possível, buscando cursos específicos da modalidade né, acompanhando o desenvolvimento do esporte, das regras e de novos elementos, acho que é isso.

Os treinadores atribuíram aos contextos informal e não formal como principais fontes de atualização para adquirir novos conhecimentos no ensino das ginásticas de competição por meio da troca de experiência (T1 e T2), internet (T1), cursos específicos da modalidade (T2, T3 e T4).

No estudo de Moletta e colaboradores (2019), ao tentar identificar o desenvolvimento da aprendizagem formal, não formal e informal de 19 treinadores e treinadoras de basquetebol de Santa Catarina/Brasil, por meio de um questionário sobre a identidade pessoal e profissional, foi verificado que as situações de aprendizagem ocorrem a partir dos diferentes espaços de socialização primária e secundária que estes profissionais passaram, assim contribuindo para

construção e reconstrução das suas identidades – pessoal, profissional e social. Os treinadores de basquetebol atuantes do estado de Santa Catarina apresentaram uma trajetória acadêmica profissional similar, apesar das especificidades, ainda mostraram semelhança em todos os tipos de aprendizagem, principalmente na informal quanto as trocas de conhecimento com demais treinadores, leituras e experiências enquanto assistente técnico. Os autores puderam concluir que, o desenvolvimento da aprendizagem dos treinadores e treinadoras de basquetebol não se difere de outros profissionais, pois ocorreram ao longo de toda a vida.

Contudo, também é possível que a aprendizagem por experiências no contexto informal ocorram, permitindo que o treinador adquira mais experiência por meio da troca com os protagonistas do esporte, especialmente com aqueles que dividem cotidianamente o ambiente esportivo, isto é, com os atletas, com seus pares, e até mesmo com a família que acaba por interferir psicológica e emocionalmente na vida do treinador. Esse dado vem confirmar que diferentes perspectivas trazem para o contexto informal, uma vez que esse ambiente se torna muito expressivo para formação do treinador esportivo ao longo de toda sua vida (WERTHNER; TRUDEL, 2006).

A formação do treinador esportivo é um tema emergente e de extrema relevância no campo da Educação Física e Ciências do Esporte, em virtude de que esse profissional é fundamental na formação de jovens atletas e no sucesso de equipes adultas (RODRIGUES; *et al.*, 2017). O desenvolvimento profissional é um processo ao longo da trajetória de vida, por esta razão o conhecimento não se encerra na formação inicial. Apesar disso, frente à obrigatoriedade da obtenção do diploma, torna-se necessário que os cursos proporcionem disciplinas de conhecimento específico e práticas pedagógicas alinhadas com a intervenção profissional do(a) treinador(a), instigando competências. Este é o princípio da formação de um profissional que poderá atuar por muitas décadas e, deste modo, também é preciso que as instituições responsáveis pela formação continuada alinhem os conteúdos e a estrutura curricular às necessidades do contexto real de prática esportiva, para contribuir no processo de desenvolvimento de treinadores(as) ao longo do tempo e aprimorar a qualidade do treino esportivo em todos os níveis estimulando o aprender a aprender (SANTOS, *et al.*, 2023).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste estudo foi analisar a trajetória de quatro treinadores de ginásticas de competição que atuam no comitê técnico da FGRS. Sequencialmente, buscou-se responder aos seguintes objetivos específicos: (1) descrever os eventos marcantes da trajetória de vida pessoal e profissional dos treinadores e treinadoras; (b) analisar as experiências pré e pós-formação profissional; e (c) verificar as fontes de conhecimentos necessários ao ensino das ginásticas de competição. Foi utilizada a combinação de duas técnicas de coleta de dados: a *Rappaport Time Line* (RTL) para adquirir informações sobre a biografia destes profissionais e um roteiro de entrevista, estruturado e semiestruturado. As categorias de análise foram definidas a priori, sendo elas: ingresso e permanência na prática esportiva; o ingresso e permanência na carreira profissional; e por fim as fontes de conhecimento dos treinadores de ginástica de competição.

Os resultados mostram que se tornar um treinador é um processo que envolve uma variedade de situações no decorrer da vida. A aprendizagem profissional do treinador pode ser entendida como um processo de socialização esportiva que inicia na infância e se estende ao longo da vida. Apesar de não haver uma única trajetória de aprendizagem para os treinadores, destacam-se algumas situações marcantes durante esse percurso, como o ingresso no contexto esportivo; a permanência no esporte, o ingresso ou transição da condição de praticante para a de treinador; e a obtenção de conhecimento para se manter no papel de treinador.

De modo geral, os quatro treinadores tiveram desde cedo envolvimento na prática esportiva sistematizada e com fins competitivos. Apesar de T2 ter praticado GA na infância ele foi o único que não competiu no universo gímnico, mas competiu como atleta de karatê. A exposição desses sujeitos enquanto praticantes, a um ambiente estruturado de prática, com treinamentos sistemáticos e convívio diário com professores ou treinadores, parece ter estimulado a criação de sentimentos de admiração, respeito e segurança, favorecendo a permanência deles neste mesmo contexto, estimulando igualmente a assumirem, respectivamente os papéis de atleta, auxiliar e posteriormente como treinador principal.

Em relação a etapa de “ingresso na prática esportiva” as primeiras experiências de prática esportiva destes treinadores foram estimuladas pela família (T2, T3 e T4) e também pelas professoras de educação física (T1) e ginástica (T4).

Percebe-se assim, a influência dos pais, mães, tia e irmãs para criar situações de descoberta dos significados pessoais de prática. Verificou-se igualmente a importância dos professores no processo de orientação esportiva. O primeiro contato com a ginástica parece ser comum aos entrevistados(as) e se deu a partir de duas instituições: a escola (T2, T3 e T4) e o centro esportivo (T1). Mesmo que em contextos diferentes e em temporalidades distintas, esses locais proporcionaram modos de praticar a ginástica que marcaram o corpo e a subjetividade das crianças que em fase posterior dedicaram-se ao esporte transformando-os em atletas ou treinadores(as).

Sobre a etapa “permanência no esporte”, foram mencionados ao total sete razões que fizeram com que os treinadores permanecessem na prática esportiva, sendo a relação com seus treinadores mencionada por todos os sujeitos. Outros motivos foram “colegas de treino” (T3 e T4), “paixão em aprender” (T1 e T2), “ambiente de prática” (T1), “ambiente familiar” (T3), “resultados” (T3) e “superar desafios” (T4).

Na etapa de “ingresso na carreira profissional” grande parte dos sujeitos, na fase de atleta, ou logo após se formarem no ensino médio (T1, T3 e T4) foram convidados a atuar como auxiliar técnico (T3 e T4), monitor (T1), influenciando inclusive, na escolha do curso de graduação em Educação Física. T2 foi o único que começou seus trabalhos na área da ginástica quando já estava na graduação como instrutor. Para a grande maioria as experiências profissionais ocorreram ainda no período pré-formação.

Na etapa de “permanência como treinador” todos os sujeitos mencionaram “resultados” como motivo para permanecerem como treinadores. Seguido de outros significados como, “influência dos treinadores” (T1 e T2), “inspiração” (T1 e T4), “relação com atletas” (T2 e T3), ambição (T2) e reconhecimento (T4).

Por fim, foram analisadas as fontes de conhecimento no ensino das ginásticas de competição, onde os treinadores indicaram uma variedade de situações de aprendizagem, sendo as principais do contexto informal as “experiências de prática esportiva”, “compartilhamento de informações” e “intercâmbio de treinamento”, já no contexto não formal todos enfatizaram a importância de fazer os cursos específicos da modalidade. Para eles, apesar de necessário o aprendizado pelo contexto formal, este se mostra insuficiente para ser um treinador de sucesso. Desta forma, recorrem à aquisição de conhecimentos nos contextos informal e não formal.

Por mais que o contexto formal seja o caminho mais extenso para a obtenção da certificação de profissional em Educação Física, não cabe apenas a ele trazer todo o conhecimento necessário para formar treinadores esportivos de alto rendimento, pois o sistema universitário já possui diversas demandas e desafios ao tentar capacitar esse estudante de maneira geral em todas as áreas com uma carga horária de 3200 horas. O que podemos cobrar das Universidades é que elas cedam o espaço para promoção de cursos, oficinas, clínicas, entre outros, assim como parcerias com as Federações e Confederações das diferentes modalidades esportivas, para que estes futuros profissionais tenham a oportunidade de vivenciarem um ensino específico de qualidade. Vale lembrar, que cabe ao aluno buscar o conhecimento nos diferentes contextos para se tornar um profissional mais qualificado.

Acredita-se que o foco para a qualificação dos profissionais da área, não deve estar direcionado somente aos conhecimentos que os treinadores possuem, mas sim, ao processo pelo qual obtiveram estes conhecimentos. Trata-se, portanto, de um processo individual de aprendizagem, a partir da construção e reconstrução pessoal de suas experiências, crenças e valores ao longo da sua vida.

Faz-se necessário discutir também sobre o processo de formação dos treinadores, visto que, ao iniciar essa pesquisa o intuito era analisar a trajetória dos treinadores de todas as ginásticas de competição (GAF, GAM, GR, GT, GAE e GACRO), porém na fase de coleta dos dados nos deparamos com um cenário sem representantes das modalidades GAE e GACRO no comitê técnico da Federação de Ginástica do Estado do Rio Grande do Sul. Essa situação se difere da realidade de outros Estados, que possuem tanto treinadores quanto atletas em atividade. Sendo assim, como sugestão para estudos futuros deve-se analisar desde os primórdios, se as modalidades estão sendo ofertadas nas universidades dentro da grade curricular e se também estão sendo desenvolvidos cursos específicos dessas modalidades nas federações de cada Estado, ou até mesmo parceria entre ambas instituições, para que assim não se tenha um déficit no quadro das ginásticas de competição.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, M. L. de; RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.)**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223-238, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/5smPWRkqwSpXV6FMvK4PpbS/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ÁVILA-CARVALHO, M. L. T.; SILVA, C. P. L. S.; LEBRE, E. O conteúdo dos exercícios de competição em ginástica rítmica. In: SCHIAVON, L; M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (Org.) **Ginástica de alto rendimento**. Editora Fontoura, Várzea Paulista/SP, 2014. p. 107-130.
- AVILÉS, M. I.; DÍAZ, Y. G; BORRÁS, N. O. Reflexões sobre o planejamento e o controle do treinamento esportivo na ginástica rítmica: respostas a partir da pesquisa científica. In: SCHIAVON, L; M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (Org.) **Ginástica de alto rendimento**. Editora Fontoura, Várzea Paulista/SP, 2014. p. 219-239.
- AYOUB, E. **Ginástica Geral e Educação Física escolar**. Campinas: Unicamp, 2003.
- AMBRÓSIO, Margareth de Paula. Esportes Acrobáticos (ACRO). In: DACOSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil**. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARROS, T. E. D. S. **Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2016.
- BARROS, T. E. S.; BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; GODA, C. História de vida : Representações da aprendizagem profissional de professores de esportes para jovens. **Revista Conexões**, v. 11, n. 2, p. 168-192, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637622/pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- BASTOS, Sérgio de A. Trampolim. In: DACOSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil**. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2005.
- BÉLA KÁROLYI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=B%C3%A9la\\_K%C3%A1rolyi&oldid=61765941](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=B%C3%A9la_K%C3%A1rolyi&oldid=61765941). Acesso em: 20 nov. 2023.
- BENDER, Natália; GOELLNER, Silvana Vilodre. A participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos Jogos Olímpicos: trajetórias, narrativas e memórias. **Rev. Motriviv.**, Florianópolis , v. 31, n. 59, e58016, jul. 2019 . Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-80422019000300009&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422019000300009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 nov. 2023.

BETTEGA, O. B. *et al.*. Do papel do treinador ao ambiente competitivo no futebol infantil: o que está em jogo?. **Movimento**, v. 27, p. e27058, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/M8Q4nDrkzNf7VTtXRx5scBv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 mar. 2022.

BORTOLETO, M. A. C. A ginástica e as atividades circenses. In: GAIO, R.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J. C. F. (Org.) **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2010.

BRASIL. Conselho Federal de Educação Física. **Resolução CONFEF nº 46, 18 de fevereiro de 2002**. Diário Oficial da União, 2002. Disponível em: <https://www.confef.org.br/confef/resolucoes/82>. Acesso em: 19 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº 7, de 5 de abril de 2004**. Diário Oficial Da União, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2022.

BRASIL, V. Z. **O conhecimento profissional do treinador de surf**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; BARROS, T. E. S.; GODTSFRIEDT, J.; NASCIMENTO, J. V. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Revista Movimento**, v.21, n. 3., p. 815-829, jul./ set. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/50773>. Acesso em: 20 out. 2019.

BRASIL, V. Z.; DE BARROS, T. E. DA S.; SOUZA, J. R. DE; KUHN, F.; NASCIMENTO, J. V. DO; RAMOS, V. A trajetória de vida de treinadores de ginástica artística. **Journal of Physical Education**, v. 29, n. 1, p. e-2933, 17 Apr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/35557>. Acesso em: 28 out. 2019.

BROCHADO F. A.; BROCHADO M. M. V. Fundamentos da Ginástica de Trampolim. In: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. (organizadoras). **Fundamentos das ginásticas**. – 1. Ed – Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. 240p.

CALLARY B, WERTHNER P, TRUDEL P. How meaningful episodic experiences influence the process of becoming na experienced coach. **Qual Res Sport Exer & Health**, 2012; 4(3): 420-438. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/254353336\\_How\\_meaningful\\_episodic\\_experiences\\_influence\\_the\\_process\\_of\\_becoming\\_an\\_experienced\\_coach](https://www.researchgate.net/publication/254353336_How_meaningful_episodic_experiences_influence_the_process_of_becoming_an_experienced_coach). Acesso em: 22 out. 2020.

CANAN, Felipe; CALEGARI, Décio Roberto. Fatores determinantes para a relação oferta/demanda do campo esportivo. **Motrivivência**, [S. l.], n. 27, p. 33–48, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2261>. Acesso em: 04 nov. 2023.

CARDOSO, C.; DEL CORTO MOTTA, M.; BELLI, T.; GALATTI, L. R. Treinadores e treinadoras de esportes de raquete: uma revisão da produção científica. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 21, p. e29315, 2023. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/29315>. Acesso em: 05 nov. 2023.

COB - COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Modelo de desenvolvimento esportivo do Comitê Olímpico do Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/aaf3b306396c4/>. Acesso em: 30 out. 2023.

COI - COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Carta Olímpica 2020**. Disponível em: < <https://olympics.com/ioc/documents/international-olympic-committee/olympic-charter> > Acesso em: 14 ago. 2021.

CÔTÉ, J. The influence of the Family in the Development of Talent in Sport. **The Sport Psychologist**. V. 13, p. 395-417, 1999. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/232566000\\_The\\_Influence\\_of\\_the\\_Family\\_in\\_the\\_Development\\_of\\_Talent\\_in\\_Sport](https://www.researchgate.net/publication/232566000_The_Influence_of_the_Family_in_the_Development_of_Talent_in_Sport). Acesso em: 24 set. 2023.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n.3, p. 307–323, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/249883809\\_An\\_Integrative\\_Definition\\_of\\_Coaching\\_Effectiveness\\_and\\_Expertise](https://www.researchgate.net/publication/249883809_An_Integrative_Definition_of_Coaching_Effectiveness_and_Expertise). Acesso em 21 out. 2020.

CÔTÉ, Jean; HAY, John. Family influences on youth sport participation and performance. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. **Psychological foundations of sport**. Boston: Merrill, 2002. p. 503–519. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Jean\\_Cote3/publication/37627079\\_Family\\_influences\\_on\\_youth\\_sport\\_performance\\_and\\_participation/links/55b78b4b08aec0e5f43822c1.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jean_Cote3/publication/37627079_Family_influences_on_youth_sport_performance_and_participation/links/55b78b4b08aec0e5f43822c1.pdf). Acesos em: 23 out. 2022.

CUSHION, C., ARMOUR, K. & JONES, R. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, London, 55(3), 215-230, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/238047028\\_Coach\\_Education\\_and\\_Continuing\\_Professional\\_Development\\_Experience\\_and\\_Learning\\_to\\_Coach](https://www.researchgate.net/publication/238047028_Coach_Education_and_Continuing_Professional_Development_Experience_and_Learning_to_Coach). Acesso em: 21 out. 2020.

CUSHION, C.; LYLE, J. Conceptual development in sports coaching. In: J. Lyle & C. Cushion (Eds.). **Sports coaching: professionalisation and practice** (pp. 1-13). London: Elsevier, 2010.

CUSHION, C.; NELSON, L. Coach education and learning: developing the field. In: POTRAC, Paul; GILBERT, Wade; DENISON, Jim. **Routledge handbook of sports coaching**. London: Routledge, 2013.p. 359-374.

CUSHION, C. *et al.*, **Coach learning and development: A review of literature**. Leeds: Sports coach UK, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/265566741\\_Coach\\_Learning\\_and\\_Development\\_A\\_Review\\_of\\_Literature](https://www.researchgate.net/publication/265566741_Coach_Learning_and_Development_A_Review_of_Literature). Acesso em: 23 out. 2020.

CUNHA, A. F. V. P.; ESTRIGA, M. L. D.; BATISTA, P. M. F. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. **Revista Movimento**, v.20, n. 3, p. 917-940, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/43663>. Acesso em 27 set. 2023.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DE OLIVEIRA, N. R. C. Ginástica para todos: perspectivas no contexto do lazer. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 1, 2009. Disponível em: [https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao\\_Fisica/REMEFE-6-1-2007/art02\\_edfis6n1.pdf](https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-6-1-2007/art02_edfis6n1.pdf). Acesso em: 14 nov. 2020.

DUARTE, T.; CULVER, D. M. Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 26, p. 441–456, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4151822/>. Acesso em: 25 out. 2020.

FARIAS, G. O.; BATISTA, P. M. F.; GRACA, A.; NASCIMENTO, J. V. Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 441-54, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/75045>. Acesso em: 04 nov. 2020.

FAVARI, K. B. de C.; SILVA, L. F. N.; MOTTA, M. D. C.; CUNHA, L. D. da; GALATTI, L. R. Percurso de formação profissional de treinadores e treinadoras de basquetebol de jovens. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 53–70, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/11404>. Acesso em: 08 ago. 2023.

FGRS - Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul. **Estatuto Social**. 2021. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/wzukusers/user-34439048/documents/5780022cdea24792a5e00b20b6e713bf/Estatuto%20FGRS%202021.pdf> > Acesso em: 10 jul. 2021.

FGRS - Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul. **Resultados 2023**. Disponível em: <https://www.ginasticars.com.br/resultados-2023>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Technical Committees.** 2021a. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/about-technical.php>> Acesso em: 10 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **About.** 2021b. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/about.php>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Presentation.** 2021c. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-mag.php>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Presentation.** 2021d. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-wag.php>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Presentation.** 2021e. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-rg.php>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Presentation.** 2021f. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-tra.php>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Presentation.** 2021g. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-acro.php>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Presentation.** 2023a. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-aer.php>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Presentation.** 2023b. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-pk.php>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **History.** 2021j. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/hist-pk.php>. Acesso em 20 nov. 2023.

FIG - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **News: First FIG Parkour World Championships: fond farewells.** 2022. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/news/displaynews.php?urlNews=3650125>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FRASER-THOMAS, Jessica; CÔTÉ, Jean. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 23, n. 1, p. 3-23, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/252010940\\_Understanding\\_Adolescents'\\_Positive\\_and\\_Negative\\_Developmental\\_Experiences\\_in\\_Sport](https://www.researchgate.net/publication/252010940_Understanding_Adolescents'_Positive_and_Negative_Developmental_Experiences_in_Sport). Acesso em: 03 nov. 2020.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.*. Coaching in Brazil -Sport coaching as a profession in Brazil: an analysis of the coaching literature in Brazil from 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v. 3, n. 3, p. 316-331, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/309367895\\_Coaching\\_in\\_Brazil\\_Sport\\_Coaching\\_as\\_a\\_Profession\\_in\\_Brazil\\_An\\_Analysis\\_of\\_the\\_Coaching\\_Literature\\_in\\_Brazil\\_From\\_2000-2015](https://www.researchgate.net/publication/309367895_Coaching_in_Brazil_Sport_Coaching_as_a_Profession_in_Brazil_An_Analysis_of_the_Coaching_Literature_in_Brazil_From_2000-2015). Acesso em: 17 ago. 2023.

GALLARDO, J. S. P.; AZEVEDO, L. H. R. **Fundamentos básicos da ginástica acrobática competitiva**. Campinas, SP. Autores Associados, 2007.

GAYA, A. *et al.* **Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica**. Adroaldo Gaya e colaboradores. – Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/proesp/arquivos/PROJETOS-DE-PESQUISA-CIENTIFICA-E-PEDAGOGICA.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

GILBERT, W. & TRUDEL, P. Learning to coach through experience: reflection in Model Youth Sport Coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, 21, 16-34, 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Pierre-Trudel-2/publication/288801296\\_Learning\\_to\\_Coach\\_through\\_Experience\\_Reflection\\_in\\_Model\\_Youth\\_Sport\\_Coaches/links/568e64ad08aef987e567b324/Learning-to-Coach-through-Experience-Reflection-in-Model-Youth-Sport-Coaches.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Pierre-Trudel-2/publication/288801296_Learning_to_Coach_through_Experience_Reflection_in_Model_Youth_Sport_Coaches/links/568e64ad08aef987e567b324/Learning-to-Coach-through-Experience-Reflection-in-Model-Youth-Sport-Coaches.pdf). Acesso em: 17 ago. 2020.

IRWIN, G.; HANTON, S.; KERWIN, D. Reflective practice and the origins of elite coaching knowledge. **Reflective Practice**, London, v. 5, n. 3, p. 425-442, 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/248968937\\_Reflective\\_Practice\\_and\\_the\\_Origins\\_of\\_Elite\\_Coaching\\_Knowledge](https://www.researchgate.net/publication/248968937_Reflective_Practice_and_the_Origins_of_Elite_Coaching_Knowledge). Acesso em: 25 out. 2020.

JARVIS, P. **Towards a comprehensive theory of human learning**. London: Routledge, 2006.

JONES R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. **Sports Coaching Cultures: from practice to theory**. London: Routledge, 2004.

JONES, J. **The Sport coach as educator: reconceptualizing sport coaching**. London: Routledge, 2006.

JIMÉNEZ, S.; LORENZO, A.; GÓMEZ, M. ÁNGEL. Medios de formación de los entrenadores expertos en baloncesto. (Educational means of expert basketball coaches). **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 4, n. 11, p. 119-125, 2009. Disponível em: <https://ccd.ucam.edu/index.php/revista/article/view/141>. Acesso em: 05 mai. 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo (SP): Atlas, 2010.

LIMA, L. B. Q. **Fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da Ginástica Artística Feminina Brasileira**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. 2020.

LOPES, P. **Motivação e ginástica artística no contexto extracurricular**. 2009. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LOPES, P.; NUNOMURA, M. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 3, v. 21, p. 177-187, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16654>. Acesso em: 07 dez. 2020.

LORIMER R, HOLLAND-SMITH D. Why coach? A case study of the prominent influences on a top-level UK outdoor adventure coach. **Sport Psychologist**, v. 26, n. 4, p. 571-583, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/255905818\\_Why\\_Coach\\_A\\_Case\\_Study\\_of\\_the\\_Prominent\\_Influences\\_on\\_a\\_Top-Level\\_UK\\_Outdoor\\_Adventure\\_Coach](https://www.researchgate.net/publication/255905818_Why_Coach_A_Case_Study_of_the_Prominent_Influences_on_a_Top-Level_UK_Outdoor_Adventure_Coach). Acesso em: 06 jun. 2021.

LOURENÇO, M. R. A.; RINALDI, I. P. B. O conjunto na ginástica rítmica. In: SCHIAVON, L.; M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (Org.) **Ginástica de alto rendimento**. Editora Fontoura, Várzea Paulista/SP, 2014. p.43-64.

MACIEL, L. H. R.; MORAES, L. C. Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo. **Revista Iberoamericana de Psicologia del Ejercicio y el Deporte**, v. 3, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3111/311126260007.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MALLETT, C. J.; TRUDEL, P.; LYLE, J.; RYNNE, S. B. Formal vs. Informal Coach Education. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/43515640\\_Formal\\_vs\\_Informal\\_Coach\\_Education](https://www.researchgate.net/publication/43515640_Formal_vs_Informal_Coach_Education). Acesso em: 26 abr. 2021.

MATTOS, P. DE S. Fundamentos da Ginástica Aeróbica Esportiva. In: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. (organizadoras). **Fundamentos das ginásticas**. – 1. Ed – Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. 240p.

MESQUITA, I. Mudança de paradigma na formação de treinadores: O valor da aprendizagem experiencial. In: BATISTA, P. GRAÇA, A.; QUEIRÓS, P. (Org.). **O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em educação física**. Editora FADEUP, Porto, 2014. p. 333-359.

MERIDA, F. Fundamentos da Ginástica Acrobática. In: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. (organizadoras). **Fundamentos das ginásticas**. – 1. Ed – Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. 240p.

MILISTETD M., GALATTI, L. R., COLLET, C., TOZETTO, A. V. B., & Nascimento, J. V. Formação de treinadores esportivos: Orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **Journal of Physical Education**, 28(1), 1-14, 2017. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/jpe/a/v3vjpFNzkq9WB68xRz963HS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 mar. 2021.

MILISTETD, M.; TRUDEL, P.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V. Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, p. 165-172, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/276375890\\_Coaching\\_and\\_Coach\\_Education\\_in\\_Brazil](https://www.researchgate.net/publication/276375890_Coaching_and_Coach_Education_in_Brazil). Acesso em: 16 jun. 2021.

MILISTETD, Michel *et al.* Student-coaches perceptions about their learning activities in the university context. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 281-287, 2018a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/Pf9QyZWKYqFtZpnrWRvnf3g/?lang=en#>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MILISTETD, Michel *et al.* The Learner-centred status of a brazilian university coach education program. **International sport coaching journal**, v. 5, n. 2, p. 105-115, 2018b. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/325744789\\_The\\_Learner-Centred\\_Status\\_of\\_a\\_Brazilian\\_University\\_Coach\\_Education\\_Program](https://www.researchgate.net/publication/325744789_The_Learner-Centred_Status_of_a_Brazilian_University_Coach_Education_Program). Acesso em: 13 ago. 2022.

MODOLO, F.; MADEIRA, M. G.; MORATO, M. P.; MENEZES, R. P. Situações de aprendizagem de treinadores de handebol do estado de São Paulo: estudo a partir dos Jogos Abertos do Interior. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 81-94, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/184421>. Acesso em: 02 set. 2023.

MOLETTA, Andréia Fernanda *et al.* Treinadores e treinadoras de basquetebol de Santa Catarina: o desenvolvimento da aprendizagem formal, informal e não-formal. **Revista de Ciências del Deporte**, v. 15, n. 3, 2019. Disponível em: [https://dehesa.unex.es/bitstream/10662/9835/1/1885-7019\\_15\\_3\\_197.pdf](https://dehesa.unex.es/bitstream/10662/9835/1/1885-7019_15_3_197.pdf). Acesso em: 4 de nov. 2023.

MOLINARI, C. I. **A formação esportiva na ginástica artística feminina: o desenvolvimento das categorias pré-infantil e infantil no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

NELSON, L.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Leeds, n. 1, p.247-259, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/249883678\\_Formal\\_Nonformal\\_and\\_Informal\\_Coach\\_Learning\\_A\\_Holistic\\_Conceptualisation](https://www.researchgate.net/publication/249883678_Formal_Nonformal_and_Informal_Coach_Learning_A_Holistic_Conceptualisation). Acesso em: 11 set. 2023.

NORTH, J.; CALLARY, B.; DIEFFENBACH, K.; GALATTI, L. R.; LARA-BERCIAL, S.; NASH, C.; O'CONNOR, D. A reflection on the state of sport coaching research, its community, and representation: The 2020 International Council for Coaching Excellence Research Committee. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 3, p. 1-9, 2021. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/353857130\\_A\\_Reflection\\_on\\_the\\_State\\_of\\_Sport\\_Coaching\\_Research\\_Its\\_Community\\_and\\_Representation\\_The\\_2020\\_International\\_Council\\_for\\_Coaching\\_Excellence\\_Research\\_Committee](https://www.researchgate.net/publication/353857130_A_Reflection_on_the_State_of_Sport_Coaching_Research_Its_Community_and_Representation_The_2020_International_Council_for_Coaching_Excellence_Research_Committee). Acesso em: 07 jan. 2022.

NUNOMURA, M. Formação Profissional na Ginástica Artística e os Modelos Internacionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, p. 63-69, 2004. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-524499>. Acesso em: 18 set. 2020.

NUNOMURA, M. **Técnico de ginástica artística: uma proposta para a formação profissional**. 2001. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.

NUNOMURA, M.; CARBINATTO, M. V. CARRARA, P. D. S. Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 469-483, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/17345>. Acesso em: 03 mar. 2022.

NUNOMURA, M.; FERREIRA FILHO, R. A.; DUARTE, L. H.; TANABE, A. M. Os fundamentos da Ginástica Artística. In: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. (organizadoras). **Fundamentos das ginásticas**. – 1. Ed – Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. 240p.

NUNOMURA, M.; NISTAPICCOLO, V. L. A Ginástica Artística no Brasil: Reflexões sobre a Formação Profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-192, maio. 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/770>. Acesso em: 09 out. 2020.

NUNOMURA, Myrian, NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (Orgs.). **Compreendendo a Ginástica Artística**. Editora Phorte, São Paulo, 2008.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. O perfil, as motivações e os desafios dos técnicos de ginástica artística no Brasil. In: SCHIAVON *et al.* **Ginástica de alto rendimento**. 1ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2014.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da ginástica artística masculina. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 283-295, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/270935645\\_Apontamentos\\_sobre\\_a\\_evolucao\\_historica\\_material\\_e\\_morfologica\\_dos\\_aparelhos\\_da\\_ginastica\\_artistica\\_masculina](https://www.researchgate.net/publication/270935645_Apontamentos_sobre_a_evolucao_historica_material_e_morfologica_dos_aparelhos_da_ginastica_artistica_masculina). Acesso em: 27 fev. 2021.

OLIVEIRA, M. S.; NUNOMURA, M. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. **Conexões**, Campinas, SP, v. 10, p. 80–97, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637663>. Acesso em: 13 jan. 2022.

PEREIRA, D. W.; HONORATO, T.; AURICCHIO, J. R. Parkour: Do Princípio Filosófico ao Fim Competitivo. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 134–152, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/19690>. Acesso em: 23 nov. 2022.

POTRAC, P., JONES, R., & ARNOUR, K. It's all About Getting Respect': the Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. **Sport, Education & Society**, 2(7), 183-202, 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/233644130\\_'It's\\_All\\_About\\_Getting\\_Respect'\\_The\\_Coaching\\_Behaviors\\_of\\_an\\_Expert\\_English\\_Soccer\\_Coach](https://www.researchgate.net/publication/233644130_'It's_All_About_Getting_Respect'_The_Coaching_Behaviors_of_an_Expert_English_Soccer_Coach) . Acesso em: 03 out. 2020.

PRESTES, J.; ASSUMPCÃO, C. O. Ginástica em academias. In: GAIO, R.; GÓIS, A. A. F.; BATISTA, J.C.F.(Org.). **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2010.

PUBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. 2. ed.São Paulo: Phorte, 2002.

PÚBLIO, Nestor Soares. Ginástica Artística. In: DACOSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil**. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2005.

RAMOS, V. *et al.* A aprendizagem profissional: as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. Motriz: **Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17 n. 2, p.280-291, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/xq4wMNDcwbLdsC3WQbJYgSs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2020.

RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; BARROS, T. E. S.; GODA, C.; GODTSFRIEDT, J. Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. *Revista Pensar a prática*, v. 17, n. 3, p. 815-834, jul./set. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feef/article/view/30335>. Acesso em: 23 out. 2020.

RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; GODA, C. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 23, n. 3, p. 431-442, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/GKczZPRMPWT87PbmZGgnRgG/abstract/?lang=pt>. Acesso em 08 out. 2020.

RANCHO KÁROLYI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Karolyi\\_Ranch](https://en.wikipedia.org/wiki/Karolyi_Ranch). Acesso em: 20 nov. 2023.

REVERDITO, Riller Silva *et al.* Coaching and continuity make a difference: competence effects in a youth sport program. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 20, n.4, p. 1964-1971, 2020. Disponível em: <https://efsupit.ro/images/stories/iunie2020/Art%20266.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2023.

RINALDI, I. P. B. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular.** 232 f. Tese (Doutorado em Educação Motora) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RODRIGUES, de A.; TEIXEIRA COSTA, D. C.; DOS SANTOS JUNIOR, L.; MILISTETD. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, [S. l.], v. 29, n. 51, p. 100–118, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n51p100>. Acesso em: 16 out. 2023.

RUSSEL, K. Desafios da ginástica: Uma visão de 50 anos de experiência como técnico e em ensino. In: SCHIAVON, L; M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (Org.) **Ginástica de alto rendimento.** Editora Fontoura, Várzea Paulista/SP, 2014. p. 25-41.

SAMPAIO, G. B. D. S. **Formação de treinadores de ginástica rítmica: perspectivas de aprendizagem ao longo da vida.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANTOS, A. S. F. M.; MESQUITA, I. M. R. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v.12, n. 4, p. 276-281, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcdh/a/nmbDmxdT6cszpwdq7zQ9Cbj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2021.

SANTOS, Cláudia Lima dos; FRANZEN, Cláudio Renato Costa. Ginástica aeróbica esportiva no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Zarpellon; FILHO, Alberto Reppold (org). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** 1. ed. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. v. 1.

SANTOS, Cláudia Lima dos; NAGAMINE, Milena Threni; BERNARDI, Patrícia Silveira Fontana. Ginástica rítmica no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Zarpellon; FILHO, Alberto Reppold (org). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** 1. ed. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. v. 1.

SANTOS, Fernando. **O Futebol e o desenvolvimento positivo dos jovens: das percepções às ações dos treinadores.** 2016. 368f. Tese (Doutorado) - Universidade do Porto, Porto, 2016.

SANTOS, T. T. S. dos, *et al.* A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Conexões**, v. 16, n. 4, p. 450-467, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653973>. Acesso em: 24 out. 2020.

SANTOS, Y. Y. S. dos; MAZZEI, L. C.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. A formação inicial de treinadores(as) esportivos no brasil: interlocuções entre o bacharelado em educação física e em ciências do esporte. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 27, p.

e14026, 2023. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/14026>. Acesso em: 18 out. 2023.

SCHIAVON, L. M.; LIMA, L. B. Q.; FERREIRA, M. D. T. O.; SILVA, M. Y. Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do Estado de São Paulo. **Revista Pensar a Prática**, v. 17, n. 3, p. 618-635, jul./set 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/29749>. Acesso em: 13 dez. 2020.

SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues; TOLEDO, Eliana; DEUTSCH, Silvia. Panorama da Ginástica Artística Feminina Brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/XpFYGHRCRCbVdyTsgqzKKpJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 23 ago. 2021.

SERIKAWA, C. S. **A força de membros inferiores em estudantes do Ensino Médio de Le Parkour**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)–Faculdades Integradas de Santo André, Santo André, 2006.

SHERIDAN, M. Could and should sport coaching become a profession? Some sociological reflections: A commentary. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, p. 46–49, 2014. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/iscj/1/1/article-p46.xml>. Acesso em 19 fev. 2022.

SOUZA, C. A. M.; VAZ, A. F.; BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a.14, n. 30, p. 85-111, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/g4PBHjXtyRcWrZHVJXBfWdL/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SOUZA, E. P. M. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da educação física**. 1997. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

SOUZA, Giovana Vitória. **Aspectos históricos da ginástica acrobática no Brasil: um estudo de caso a partir da trajetória de Ricieri Pastori**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP.

STODTER, A. **Understanding coaches' learning: process, practice and impact**. 2014. 287 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Loughborough University, Reino Unido, 2014.

STRAMANDINOLI, Ana Luiza Martins; REMONTE, Jarbas Gomes; MARCHETTI, Paulo Henrique. Parkour: história e conceitos da modalidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2, 2012.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.

19, n. 1, p.73-93, 2013. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115325713005>. Acesso em: 09. Out. 2020.

TOLEDO, E. Fundamentos da Ginástica Rítmica. In: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. (organizadoras). **Fundamentos das ginásticas**. – 1. Ed – Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. 240p.

TOSIM, Alessandro; GALATTI, Larissa Rafaela; MONTAGNER, Paulo César. Contextos formais de aprendizagem de treinadores e treinadoras de nível nacional e internacional de goalball. **Educación Física y Ciencia.**, Ensenada , v. 23, n. 4, e202, 2021. Disponível em: <https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/efyce202> . Acesso em: 02 out. 2023.

TOZETTO, A. V. B.; GALATTI, L. R.; MILISTETD, M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/45153>. Acesso em: 03 maio, 2021.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and coach education. In: KIRK, D.; MACDONALD, D.; O’SULLIVAN, M. (Eds.). **The handbook of physical education**. London: SAGE, p. 516-539. 2006.

TRUDEL, P., GILBERT, W., & WERTHNER, P. Coach education effectiveness. In: J. Lyle & C. Cushion, (Orgs.). **Sports coaching: professionalisation and practice** (Cap. 9, pp. 135-152). London: Elsevier, 2010.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. Anew theoretical persperctive for understanding how coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, v. 20, p. 198 – 212, 2006.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/267936822\\_A\\_New\\_Theoretical\\_Perspecti\\_ve\\_for\\_Understanding\\_How\\_Coaches\\_Learn\\_to\\_Coach](https://www.researchgate.net/publication/267936822_A_New_Theoretical_Perspecti_ve_for_Understanding_How_Coaches_Learn_to_Coach). Acesso em: 08 out. 2020.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning how to coach: The different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v.12, n.2, p.127-144, 2007. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/228946780\\_Learning\\_how\\_to\\_coach\\_The\\_different\\_learning\\_situations\\_reported\\_by\\_youth\\_ice\\_hockey\\_coaches](https://www.researchgate.net/publication/228946780_Learning_how_to_coach_The_different_learning_situations_reported_by_youth_ice_hockey_coaches). Acesso em: 04 out. 2020.

YIN, R. K. **Qualitative Research from start to finish**. New York: The Guilford Press, 2011.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A - TCLE

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisador responsável: Prof<sup>a</sup>. Dra. Andrize Ramires Costa

Telefone: (48) 988096991

Instituição: Escola Superior de Educação Física

Endereço: Rua Luis de Camões, 625

Telefone: (53) 32844332

---

Concordo em participar do estudo **“Como nos tornamos treinadores(as)? Análise das trajetórias de treinadores(as) de ginásticas de competição”**. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

**PROCEDIMENTOS:** Fui informado de que o objetivo geral deste estudo será analisar a trajetória de treinadores(as) de ginásticas de competição do Estado do Rio Grande do Sul, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usados para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá responder as questões dessa pesquisa através de dois encontros *on-line* realizados pela plataforma Skype em dias e horários agendados de acordo com a minha disponibilidade. Poderei fazer contato por meio do telefone do pesquisador quando necessário, e este aceitará chamada a cobrar, assim como mensagens via WhatsApp. Após aceitar participar desta pesquisa, irei assinar este termo e enviá-lo em formato de foto por e-mail ou até mesmo pelo WhatsApp.

**RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES:** Fui informado que os riscos são mínimos porque a tarefa a ser realizada no estudo é simples e não compromete a saúde do participante, entretanto, se sentir algum desconforto ou constrangimento, a entrevista poderá ser interrompida em qualquer momento sem prejuízo ao participante.

**BENEFÍCIOS:** Os participantes terão retorno da pesquisa podendo ter maior panorama referente a trajetória e o conhecimento profissional de treinadores que atuam na área das ginástica de competição no Rio Grande do Sul. Os resultados também serão divulgados no formato de artigo científico o que também será uma grande contribuição na produção e divulgação de conhecimento.

**PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA:** Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

**DESPESAS:** Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras acerca de minha participação neste estudo.

**CONFIDENCIALIDADE:** Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo. As gravações não serão divulgadas.

**CONSENTIMENTO:** Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: \_\_\_\_\_

Identidade: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR:** Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPEL – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone: (53) 3284-4332.

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – ENTREVISTA PRELIMINAR PARA SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Por telefone.

Apresentação pessoal e dos objetivos do estudo.

Fala inicial: Olá, primeiramente gostaria de agradecer por dispor o seu tempo para estar contribuindo com essa pesquisa. Meu nome é Valéria Fim, sou aluna no Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF-UFPEL) e sou orientanda da Professora Doutora Andrize Ramires Costa. O objetivo geral da minha pesquisa é analisar a trajetória de treinadores de ginásticas de competição do Estado do Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos são: descrever os eventos marcantes da trajetória de vida pessoal e profissional dos treinadores e treinadoras; analisar as experiências pré e pós-formação profissional e verificar as fontes de conhecimentos necessários ao ensino das ginásticas de competição. Para cumprir com os objetivos da minha pesquisa, propomos a realização de dois encontros de forma *on-line* através da plataforma *Skype*, onde os dados serão obtidos com gravação de áudio, a partir do preenchimento da linha do tempo (*Rappaport Time Line*) e também por meio de entrevista estruturada e semiestruturada, com questões que envolvem a temática **“COMO NOS TORNAMOS TREINADORES(AS)? ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE TREINADORES(AS) DE GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO”**. Não existem respostas certas ou erradas e estou igualmente interessada em qualquer informação que quiser e puder dispor. Não usarei nenhum nome e logicamente preservarei a confidencialidade a respeito da sua participação e imagem. Neste momento, lhe farei três perguntas para ver se você faz parte dos pré-requisitos deste estudo.

1. Você faz parte do Comitê Técnico da Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul (FGRS)?

( ) Sim ( ) Não

2. Quanto tempo você atua como treinador/treinadora de ginástica competitiva?

\_\_\_\_\_.

3. Você teria disposição para participar de um estudo sobre a ginástica onde você será o principal sujeito da pesquisa?

( ) Sim ( ) Não

## APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADO

**Identificação e caracterização do(a) treinador(a) de ginástica de competição****1. Dados de identificação**

Nome completo: \_\_\_\_\_

Apelido: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Cidade que reside:

Cidade que atua profissionalmente:

**2. Experiência de prática pessoal na ginástica**

2.1 Você teve alguma experiência como ginasta?

( ) Não

( ) Sim. Por quanto tempo? \_\_\_\_\_ (anos)

2.2 Participou de competições de ginástica?

( ) Não

( ) Sim. Por quanto tempo? \_\_\_\_\_ (anos).

Qual foi o nível da competição? Local ( ) Estadual ( ) Nacional ( ) Internacional ( )

Em qual/quais categoria(s)? \_\_\_\_\_

**3. Formação profissional**

3.1 Qual sua formação? \_\_\_\_\_

3.2 Participou de algum curso de formação/atualização (curso, oficina, workshop, palestra, seminário) sobre ginástica?

( ) Não

( ) Sim. Quais, em que ano e onde foram realizados? \_\_\_\_\_

3.3 Participou de algum curso, em outras áreas, que contribuiu para seu conhecimento sobre a ginástica?

**4. Experiência como treinador(a) de ginástica de competição**

4.1 Quantos anos você exerce esta função? \_\_\_\_\_

4.2 Qual local que você atua como treinador(a) atualmente? \_\_\_\_\_

4.3 Já foi treinador(a) de atletas em competição?

( ) Não

( ) Sim. Por quanto tempo? \_\_\_\_\_

Qual o nível das competições? Local ( ) Estadual ( ) Nacional ( ) Internacional ( )

Quais as categorias dos/das atletas que você treinou ou treina? \_\_\_\_\_

4.4 Você já ministrou algum tipo de curso, oficina, workshop, palestra, seminário sobre ginástica?

( ) Não

( ) Sim. Qual o nome e para quem e quando? \_\_\_\_\_

4.5 Você já elaborou algum material (livro, apostila, cartilha, site, blog) sobre a ginástica?

( ) Não

( ) Sim. Qual e quando? \_\_\_\_\_

4.6 Exerce outra profissão além de treinador(a) de ginástica?

( ) Não

( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_

## **5. Experiência profissional no comitê técnico**

5.1 Há quanto tempo você faz parte do comitê técnico? \_\_\_\_\_

5.2 Qual a função que você exerce no comitê técnico? \_\_\_\_\_

5.3 Como você conquistou este cargo? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### **1. Biografia do(a) treinador(a)**

#### INGRESSO NA PRÁTICA ESPORTIVA

**1.1** Você poderia descrever quando foi seu primeiro contato com o esporte e/ou ginástica? (Existe algum episódio, pessoa ou situação que você acredita ter marcado suas primeiras experiências de prática no esporte?)

**1.1.2** Há alguma situação anterior a esta, que você acredita que influenciou você a entrar no esporte?

**1.1.3** Você acredita que esta (s) situação (s) / episódio (s) na infância, influenciou na sua forma de ensinar? No que? (Estratégias, Conteúdo, objetivos, aprendizagem, contexto).

#### PERMANÊNCIA NA PRÁTICA ESPORTIVA

**1.2** Você poderia descrever os motivos que lhe fizeram permanecer praticando? (Existe algum episódio, pessoa ou situação que você acredita ter marcado suas primeiras experiências de prática no esporte ou na ginástica?)

**1.2.1** Existe alguma situação anterior a esta, que você acredita que influenciou você a permanecer no esporte?

**1.2.2** Você acredita que esta (s) situação (s) / episódio (s) na infância, influenciou na sua forma de ensinar? No que? (Estratégias, Conteúdo, objetivos, aprendizagem, contexto).

#### INGRESSO NA CARREIRA PROFISSIONAL

**1.3** Você poderia descrever quando foi a primeira vez que atuou como treinador/treinadora de ginástica (Existe algum episódio, pessoa ou situação que você acredita ter marcado suas primeiras experiências?).

**1.3.1** Existe alguma situação anterior a esta, que você acredita que influenciou você a iniciar sua vida profissional como treinador/treinadora de ginástica?

**1.3.2** Você acredita que esta (s) situação (s) / episódio (s) no ingresso à carreira profissional, influenciou na sua forma de ensinar? No que? (Estratégias, Conteúdo, objetivos, aprendizagem, contexto).

## PERMANÊNCIA COMO TREINADOR(A)

**1.4** Você poderia descrever os motivos que lhe fizeram permanecer como treinador(a) de ginástica? (Existe algum episódio, pessoa ou situação que você acredita ter marcado suas primeiras experiências de prática no esporte ou na ginástica?)

**1.4.1** Existe alguma situação anterior a esta, que você acredita que influenciou você a permanecer atuando como treinador(a) de ginástica?

**1.4.2** Você acredita que esta (s) situação (s) / episódio (s) na sua carreira, influenciou na sua forma de ensinar? No que? (Estratégias, Conteúdo, objetivos, aprendizagem, contexto).

## **2. Atuação do(a) treinador(a) na ginástica de competição**

### CARACTERÍSTICAS DO GRUPO E LOCAL EM QUE ATUA

**2.1** Poderia caracterizar os atletas os quais você ensina a ginástica (sexo, número de alunos, cidade, e etc.).

**2.2** Poderia descrever o local que você atua (sala, ginásio, aparelhos...).

### PAPEL E OBJETIVOS DO(A) TREINADOR(A) DE GINÁSTICA

**2.3** Qual o seu papel enquanto treinador(a) de jovens esportistas de ginástica? (Por exemplo, o(a) treinador(a), além deste papel, é também um conselheiro(a), um(a) amigo(a), e etc. No caso do(a) treinador(a) de ginástica, quais os papéis ele(a) pode assumir ou que deve assumir?).

**2.4** Você poderia falar sobre os seus objetivos/significados pessoais para ensinar a ginástica? (O porquê deve ensinar à ginástica?).

### CONHECIMENTOS DO(A) TREINADOR(A) (qual; como; de onde veio).

**2.5** Em sua opinião, qual o conhecimento teórico que o(a) treinador(a) de ginástica deve saber para ensinar? (por exemplo, fisiologia, biomecânica, anatomia, etc.), (Aonde você acredita que obteve esse conhecimento?) (Há algum episódio ou situação que você acredita que foi importante para obter esse conhecimento?).

**2.6** Qual o conhecimento didático que o(a) treinador(a) deve saber para ensinar a ginástica? (Aonde você acredita que obteve esse conhecimento?) (Há algum

episódio ou situação que você acredita que foi importante para obter esse conhecimento?)

**2.7** Qual é o conteúdo que o(a) treinador(a) de ginástica deve saber para ensinar?

**2.7.1** Em sua opinião deve haver prioridade, ou sequência de um conteúdo a ser seguida? (Aonde você acredita que obteve esse conhecimento sobre o conteúdo?) (Há algum episódio ou situação que você acredita que foi importante para obter esse conhecimento?)

**2.8** Quais as metodologias/ procedimentos ou como você realiza seu ensino? (estimular a falar sobre os exercícios, a forma de ensinar, a organização da aula) (Aonde você acredita que obteve esse conhecimento sobre o conteúdo?) (Há algum episódio ou situação que você acredita que foi importante para obter esse conhecimento?)

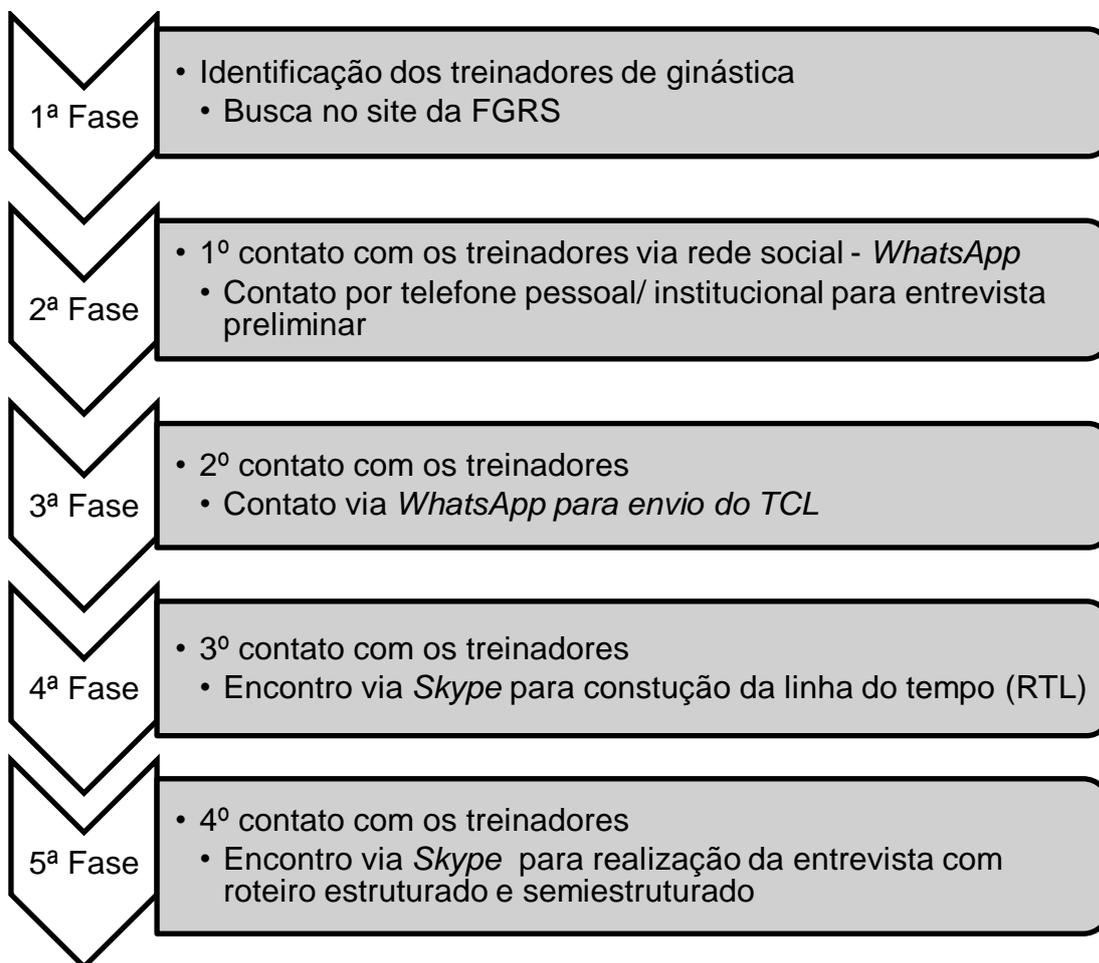
**2.9** Como você ou o(a) treinador(a) deve lidar quando percebe algum erro ou dificuldade de aprendizagem, dos alunos? (Aonde você acredita que obteve esse conhecimento sobre o conteúdo?) (Há algum episódio ou situação que você acredita que foi importante para obter esse conhecimento?)

### **3. Fontes de atualização e qualificação do(a) treinador(a) de ginástica de competição**

**3.1** Onde você acredita que os treinadores de ginástica podem obter os conhecimentos para ensinar?

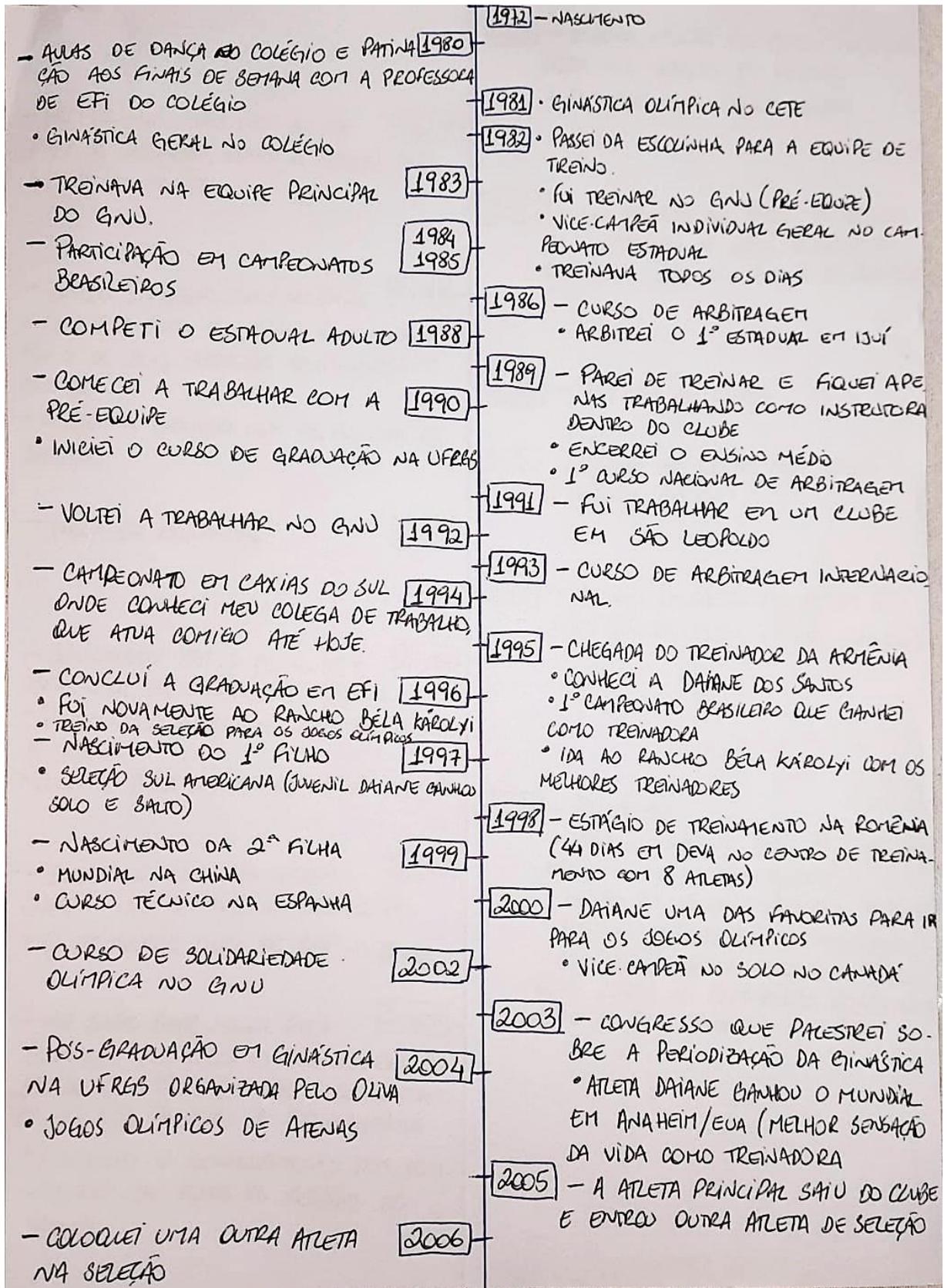
**3.2** O que você acredita que o(a) treinador(a) de ginástica deve fazer para manter ou ampliar seus conhecimentos para ensinar a ginástica?

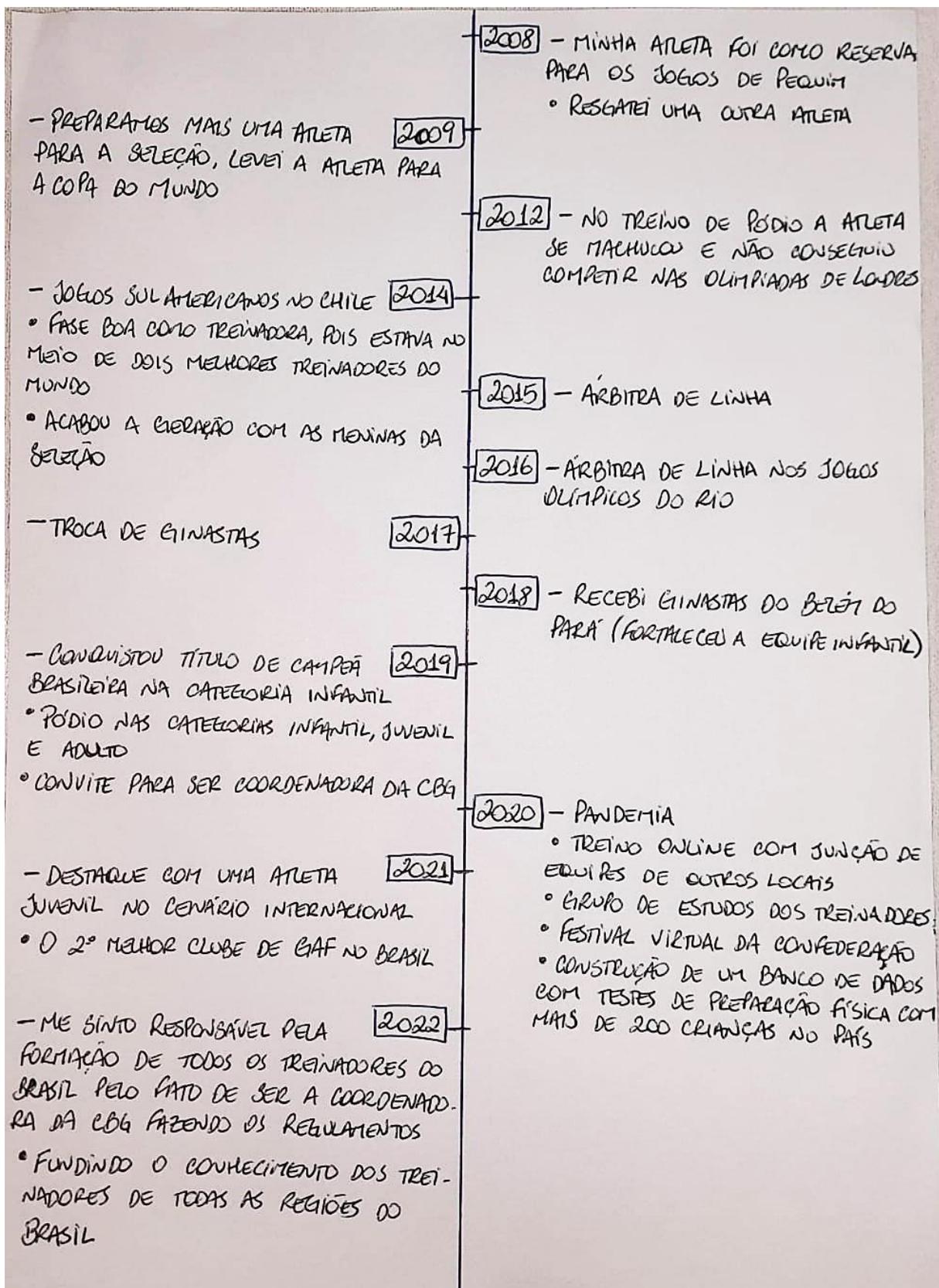
## APÊNDICE E - FLUXOGRAMA DA COLETA DE DADOS



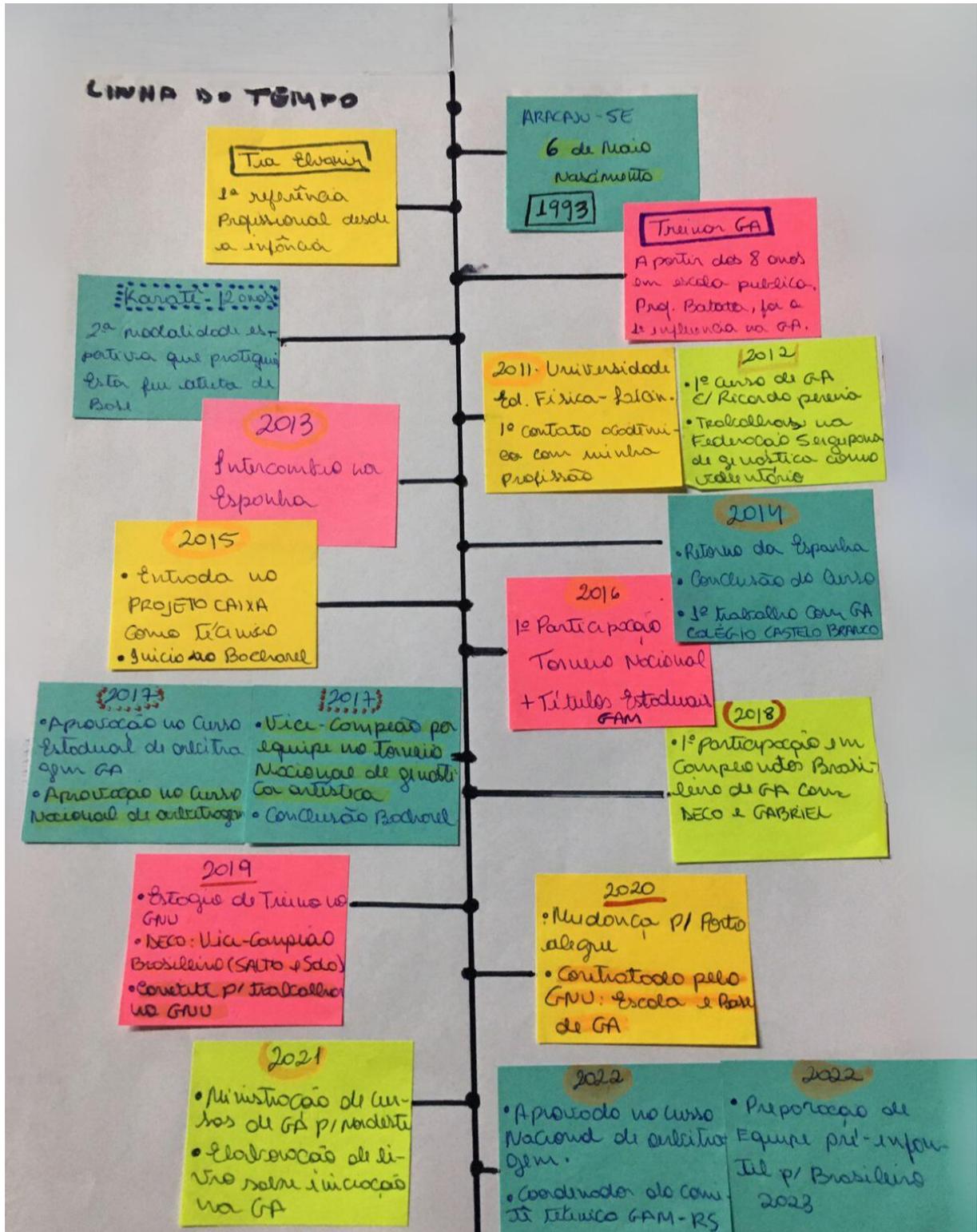
**ANEXOS**

## ANEXO A – LINHA DO TEMPO T1

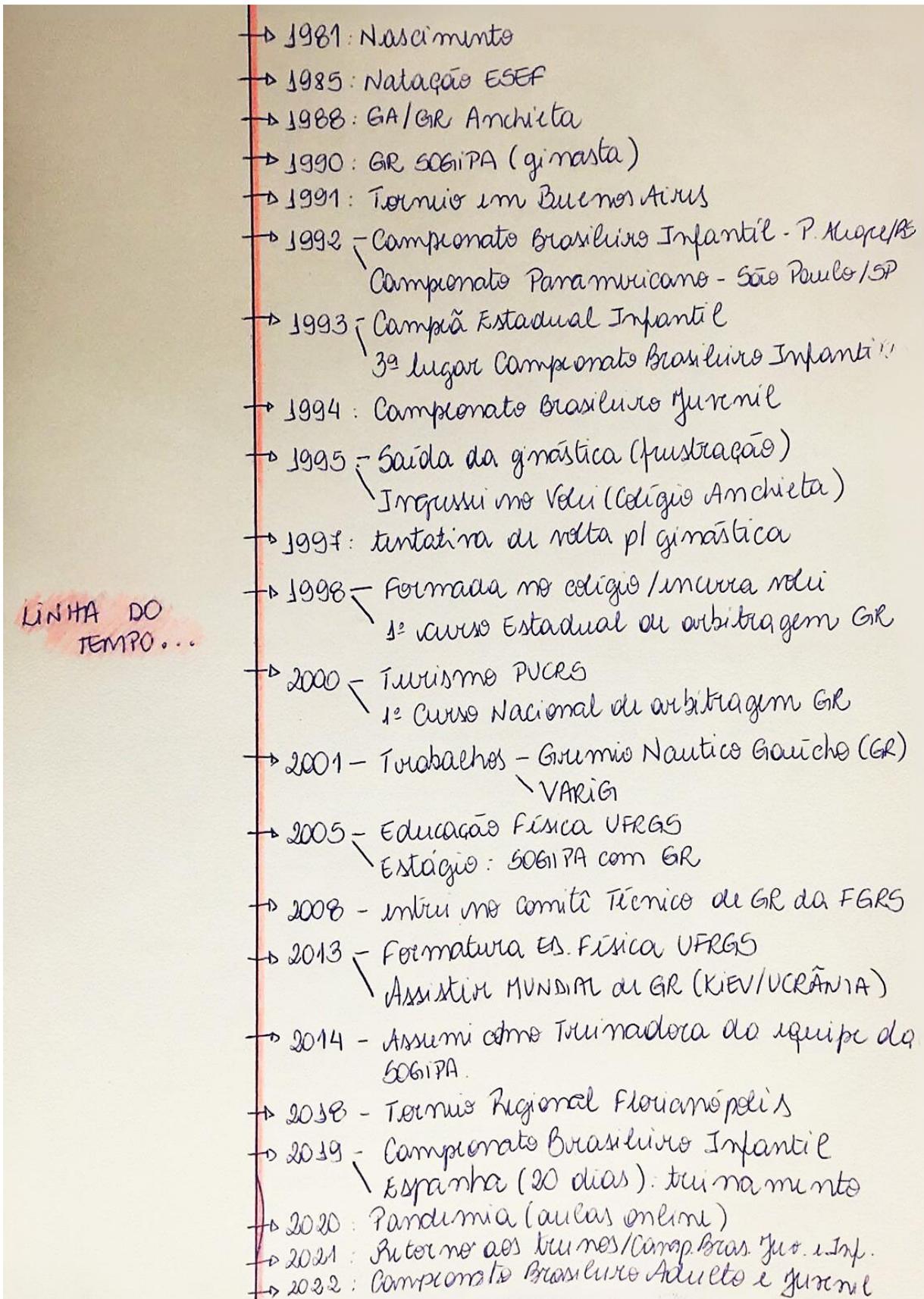




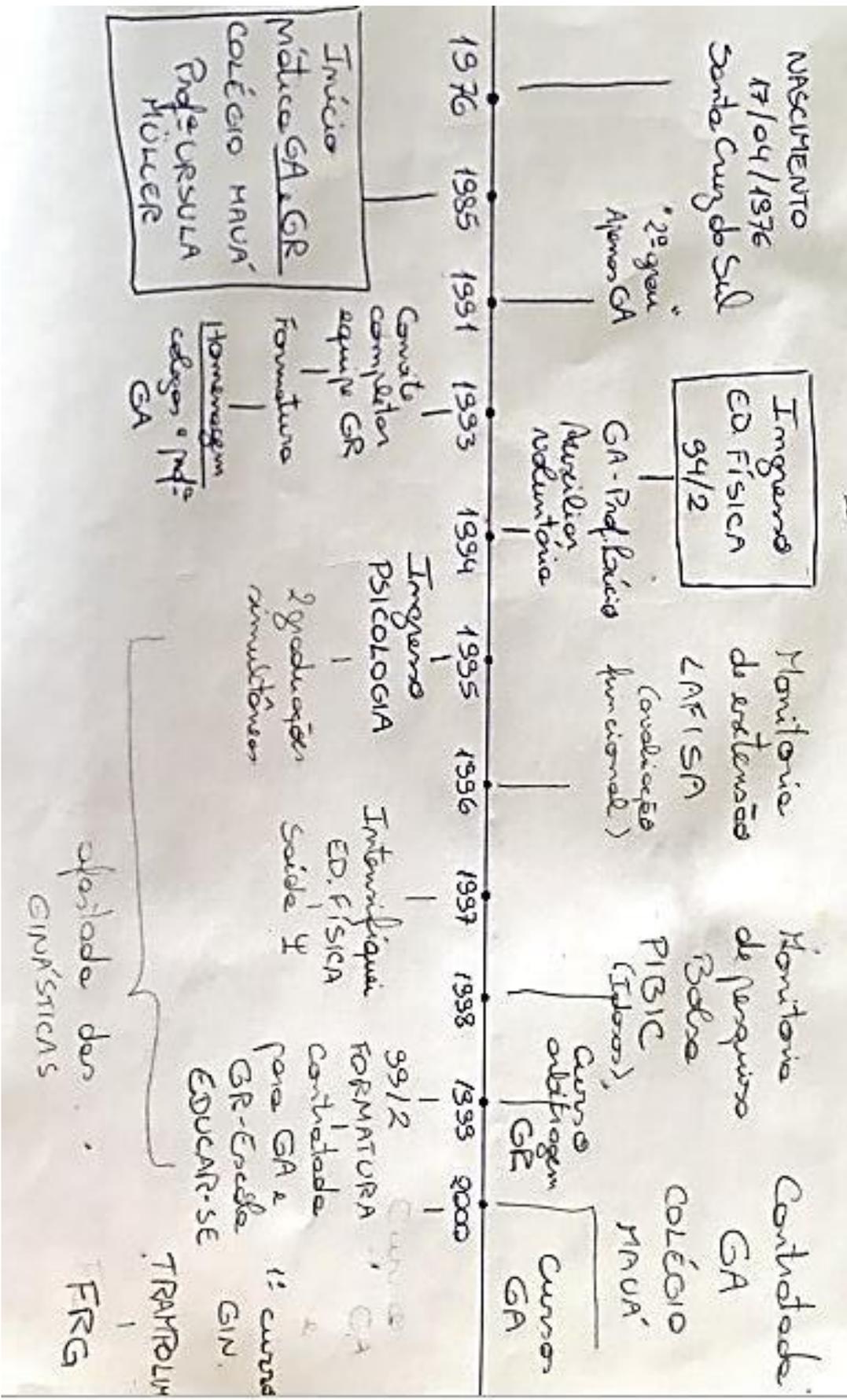
ANEXO B – LINHA DO TEMPO T2

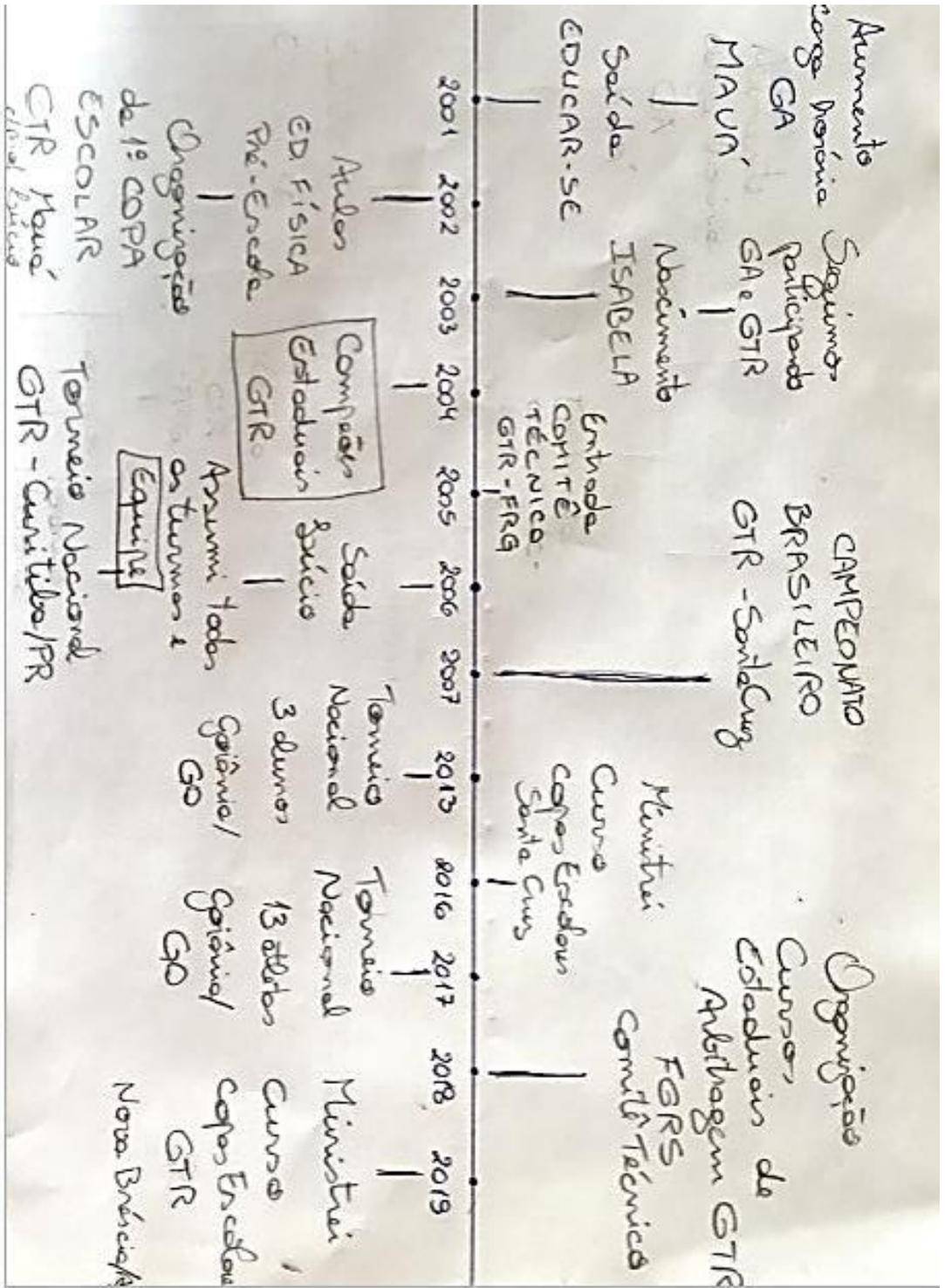


## ANEXO C – LINHA DO TEMPO T3



ANEXO D – LINHA DO TEMPO T4







## ANEXO E – CARTA DE ANUÊNCIA



Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e  
Acrobática do Rio Grande do Sul  
Filiada à Confederação Brasileira de Ginástica  
Fundada em 5 de Novembro de 2013



Declaro para os devidos fins, que autorizo a realização da pesquisa intitulada "Como nos tornamos treinadores(as)? Análise das trajetórias de treinadores(as) de ginásticas de competição", sob orientação da Pro<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anelize Ramires Costa com os treinadores do comitê técnico da Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul (FGRS).

Porto Alegre, 01 de março de 2022.

FGRS

  
João Carlos Oliva

Presidente da Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul